

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CLAUDIA BERGAMINI

**Aspectos Semântico-Lexicais da Língua Portuguesa falada por
universitários de Maputo – Moçambique**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

CLAUDIA BERGAMINI

**Aspectos Semântico-Lexicais da Língua Portuguesa falada por
universitários de Maputo – Moçambique**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2011

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bergamini, Claudia

Aspectos semântico-lexicais da língua portuguesa falada por universitários de Maputo - Moçambique. / Claudia Bergamini ; orientador Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. – São Paulo, 2011.
155 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Língua Portuguesa.

1. Língua portuguesa. 2. Sociolingüística. 3. Geografia lingüística. 4. Semântica. 5. Léxico. 6. Maputo. 7. Moçambique. I. Título. II. Santiago-Almeida, Manoel Mourivaldo.

CDD 410
469.21

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

BERGAMINI, C. Aspectos Semântico-Lexicais da Língua Portuguesa falada por niversitários de Maputo – Moçambique. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^o. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida Instituição
(orientador)
USP

Prof^a. Dra. Tania Alkmin
UNICAMP

Prof^o. Dr. Emílio Gozze Pagotto
USP

Prof^a. Dra. Margarida T. Petter
(membro suplente)
USP

Prof^a Dra. Maria Inês Pagliarini Cox
(membro suplente)
UFMT

Aos meus avôs Miro e Mário, com carinho e eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de energia e inspiração.

Ao Prof^o Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, pelo tempo e sabedoria a mim dedicados, pelo incansável apoio e incentivo ao meu desenvolvimento acadêmico, pelas tardes de orientação, pelo exemplo profissional e humano, e pela confiança e amizade durante os anos de Mestrado.

À Prof^a. Dra. Perpétua Gonçalves, pela receptividade acadêmica, orientação e atenção dispensada a mim durante o período em que estive em Maputo-MZ, para realizar as pesquisas de campo.

À Prof^a Dra. Margarida T. Petter, pelo apoio bibliográfico e por incentivar e acreditar em meu trabalho.

Aos professores doutores Tania Alkmin e Emílio Gozze Pagotto, cujas importantes considerações e críticas ao meu trabalho no exame da Qualificação possibilitaram o aprimoramento da pesquisa e o refinamento da análise dos resultados.

À Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo-MZ, pela cessão do espaço para a realização das entrevistas com os universitários.

Aos meus pais, Sérgio e Girlene Bergamini, e minha irmã, Paula Bergamini, pelas bases sólidas que me deram, pelo amor incondicional, pela torcida e vibração diante de cada vitória acadêmica.

Ao meu marido, amigo e companheiro, Lucas Bonanno, pelo carinho, apoio e paciência durante o longo período de pesquisa em Maputo e de desenvolvimento da Dissertação.

RESUMO

BERGAMINI, C. **Aspectos Semântico-Lexicais da Língua Portuguesa falada por universitários de Maputo – Moçambique**. 2011. 154f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação tem por objetivo descrever o léxico da Língua Portuguesa falada por universitários de Maputo, Moçambique. Sob um viés sincrônico, o método de coleta de dados agrega pressupostos teóricos da Geolinguística e da Sociolinguística variacionista, cujo produto é um Questionário Semântico-Lexical – QSL, de modelo onomasiológico, dividido por campos semânticos. As bases teóricas da Geolinguística são fornecidas por Brandão (1991), e as da Sociolinguística são embasadas em Tarallo (2004). O aparato cultural e histórico de Maputo é delimitado pelas considerações de Firmino (2006), Gonçalves (1995), e Mondlane (1995). O público alvo para aplicação do inquérito é constituído de sujeitos que estejam cursando ou tenham concluído o ensino superior, identificados como público universitário, com, no mínimo, 10 anos de vida escolar, divididos equitativamente em homens e mulheres de três faixas etárias (18 a 29 anos; 30 a 44 anos; 45 anos ou mais). A partir desta pesquisa será possível identificar peculiaridades intrínsecas ao processo de formação do léxico dos universitários de Maputo, contribuindo, assim, para a descrição e estudo do português falado em Moçambique.

Palavras-chave: Maputo-Moçambique, Língua Portuguesa, semântico-lexical, Geolinguística, Sociolinguística.

ABSTRACT

BERGAMINI, C. **Lexical-Semantic aspects of the Portuguese spoken by university students in Maputo – Mozambique.** 2011, 154f. Dissertation (Master) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This dissertation aims to describe the lexicon of Portuguese spoken by university students in Maputo, Mozambique. Under a synchronic bias, the method of data collection combines theoretical principles of Geolinguistics and variational Sociolinguistics, whose product is a Lexical-Semantic Questionnaire - QSL, onomasiological model, divided by semantic fields. The theoretical basis of Geolinguistics are provided by Brandão (1991), and of Sociolinguistics are based on Tarallo (2004). The cultural and historic apparatus of Maputo is delimited by considerations of Firmin (2006), Gill (1995), and Mondlane (1995). The target audience for the survey consists of persons who are completing or have completed higher education, identified as a university students, with at least 10 years of school life, divided equally in men and women, in three age groups (18 to 29 years, 30 to 44 years, 45 years or older). From this research can be identified peculiarities inherent to the formation of the lexicon of students in Maputo, thus contributing to the study and description of the Portuguese spoken in Mozambique.

Keywords: Maputo-Mozambique, Portuguese, lexical-semantic, Geolinguistics, Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa do continente africano: localização de Moçambique	18
Figura 02 – Estrutura hierárquica do governo colonial	22
Figura 03 – Mapa linguístico de Moçambique	35
Figura 04 – Localização geográfica de Maputo (A)	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	Distribuição da idade dos entrevistados por gênero	58
Tabela 02 –	Identificação de língua materna por sujeito entrevistado	59
Tabela 03 –	Vida rural – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.....	68
Tabela 04 –	Vida rural – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.....	68
Tabela 05 –	Vida rural – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.....	69
Tabela 06 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vida rural.	69
Tabela 07 –	Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	70
Tabela 08 –	Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	71
Tabela 09 –	Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	71
Tabela 10 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Fenômenos Atmosféricos.	72
Tabela 11 –	Denominações de Hortifruti – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	73
Tabela 12 –	Denominações de Hortifruti – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	73
Tabela 13 –	Denominações de Hortifruti – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	74
Tabela 14 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Denominações de Hortifruti.	74
Tabela 15 –	Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	75

Tabela 16 – Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	76
Tabela 17 – Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	76
Tabela 18 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Ciclos da vida e do corpo.	77
Tabela 19 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	78
Tabela 20 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	78
Tabela 21 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	79
Tabela 22 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Convívio e comportamento social.	79
Tabela 23 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	80
Tabela 24 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	81
Tabela 25 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 45 anos ou mais. requências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	81
Tabela 26 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Costumes, religião e crenças.	82
Tabela 27 – Jogos e diversões – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	83
Tabela 28 – Jogos e diversões – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	83
Tabela 29 – Jogos e diversões – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	84
Tabela 30 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Jogos e diversões.	84
Tabela 31 – Habitação e objetos da casa – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	85

Tabela 32 –	Habitação e objetos da casa – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	85
Tabela 33 –	Habitação e objetos da casa – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	86
Tabela 34 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Habitação e objetos da casa.	86
Tabela 35 –	Alimentação e cozinha – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	87
Tabela 36 –	Alimentação e cozinha – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	87
Tabela 37 –	Alimentação e cozinha – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	88
Tabela 38 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Alimentação e cozinha.....	89
Tabela 39 –	Vestuário e Acessórios – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	90
Tabela 40 –	Vestuário e Acessórios – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	90
Tabela 41 –	Vestuário e Acessórios – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	91
Tabela 42 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vestuário e Acessórios.	91
Tabela 43 –	Vida urbana – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	92
Tabela 44 –	Vida urbana – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	93
Tabela 45 –	Vida urbana – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	94
Tabela 46 –	Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vida urbana.	94
Tabela 47 –	Objetos – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.....	95

Tabela 48 –	Objetos – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	96
Tabela 49 –	Objetos – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	96
Tabela 50 –	Balço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Objetos.	97
Tabela 51 –	Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	98
Tabela 52 –	Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	99
Tabela 53 –	Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.	99
Tabela 54 –	Balço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Relações Comerciais e Economia.	100

LISTA DE SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico Brasileiro
FE	Faixa Etária
FRELIMO	Frente de Libertação Moçambicana
INE	Instituto Nacional de Estatística
LP	Língua Portuguesa
MZ	Moçambique
NELIMO	Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas
QSL	Questionário Semântico-Lexical
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO..... 15

Capítulo I - ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA ... 17

1.1 Moçambique 18

1.1.1 Educação e LP permeando a história 25

1.1.2 Situação linguística de Moçambique..... 33

1.2 A capital Maputo e a Língua Portuguesa 37

Capítulo II - APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO 43

2.1 Multiplicidade linguística em contato 44

2.2 Geolinguística e Sociolinguística 48

2.3 A escolha do estudo descritivo do léxico 51

2.4 A ficha do sujeito 53

2.5 Elaboração do Questionário Semântico-Lexical 55

2.5.1 O levantamento preliminar de dados 55

2.5.2 A escolha do local..... 56

2.5.3 A escolha do público-alvo 56

2.5.4 Caracterização dos sujeitos 58

2.5.5 Delimitação dos campos semânticos 60

2.5.6 Elaboração das questões 63

Capítulo III – RETRATO FALADO 66

3.1 O olhar sobre o campo semântico: gênero e faixa etária 67

3.1.1 Vida Rural 67

3.1.2 Fenômenos Atmosféricos/ Temporais 70

3.1.3 Denominações de Hortifrutí 72

3.1.4 Ciclos da vida e do corpo 75

3.1.5 Convívio / Comportamento social 78

3.1.6 Costumes/ Religião/ Crenças.....	80
3.1.7 Jogos / Diversões.....	83
3.1.8 Habitação/ Objetos da casa	85
3.1.9 Alimentação/ Cozinha	87
3.1.10 Vestuário/ Acessórios	89
3.1.11 Vida urbana	92
3.1.12 Objetos	95
3.1.13 Relações comerciais / Economia	98
3.2 Balanço geral dos campos semânticos	101
3.3 Lexias em destaque: o Bantu e a LP em contato	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
APÊNDICE A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO	116
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)	121
APÊNDICE C – TABULAÇÃO DAS 5.079 LEXIAS	137

INTRODUÇÃO

Esta dissertação mostra o resultado de uma pesquisa sobre Língua Portuguesa falada pelo público universitário em Moçambique – considerado como sujeitos que estejam cursando ou já tenham concluído o nível superior –, numa perspectiva sincrônica, com a finalidade de descrever o léxico desses sujeitos, que residem em Maputo.

Amparada em fatos históricos, políticos e culturais do país, a pesquisa apresenta um método de coleta de dados desenvolvido a partir dos pressupostos teóricos da Geolinguística e Sociolinguística Variacionista associados. O método é composto de duas etapas de entrevistas. Na primeira, propõe-se a aplicação de uma Ficha de identificação do sujeito, que aborda assuntos extralinguísticos passíveis de influência na amostra. A segunda etapa apresenta um Questionário Semântico-Lexical composto por 150 questões de modelo onomasiológico.

Como resultado da aplicação do questionário pretende-se compor um rol de lexias divididas por campos semânticos, que possam ser observadas sob o viés sociolinguístico, a partir da consideração das variáveis gênero e idade.

O objetivo principal da pesquisa é caracterizar o léxico da Língua Portuguesa falada pelo público universitário maputense – formado ou em curso – destacando possíveis influências das línguas bantu e de outros estrangeirismos nos falares das diferentes faixas etárias, apontando para favorecimentos e/ou apagamentos léxicos.

A escolha dos universitários ocorreu por constituírem um público com, no mínimo, onze anos de escolarização, fator essencial para a caracterização da língua portuguesa no país, já que a escola é o principal meio de aprendizado deste idioma.

O ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa foi o levantamento bibliográfico, *in loco*, de estudos linguísticos sobre o português de Moçambique e sobre a história do país. Em seguida, foi realizada a observação do cotidiano moçambicano, para o levantamento de dados culturais. Por fim, foram elaborados e aplicados os questionários, com trinta universitários locais.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No **capítulo I** estão dispostos os marcos históricos relevantes para o entendimento do processo de adoção e

constituição da língua portuguesa como idioma oficial. Nele são citados alguns dos acontecimentos marcantes que fizeram parte desde o processo de colonização até o de independência do país, quando se consolidou a Língua Portuguesa como idioma oficial.

No **capítulo II** estão dispostos os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram a elaboração do questionário e o cruzamento das variáveis, bem como os objetivos para a utilização dessa metodologia no que se refere às línguas em contato. Nesse capítulo também está disponível a estrutura desenvolvida para o Questionário Semântico-Lexical.

O **capítulo III** está destinado à apresentação do rol de lexias coletadas das entrevistas de aplicação do Questionário Semântico-Lexical. Nele estão dispostos os resultados obtidos dos cruzamentos das quantidades de lexias de origem Bantu e de origem LP – divididas por campo semântico – com as variáveis gênero e idade. A finalidade de tal disposição é estabelecer as frequências de uso de determinadas lexias entre gêneros e faixas etárias pré-definidas como representativas do público universitário.

Neste capítulo também serão analisadas algumas ocorrências que se destacam por peculiaridades intrínsecas ao processo de formação do léxico do público-alvo. Para algumas dessas lexias serão fornecidas as acepções dicionarizadas, para fins de compreensão.

Nas considerações finais estão dispostos comentários acerca das tendências identificadas na análise proposta no terceiro capítulo. Além disso, alguns apontamentos de sugestões para estudos posteriores são feitos com base em inferências emergentes também do quadro léxico apresentado no capítulo III.

Como apêndice à dissertação estão dispostos, nesta ordem: o modelo da ficha de identificação do Sujeito; o Questionário Semântico-Lexical elaborado; e a tabulação das 5.101 lexias realizadas pelos sujeitos entrevistados, sem incluir nessa quantidade as expressões realizadas por eles.

CAPÍTULO I

*E nada mais me perguntes,
Se é que me queres conhecer...
Que não sou mais que um búzio de carne
Onde a revolta d'África congelou
Seu grito inchado de esperança*

“Se me quiseres conhecer”
de Noémia de Sousa.

ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Pesquisar a Língua Portuguesa em Moçambique, seja para traçar um panorama geral ou para estudar fenômenos linguísticos específicos, requer conhecer sua história: os fatores de natureza social, política e cultural intrínsecos ao cenário plurilingue que apresenta.

Nessa história, Maputo – capital do país – é o principal cenário dos embates políticos e sociais, centro dos mais marcantes acontecimentos independentistas e, por consequência, local onde se concentrou a parte majoritária dos falantes de língua portuguesa de Moçambique.

A finalidade deste capítulo é explicitar alguns acontecimentos históricos relevantes ao processo de formação de Moçambique como país independente de Portugal, bem como associar tais acontecimentos à incursão da Língua Portuguesa (doravante, LP) no país e em sua capital.

A linha histórica apresentada procura abranger aspectos físicos, sociais, econômicos e políticos que podem ter influência na caracterização linguística do público-alvo em foco nesta pesquisa.

Como o local de pesquisa foi a província de Maputo, as características de constituição da LP nessa capital também foram evidenciadas para compor o cenário macrossocial dos falantes em foco.

1.1 Moçambique

Moçambique está localizado na costa oriental da África Austral e possui um território de aproximadamente oitocentos mil quilômetros quadrados de extensão. Segundo o último censo realizado no país¹, a população geral é de aproximadamente, 22,5 milhões de habitantes.

A Língua Portuguesa é oficial no país desde 1975.



Figura 01 – Mapa da África: localização de Moçambique

Em relação ao processo histórico de ocupação portuguesa no país, há um consenso sobre o fato de Vasco da Gama ter desembarcado na costa africana em 1498, porém, alguns autores defendem que a influência portuguesa em Moçambique não é tão antiga quanto se difunde nos livros.

É o caso de Mondlane (1995, p. 25)², que confirma as visitas portuguesas ao território, com fixação de alguns pontos de comércio, mas chama atenção para o fato de que já no século XV existiam “estados Bantu bem organizados e materialmente

¹ Dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique – INE.

² Eduardo Mondlane era sociólogo, professor e militante do principal partido político existente em Moçambique, a FRELIMO. Trabalhou para as Nações Unidas e lutou com veemência pela independência do país, mas foi morto antes de conseguir alcançá-la.

avançados”, cujos povos “mantiveram durante séculos relações com os portugueses nos termos por si escolhidos, sendo a influência portuguesa exercida mais através de intrigas na corte e chantagem religiosa entre os poucos convertidos do que através de qualquer força política ou cultural na área”.

O sociólogo conta que o então território que hoje é conhecido como Moçambique possuía um riquíssimo comércio de ouro, marfim e pedras preciosas dominado pelos povos swahili³, levando os portugueses, logo após seu primeiro contato, a cobiçar posições de controle. Tais posições foram conseguidas a partir de manobras que tiraram partido das “rivalidades que existiam entre os xerifes e os xeiques de cidades-estado como Pate, Melinde, Quíloa, Zanzibar, Moçambique e Sofala”.

Sobre o encontro entre os portugueses e os povos swahili, Cabaço (2007, p.28) explica os interesses comuns no território africano:

No oceano Índico, até então dominado por navegadores e mercantes swahili, árabes e indianos, novos interlocutores se inseriram na disputa por rotas marítimas vitais de acesso ao oriente e por posições privilegiadas para o comércio de produtos locais (produtos agrícolas “exóticos”, marfim, penas de avestruz, ouro, prata, especiarias, etc.) (...)

Então a inserção portuguesa no território Moçambicano está diretamente ligada às relações comerciais e de exploração de riquezas, sobretudo na região costeira. Mondlane (1995, p. 28) endossa que o primeiro contato foi, portanto, bastante superficial e “com o grosso dos povos de língua Bantu”.

Tarallo e Alkmin (1989, p. 122) também expõem argumentos que retiram Portugal do lugar de primeiros colonizadores de Moçambique. Segundo os autores, no século XV “os portugueses iniciaram a exploração das costas africanas, criando e formando entrepostos comerciais no litoral e colonizando ilhas”.

Para estes autores, o século XVI, que marca as grandes navegações, foi o apogeu do poder português, então pioneiro nas viagens e posteriores conquistas territoriais no Oriente, África e América, antes mesmo das grandes potências como

³ Swahili é o nome da cultura supranacional que compreende os povos desde o sul do Sudão ao Norte de Moçambique que comerciavam na costa Índica, realizando trocas com o Norte da África e o Oriente.

França, Inglaterra e Holanda. O país estabeleceu relações comerciais tanto com os países explorados quanto com essas grandes potências.

Mondlane (1995, p. 27) explica que mesmo tendo sido o primeiro país europeu a exercer a exploração de certas regiões do continente africano, os portugueses “nunca foram capazes de impor um controlo duradouro”.

Mesmo na faixa costeira, que ia de Cabo Delgado à cidade-estado de Sofala, os islâmicos conseguem ressurgir como emergentes no comércio por volta do ano de 1.700.

Assim, ao longo dos 200 anos que seguem o final do século XVII, Portugal explorou e construiu riquezas na região costeira a partir de conflitos com os povos swahili.

Paralelamente à ocupação da costa, Cabaço (2007, p. 29) conta que “na busca do ouro, prata e marfim, ou no esforço de estender suas redes comerciais aos potentados do interior”, alguns poucos portugueses lançavam-se ao interior, “preferencialmente subindo os rios” – prioritariamente o Zambeze – criando estratégias para sua sobrevivência individual, muitas vezes por meio do casamento com as “filhas de linhagens predominantes”.

Lentamente, então, os portugueses tomaram o interior e, conforme narra Mondlane (1995, p. 32), em meados do século XVIII “a autoridade portuguesa estava firmemente implantada nas regiões do centro e do norte de Moçambique”.

A morosa ocupação do interior foi realizada com determinadas estratégias. Mondlane (1995, p. 33) destaca: a infiltração por meio da falsa intenção de comércio, que permitia aos portugueses, sob o pretexto de traçar rotas comerciais, elaborar minuciosos mapas do interior para posterior dominação por força militar; homens brancos que pediam pequenos pedaços de terra para produção de subsistência e, após a cessão, os pseudo produtores passavam a reivindicar terras comunitárias e escravizar os povos locais; e missionários portugueses que espalhavam a fé cristã como forma de sedução do gentílico, para que, enquanto isso, forças militares não encontrassem resistência à sua infiltração.

Já nos estados em que a organização política e social fosse mais forte, os portugueses lançavam mão de diplomatas para intermediarem as relações com os

chefes de estado para, após o estudo das fraquezas do inimigo, poderem descobrir álibis para a dominação.

Para Gonçalves (1996, p.16), o ano de 1886 marca o início das campanhas de ocupação do território moçambicano. Nesta data ocorreu também a Conferência de Berlim, congresso que teve duração de três meses, de novembro de 1885 a fevereiro de 1886, do qual participaram quinze países, sendo treze deles europeus, com colônias em África; além da participação dos Estados Unidos, país em ascensão econômica na época; e da Turquia, que ainda era o centro do comércio do oriente.

Porém, segundo Cabaço (2007, p.33), antes desta conferência de Berlim havia acontecido uma outra, em Bruxelas, sem a participação de Portugal. O autor explica que a exclusão do país deveu-se à pouca importância que as principais potências coloniais atribuíam a ele, “em virtude da escassa ocupação dos territórios no ultramar”. Desse fato é possível depreender o declínio do prestígio de Portugal e o fracasso em suas atividades de exploração ultramarina.

A Conferência de Berlim foi decisiva para as potências comerciais da época, inclusive para Portugal, porque definiu legalmente – e em linha reta no mapa – a partilha da África entre os países participantes, dando a eles o direito de ocupação e exploração dos territórios.

Mesmo que a data de ocupação dos territórios moçambicanos, definida por Gonçalves, não seja provada, o fato a ser considerado é que a partilha da África ocorrida na Conferência de Berlim justificou a dominação territorial e o estabelecimento de Portugal nas localidades africanas a que tinha direito.

Todavia, Portugal não tinha mais o prestígio inicial, do período das grandes navegações, época em que não investiu na exploração africana. O país agora em declínio, lançou-se à exploração da África com aparente fraqueza, sendo uma iniciativa do “senso comum dos funcionários e dos aventureiros”.

As consequências dessa exploração não qualificada e displicente foi uma presença pouco incisiva de Portugal nos territórios africanos, fracasso inicial que foi atrelado à igreja católica e à desestruturação cultural.

Portanto, a presença portuguesa só passou a ser efetiva no território hoje denominado Moçambique, no início do século XX. Mondlane (1995, p. 33) conta que

foi nesse período que “os portugueses começaram a implantar o seu sistema de administração”. Gonçalves (1996, p.16) afirma ser 1918 o ano que “marcou o fim das campanhas militares de ocupação sistemática do país”, quando os portugueses conseguiram esmagar a resistência armada africana em todo o território moçambicano.

Foi a partir desse momento que o governo português começou a colocar em prática alguma política colonial. Mondlane (1995, p. 34) explica que a estrutura administrativa foi organizada da seguinte maneira:



Figura 02 – Estrutura hierárquica do governo colonial (1918).

Alguns líderes africanos tiveram seu cargo mantido, mas apenas como facilitadores do trabalho dos chefes de posto e administradores de circunscrição, para os quais os africanos deviam prestação de contas. Portanto, não eram mais líderes locais, e sim representantes manipulados pelo governo colonial.

Todo esse cenário administrativo em desenvolvimento era permeado pelas missões da igreja católica que, com premissas cristãs, incutia nos africanos o discurso pacificador.

Na sociedade colonial em África estarão frente a frente, bem demarcados, não só o “branco e preto”, “indígena e colonizador”, mas também “civilizado e primitivo”, “tradicional e moderno”, “cultura e usos e costumes”, “oralidade e escrita”, “sociedade com história e sociedade sem história”, “superstição e religião”, “regime jurídico europeu e direito consuetudinário”, “código do trabalho indígena e lei do trabalho” etc., todos eles conceitos marcados pela hierarquização, em que uns se apresentam como a negação dos outros (...) (CABAÇO, 2007, p. 38.)

No processo de dominação houve espaço para a administração territorial arrendar muitos territórios moçambicanos a empresas internacionais, garantindo uma ordem econômica que assegurasse os interesses das potências europeias.

Essas empresas adquiriram direitos inclusive sobre o gentílico. Assim, os africanos estavam sujeitos ao governo colonial e ao governo das companhias estrangeiras que, segundo Mondlane (1995, p. 34), “tinham amplos poderes para abrigar todos os homens, e por vezes também mulheres e crianças, fisicamente aptos, a trabalhar nas suas plantações com salários irrisórios”.

Porém, as companhias estrangeiras nacionalizadas – tendo como principais, ao Norte, a Companhia de Moçambique, a Companhia do Niassa e a Companhia da Zambézia, e ao sul algumas pequenas companhias responsáveis pela construção de portos e caminhos de ferro e para exploração de minerais – não foram economicamente atrativas, mantendo assim a economia agrícola como a principal fonte de lucro.

Em 1901 iniciou-se uma política de terras, declarando-se propriedade do Estado toda a terra que não era propriedade privada. Dado que os diferentes tipos de propriedade da terra existentes entre os africanos não eram considerados como propriedade privada, isto fez com que virtualmente toda a terra pertencesse aos africanos e por eles cultivada passasse para o controlo do governo. (MONDLANE, 1995, p. 35).

Tal lucro era garantido, também, pela exploração da mão de obra africana. Se no período pré-colonial o tráfico de escravos africanos pelo governo português era a atividade mais rentável – fato também intrínseco à história do Brasil – no período colonial era o trabalho escravo que rendia os maiores montantes à administração colonial e a exploração dele se tornou um dos pilares da economia, conforme conta Mondlane (1995, p.37):

A necessidade de mão-de-obra era tal que as companhias mineiras estavam dispostas a pagar ao governo colonial uma compensação por cada trabalhador enviado. Foram assinadas várias convenções entre a União da África do Sul e Moçambique, e em 1903, a Associação de Mão-de-Obra Nativa em Witwatersrand recebeu plenos direitos para recrutar mão-de-obra em Moçambique.

Essa disposição na venda de mão de obra para a África do Sul ocorreu porque foram descobertas jazidas de diamantes neste país, o que tornou mais vantajoso negociar a força de trabalho – cuja procura era grande – do que o próprio produto do garimpo.

Cabaço (2007, p. 64) fixa 1836 como o ano de promulgação do decreto que proíbe “a exportação de seres humanos através do mar para as colônias da América”.

Também Mondlane (1995, p. 37) fala sobre um decreto que transformou a condição dos escravos para libertos, em 1869. Muitos moçambicanos tornaram-se improdutivos dentro de seu próprio país, estando sujeitos às imposições dos colonos em troca de alguma porção de terra ou de comida.

O consenso entre essas outorgas legais é que não foram resolutivas na questão da exploração da mão-de-obra. Mesmo havendo esses entraves legais ao tráfico, promulgados por uma corte remota, havia uma complacência entre as elites crioulas e algumas chefias locais para a continuidade do negócio. Segundo expõe Cabaço (2007, p. 64), “o regime escravocrata persistiu oficialmente nas colônias até abril de 1878, quando foi substituído por regimes laboristas especiais que incluíam o trabalho forçado”.

Mondlane (1995, pp. 78-79) conta que as formas de trabalho abusivas englobavam: trabalho correcional, dado após sentença de prisão por não pagamento de impostos; trabalho obrigatório, mal pago, destinado à construção de estradas e outras obras públicas; trabalho contratado, vinculado a um contrato que sujeita o trabalhador à sanções correcionais caso falte às suas obrigações; trabalho voluntário, geralmente caracterizado pelo trabalho doméstico; cultivo forçado, quando o trabalhador é pago apenas pelo que colhe; e mão de obra de exportação, sobretudo para a África do Sul.

Essa relação entre os africanos e a administração colonial fica bem clara no final do século XIX. Mondlane (1995, p. 42) afirma que havia uma “nítida separação de dois códigos administrativos, um para africanos e outro para europeus”.

No início do século XX essa distinção foi ainda mais acentuada por medidas legislativas que concediam privilégios aos portugueses, com melhores empregos e acentuada qualidade de vida.

As considerações de Cabaço (2007, p. 67) endossam a ausência de distinção entre o trabalho escravo e o trabalho obrigatório:

Na realidade, ambas eram a negação do “trabalho livre”. A diferença essencial residia no fato de que o escravizado constituía, para o seu proprietário, um fator de produção que era, simultaneamente, capital investido, enquanto a relação com o trabalhador forçado era exclusivamente de uso e de expropriação intensiva de sua capacidade produtiva. Um trabalhador forçado, uma vez exaurida sua força anímica, era facilmente substituído sem encargos adicionais para o colono.

A exploração da mão de obra e dos recursos naturais, bem como o desenvolvimento da indústria local reverteu-se em lucro majoritário para a colônia. Uma pequena parcela permaneceu na capital, Lourenço Marques, centro econômico do país.

1.1.1 Educação e LP permeando a história

Paralelamente a esse cenário político, militar e econômico, o sistema educativo formal estava estagnado na manutenção de escolas jesuíticas, que tinham como objetivo ensinar a Língua Portuguesa aos colonos sob a ótica católica, como uma forma de dominação e apenas para o contato fático.

E para esta finalidade não havia muitas instituições de ensino. Segundo Gonçalves (1996), em 1890 havia apenas uma escola primária no país.

Depois do período de ocupação maciça de Moçambique – pós Conferência de Berlim – o número de escolas aumentou e, em 1915, já eram sessenta e oito instituições. A preocupação portuguesa era aumentar o número de falantes da LP e assim poder estreitar laços comerciais e de dominação territorial.

Fazendo parte desse processo de dominação, em 1917 institui-se o estatuto de *assimilados* a uma pequena elite africana emergente, *status* este que perdurou

oficialmente até 1961. Segundo o antropólogo Sumich (2008, p. 324), essa condição foi “em grande medida, criada pelo Estado colonial, com vista a limitar o poder das velhas elites crioulas”. Os assimilados, em tese, deveriam ter os mesmos benefícios civis que os portugueses, mas muitos desses direitos não tinham expressão prática:

Para se obter o estatuto de assimilado era necessário satisfazer determinados critérios legais. Os candidatos tinham de jurar lealdade ao Estado colonial, falar apenas português nas suas casas, adoptar hábitos «europeus», abandonar crenças «bárbaras» e obter um atestado de um funcionário português que garantisse a sua probidade. Quem cumprisse estes requisitos recebia, teoricamente, os mesmos direitos legais que os portugueses. (SUMICH, 2008, p. 325)

Então, a política dos assimilados, endossada pelas bases do Código de Assistência ao Nativo, promulgado pelo governo Português em 1921, endossava o carácter de exclusão dos africanos. Segundo conta Mondlane (1995, p. 43), tal código definia “africano civilizado” como sendo “aquele que sabia falar português, que estava desligado de todos os costumes tribais, e que tinha emprego regular e remunerado (...) os africanos que não correspondessem a essa descrição ficariam sob a autoridade dos administradores”.

Cabaço (2007, p. 54) conta que as elites coloniais estabeleceram uma política de desestruturação da sociedade tradicional, que ia desde o deslocamento de estruturas e de trabalhos forçados, até a importação de patologias.

Nesse começo de século XX, segundo narra Firmino (2006, p. 69) “tornou-se política obrigatória que todas as escolas usassem o Português como meio de ensino”. Então a LP era aprendida majoritariamente por essa pequena elite de assimilados, que dentre privilégios como isenção de trabalhos forçados e acesso facilitado à residência urbana, tinha também o direito à educação formal e ao emprego, tornando-se, portanto, professores, enfermeiros, ferroviários e pequenos funcionários públicos.

Portanto, a LP em Moçambique foi sendo cristalizada como a língua do colonizador e das elites, adquirindo um estatuto de superioridade em relação às línguas bantu locais. Estas foram banidas dos domínios institucionais pelos portugueses e qualquer ação no sentido de sua retomada era condenada pelo governo português.

Em 1930 é promulgado o Acto Colonial, que legislava sobre a relação de Portugal com as colônias. Gonçalves (1996, p.29) explica que a partir do Acto “alargam-se os focos de desenvolvimento que podem constituir uma rede social importante do ponto de vista da implantação da língua. A nível da educação destaca-se a criação do ensino indígena, com o qual se pretende atingir a população local, dando-lhe acesso à instrução formal em português.”

Percebe-se, então, que o país vivia um paradoxo linguístico, pois ao mesmo tempo em que a LP era de acesso formal de uma minoria pertencente à elite que frequentava as escolas, era também amplamente exigida pelos dominadores nas relações cotidianas com os colonos, que eram obrigados a aprender regras básicas da língua para estabelecer um mínimo contato.

Assim, conforme conclui Firmino (2006, p. 69), o amplo domínio da LP era encarado como um “capital social distintivo nas mãos daqueles que haviam tido acesso à educação, o que os separava do resto da população”. Então a difusão da LP em Moçambique está intrinsecamente ligada ao caráter histórico de dominação portuguesa no país, o que não aconteceu de forma linear.

Cabaço (2007, p. 56) conta que no início dos anos 60 havia um toque de recolher, nas cidades, para os negros, que evidenciava o caráter elitista ligado à LP, enquanto seu domínio normativo:

Depois das 21 horas qualquer indivíduo africano que circulasse pelas ruas era parado pelos policiais e tinha de provar sua condição de assimilado ou justificar sua situação. Curiosamente, bastava que fosse portador de um bilhete manuscrito do “patrão”, e que o policial acreditasse na sua veracidade, para que não fosse detido. A “qualidade” da redação em português certificava a autenticidade do bilhete, tal era o abismo simbólico que separava “senhores” e “servos”.

Mondlane (1995) afirma que em 1962, dois anos antes do início da luta armada pró independência, o reconhecimento de Moçambique como país africano era ínfimo em relação aos outros países da África portuguesa. O autor conta que a luta armada de 1964 – estopim independentista – não foi de grande impacto para a comunidade internacional.

Mais do que a guerra de independência em relação a Portugal, chamava a atenção da comunidade internacional a rota de comércio que havia sido retomada

para a Cidade do Cabo e, por isso, fazia dos portos orientais locais importantes para a entrada e saída das riquezas africanas ou de passagem de mercadorias europeias para alguns pontos estratégicos do continente.

Diante deste despertar para a localização estratégica de Moçambique, parece Portugal ter entendido que sozinho teria dificuldades para manter sua hegemonia:

A afluência de capital estrangeiro às colônias poderia tanto aliviar os encargos financeiros como atrair algum apoio político por parte de grupos estrangeiros interessados. Assim, as antigas leis que restringiam o investimento estrangeiro foram abandonadas em favor de uma política de “portas abertas” que originou um afluxo de moeda estrangeira. (MONDLANE, 1995, p. 26)

Nessa mesma época, após a Segunda Guerra Mundial, a influência das organizações internacionais em todo o mundo foi também percebida em territórios africanos. Portugal, sob o regime autoritário do Salazar, resistiu ao máximo para manter sua hegemonia, mas segundo conta Mondlane (1995, p. 43), “começou a sentir a necessidade de defender a sua posição de colonizador”, e acabou tendo que tomar “algumas medidas para modernizar a estrutura das colônias”.

Assim, transformou o *status* de “colônia” para “províncias ultramarinas”, além de distinguir os cidadãos moçambicanos segundo seu estatuto: assimilados ou indígenas. Outra medida tomada foi a abertura do País ao capital estrangeiro, anteriormente restrito. Segundo conta Mondlane (1995, p.80) isso ocorreu por volta de 1960, mesma época em que foram descobertos importantes recursos minerais em Moçambique, o que motivou ainda mais a participação internacional no País.

A relação de Portugal com a então província ultramarina estava totalmente voltada ao atendimento de seus interesses exploratórios, restringindo e aumentando os impostos de produção de bens de subsistência africanos, para que a produção local não chegasse a competir com a produção para exportação.

Mas os cidadãos moçambicanos não estavam passivos diante deste cenário de dominação estrangeira. E foi na escola, com a geração que cresceu após a segunda Guerra Mundial, que começaram a surgir os primeiros movimentos revoltosos contra os sistemas de dominação e discriminação portuguesa:

Foi na escola que começaram a desenvolver suas ideias políticas e foi na escola que começaram a organizar-se. O próprio sistema de educação português era motivo de descontentamento. Os poucos africanos e mulatos que atingiram a escola secundária fizeram-no com grande dificuldade. Eram constantemente discriminados nas escolas frequentadas predominantemente por brancos. (MONDLANE, 1995, p. 95)

O modelo escolar que se apresentava, além de discriminatório, oferecia aos alunos um conteúdo totalmente voltado a Portugal e aos interesses coloniais, anulando a cultura local e a vivência do aluno em suas raízes africanas.

Tais características contribuíam para o descontentamento dos estudantes, o que fomentou a formação de núcleos estudantis em prol da independência. Enfrentaram o exército português e se uniram a outras organizações independentistas que tinham os mesmos pensamentos libertários.

Além dessa elite frequentadora do ensino formal, também o proletariado moçambicano teve grande participação no movimento em prol da independência. Conforme conta Mondlane (1995, p. 96), “foi entre o proletariado urbano que surgiram as primeiras experiências de resistência ativa e organizada”, decorrentes de um profundo descontentamento em relação às condições de trabalho e de extrema pobreza a que eram submetidos. Mondlane (1995, p. 98) conta que em 1960 houve, em Mueda – Província de Cabo Delgado – uma agitação revoltosa que culminou no massacre de mais de 500 trabalhadores, mortos a tiros pelo exército português.

Da união entre os movimentos estudantis com a resistência do proletariado, formou-se, em 1962, a Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO), principal organização política de Moçambique contra a ocupação colonial.

As reuniões do recém formado partido político, no entanto, aconteciam em caráter sigiloso, porque Portugal proibia quaisquer formações políticas nesse período, já que tensões revoltosas por parte dos moçambicanos eram cada vez mais frequentes.

Paralelamente, algumas ações de cunho filantrópico eram lançadas na Europa, por intermédio de associações que tinham africanos em suas formações, mas que visavam à incursão de modificações sociais em prol de um pensamento nacionalista que despertasse os moçambicanos para a independência.

A FRELIMO foi formada por três grupos independentistas existentes no país, e seus componentes eram provenientes de diversas regiões, grupos étnicos, raças, religiões, origens sociais e, portanto, falantes de diferentes línguas, fato que dificultava desde a comunicação interna da organização, até os planos estratégicos em prol da independência e o contato com as elites coloniais.

Mondlane (1995. p. 87) conta que a FRELIMO não foi um movimento que nasceu de forma organizada, mas sim a partir de um sentimento consensual de revolta diante da exploração colonial. O autor explica que a comunicação entre as diferentes províncias moçambicanas era muito difícil e complicada, sobretudo pelo plurilinguismo presente, o que “atrasou o desenvolvimento de uma consciência única em todo o espaço territorial”.

Era imprescindível, então, que fosse adotada, dentro do partido, uma língua que pudesse estabelecer a comunicação e alcançar um maior número de filiados. Mesmo sendo a língua do colonizador, a decisão foi pela Língua Portuguesa, por ser este o idioma mais comum aos estratos envolvidos no movimento independentista.

Mas essa escolha gerou alguns entraves, sobretudo de ordem educacional, conforme narra Mondlane (1995, p. 105):

(...) o sucesso da futura acção armada levaria à necessidade de ter pessoas com diversas qualificações técnicas e um certo nível de educação básica. Além disso, o estado de ignorância que a população tinha sido mantida impedia o desenvolvimento de uma consciência política (...) Foram elaborados em paralelo um programa militar e um programa educacional, como aspectos essenciais da nossa luta.

Para suprir o problema do despreparo educacional das milícias moçambicanas, o próprio exército criou métodos de alfabetização para seus recrutas que, segundo Mondlane, “sempre que possível, aprendem a ler, escrever e a falar português”.

O autor chega a afirmar que a parte majoritária dos moçambicanos falantes de LP no período aprenderam o português na guerra e não nas escolas portuguesas e que, dentro do exército, muitos nativos aprenderam também como gerir seus grupos e dirigir os combates, passando posteriormente a ocupar cargos importantes dentro da organização.

Os programas de alfabetização de adultos durante a guerra permitiram que muitos moçambicanos, das cidades e das províncias, passassem a ter contato com a palavra escrita e entenderam o poder que estava incutido em seu aprendizado, em termos políticos e intenções independentistas. Surge então uma cultura revolucionária e de militância.

Levando em consideração que todas as formas de comunicação eram realizadas por meio da administração colonial e, portanto, em LP, infere-se que poucos eram os cidadãos das províncias que tinham algum contato com a movimentação em prol da liberdade de Moçambique. Este era um movimento que acontecia, sobretudo, na capital.

O cenário então era de um movimento libertário emergente de uma certa elite africana, formada por assalariados, intelectuais, assimilados e mulatos, que detinha a educação formal necessária para entender e defender interesses nacionalistas. E era nas cidades, onde a força da colonização estava latente que emergiam as formações de movimentos em prol da independência.

Outro ponto é que, devido à ampla extensão territorial do país, em algumas áreas mais afastadas da capital, o contato com os portugueses era tão pequeno que o povoado não entendia o sentido da guerra.

Havia alguns grupos no Niassa Oriental que nunca tinham visto um português antes do início da presente guerra. Nessas áreas as pessoas não têm a noção de pertencer nem à nação e nem à colônia, e foi-lhes bastante difícil a princípio compreender o significado da luta. A chegada do exército português, porém, rapidamente alterou esta situação. (MONDLANE, 1995, p. 87)

Aos poucos, o movimento independentista alcançou as cooperativas produtoras e tomou uma amplitude que as forças armadas portuguesas começaram a conter com violência. E em 25 de setembro de 1964, inicia-se a luta armada em prol da independência de Moçambique.

Mondlane (1995, p. 113) conta que dois meses após o início da guerra, os combates já haviam se estendido para as províncias de Cabo Delgado, Niassa, Zambézia e Tete, “forçando os portugueses a dispersar as suas tropas e impedindo a realização de um contra-ataque eficaz ou permanente”.

O país foi sendo, então, devastado pelos combates independentistas. Juntamente com a expulsão de muitos colonos, houve também a ausência de alguns serviços básicos, o que não havia sido previsto pelas lideranças libertárias. Segundo Mondlane (1995, p. 131), a FRELIMO precisou então ocupar-se de “satisfazer as necessidades materiais, assegurar um abastecimento adequado de alimentos, e fornecer outros artigos importantes tais como vestuário, sabão e fósforos. Depois era preciso criar serviços de saúde e educação, e organizar sistemas administrativos e judiciais”.

O autor conta que, em 1968, aconteceu um Congresso organizado pela FRELIMO, no qual foram fixadas as resoluções sobre a continuidade dos conflitos em prol da independência. Dentre elas, destacam-se: a caracterização de Portugal como um governo fascista; o travamento de uma guerra de “independência ou morte”; reconhecimento de um exército Moçambicano fraco militarmente; caracterização da luta como sendo popular; necessidade de mobilização do povo moçambicano por meio de milícias populares de apoio; definição da política de manutenção e administração das zonas libertas; melhorias nas condições sociais das massas.

Foram fixadas também resoluções ligadas à educação, das quais se destacam:

- a) Acelerar o desenvolvimento das escolas primárias. (...)
- c) Promover uma vasta campanha de alfabetização das massas populares, homens e mulheres; jovens e adultos. (...)
- g) Estabelecer um sistema que permita aos estudantes interromper temporariamente os estudos para participarem nas campanhas de ensino e de alfabetização.
- h) É dever de todos os estudantes Moçambicanos participar, sempre que for necessário, nas várias tarefas da luta de libertação nacional. (...) MONDLANE (1995, p. 150)

Em 1969⁴, Eduardo Mondlane, então presidente da FRELIMO, é assassinado. Samora Machel, outro líder local, assume a presidência da Frente e intensifica a luta armada em prol da libertação. Como resposta, as tropas portuguesas iniciam a

⁴ As informações que seguem até o final deste item são constantes do site do Ministério do Turismo de Moçambique. Disponível em: www.mitur.gov.mz. Acesso em 05/09/2010.

“operação Nó Górdio”, que destrói grande parte das forças da FRELIMO ao norte de Moçambique.

A Frente, então, decide avançar para o Sul, onde a presença portuguesa sempre foi mais efetiva devido à proximidade com Maputo. O grande contingente de tropas portuguesas neste local resultou num verdadeiro massacre dos soldados moçambicanos que lutavam pela independência.

As guerras independentistas só perderam força devido à Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal, em 25 de Abril de 1974, ocasião em que o Salazar é deposto. Esse fato refletiu diretamente em Moçambique, pois uma vez que a metrópole estava politicamente desestabilizada, as ordens militares também não se faziam intensamente efetivas.

Assim, Moçambique iniciou um processo de negociação em prol da independência, que foi proclamada em 25 de junho de 1975. Porém, os tempos de paz ainda não eram vindouros. A Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), novo partido político em formação, apoiada pelo regime do Apartheid da África do Sul, declarou guerra civil à FRELIMO.

Essa guerra teve a duração de dezesseis anos, até que um acordo de paz entre as duas vertentes políticas, assinado em 1992, unificou os exércitos e colocou fim aos conflitos. Todavia, as eleições diretas só aconteceram em 1994, por incompatibilidade entre os partidos.

1.1.2 Situação linguística de Moçambique

Após a independência de Moçambique, em 1975, a LP foi adotada como idioma oficial, fato que, segundo Firmino (2006) e Gonçalves (1996), foi motivado por ser uma ferramenta de unidade nacional e de comunicação e integração com a comunidade internacional.

Firmino (2006, p. 45) explica que a LP era a única capaz de agregar a elite escolarizada, presente em pequeno número nas diferentes regiões do país. Por isso, sua adoção como língua oficial se tratava também de uma política linguística usada pelos que já estavam no poder “para o manter, bem como seus privilégios”, já que a

oficialização dessa língua foi destituída de medidas eficazes que garantissem o acesso da maioria dos cidadãos ao seu aprendizado.

O alargamento das relações com a LP fomentaram as mesclas entre este idioma e as línguas Bantu. Firmino nomeia as línguas utilizadas pelos colonizadores de um país – portanto imposta – como “língua ex-colonial”. É o caso da LP falada anteriormente ao processo de independência de Moçambique.

E, por ser então uma língua de dominação, portanto pouco dominada pelos colonizados, muitas mesclas linguísticas surgem do contato entre a LP e as línguas locais, com influências mútuas em seus sistemas. Firmino explica (2006, p.46):

as línguas ex-coloniais não permaneceram como produtos estáticos, mas adquiriram novos significados simbólicos e aspectos estruturais, elevando-se ao estatuto de variantes linguísticas com valor próprio e não exclusivamente como meras distorções folclóricas das línguas europeias.

Então, essas influências presentes na LP como língua do colonizador permanecem após sua instituição como idioma oficial. E se as línguas locais são a causa do aparecimento dessas novas significações simbólicas e estruturais – as mesclas linguísticas – há que se considerar sua totalidade para buscar as influências nos falares do país. Conforme aponta o Mapa Linguístico⁵ abaixo, são vinte línguas locais em Moçambique, todas pertencentes à família Bantu:

⁵ Fonte: NELIMO, 1989:8.

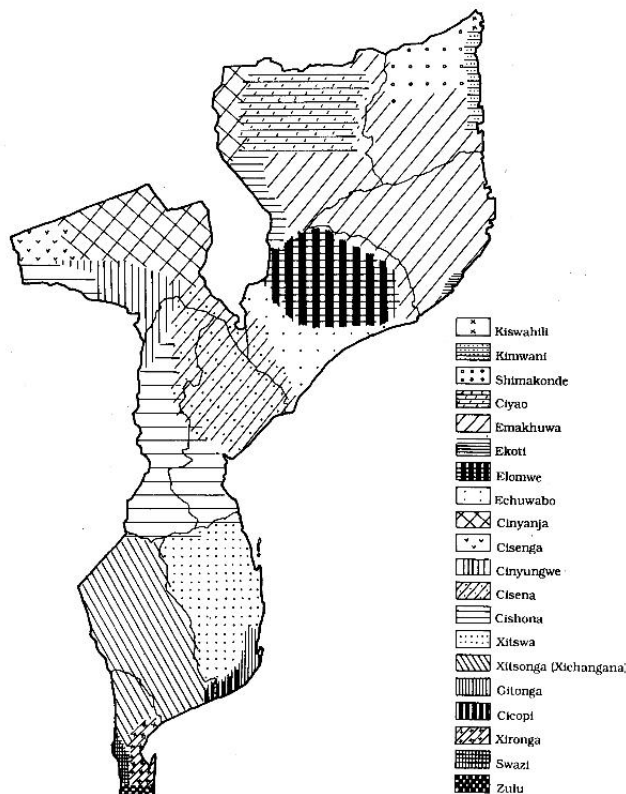


Figura 3 – Mapa linguístico de Moçambique

Para melhor evidenciar as línguas de cada província, destacam-se as majoritariamente faladas. Ao norte, na província de Cabo Delgado, as línguas bantu mais usadas são Emakhuwa, Shimakonde, Kimwani. Já em Niassa, a predominância é do Emakhuwa, Ciyao e Cinyanja. Em Nampula, o Emakhuwa é a língua dominante. Ao centro, a Zambézia apresenta cinco línguas predominantes: Elomwe, Echuwabo, Marendje, Cisena e Emakhuwa. A província de Tete tem como mais faladas as línguas Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cishona e Nsenga. Já em Manica, a parte majoritária da população usa Cishona e Cisena. E em Sofala tem-se o Cishona e o Cisena como língua mais falada. Ao sul, em Inhambane, tem-se a predominância das línguas Xitshwa, Cicope e Gitonga. Já em Gaza, a língua dominante é o Xitsonga, mas há também relevância dos falares Gitonga. Por fim, em Maputo, a predominância tanto na província quanto na cidade é o Xitsonga, composto por Xichangana e Xirhonga.

Segundo Firmino (2003, p. 45), o conhecimento de uma língua bantu por parte dos moçambicanos está diretamente ligado ao grupo étnico ao qual pertencem. Mas há casos em que os falantes conhecem mais de uma língua, fato que pode estar atrelado aos movimentos migratórios decorrentes das guerras independentistas, que forçaram diversos grupos a mudarem-se de seus locais de origem, promovendo assim o contato entre as diferentes línguas atreladas a eles.

Não existem números precisos sobre a percentagem de falantes de LP no país, todavia, dados do último censo realizado em 2007 mostram que a população de Moçambique ultrapassa os vinte milhões e quatrocentos mil habitantes⁶, apontando para, aproximadamente, quarenta por cento destes como falantes da LP.

Nas províncias moçambicanas, com exceção de Maputo, as línguas locais ainda são majoritariamente faladas, mesmo após a adoção da LP como oficial. Isso ocorre porque estes locais possuem pouco desenvolvimento econômico e número reduzido de instituições de ensino, o que dificulta o ensino da LP.

Além das línguas locais, também o inglês tem bastante presença em Moçambique, o que pode ser motivado, conforme expõe Firmino (2006, p. 71), por movimentações de “trabalhadores emigrantes nos países vizinhos, a maior parte dos quais na África do Sul”. Conforme visto, este país selou, por muitos anos, um acordo com Moçambique para a importação de mão de obra destinada ao trabalho na mineração.

Outra influência para a maior procura moçambicana pelo aprendizado de inglês se deve ao fato de ser esta uma língua de comunicação internacional e, portanto, no período pós-independência, necessária para estreitamento das relações econômicas, que se tornaram mais freqüentes dentro do continente africano e fora dele.

E após a abertura do país para a entrada do capital internacional, na primeira metade do século XX, o convívio entre os estrangeiros e os moçambicanos possibilitou o contato linguístico não só com o inglês, mas com diversas outras línguas não locais.

⁶ Dados do último censo, realizado no ano de 2007 pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Moçambique – INE. Disponível em <http://www.ine.co.mz>

As guerras ocorridas antes e depois da independência levaram devastação a Moçambique, o que fomentou a permanência de diversas Organizações Não-Governamentais – ONGs, responsáveis por ações assistencialistas no país, promovendo assim o convívio entre as línguas locais e as demais línguas estrangeiras.

1.2 A capital Maputo e a Língua Portuguesa

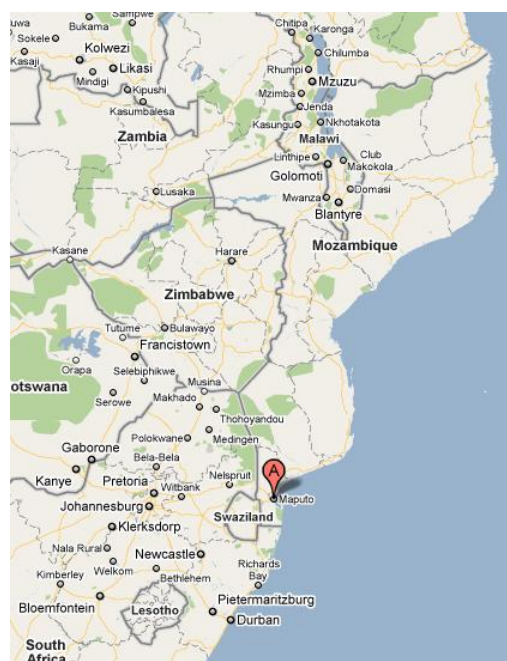


Figura 4 – Localização geográfica de Maputo (A)

Anteriormente chamada de Lourenço Marques, a cidade localizada ao sul de Moçambique adquiriu o *status* de cidade-capital do País em 1876, mas só emergiu como centro urbano após a Primeira Guerra Mundial.

Historicamente, a então Lourenço Marques era considerada uma importante rota comercial, já que o porto da cidade era a principal saída e entrada de mercadorias do País.

Logo após a independência, em 1975, por uma questão nacionalista, houve grande pressão da FRELIMO para mudar a configuração da zona central de Lourenço Marques, a fim de estabelecer um marco de passagem do período colonial para a

independência. A mudança foi simbolizada com um ato político que mudou o nome da capital para Maputo.

Segundo Firmino (2006, p. 74), Maputo pode ser dividida em Zona Nuclear, a cidade de cimento; Zona Suburbana, a cidade de caniço, onde residem os indivíduos que trabalham na zona nuclear; e as Zonas Periféricas, onde o estilo de vida é rural.

na Zona Nuclear, o português tornou-se a língua primária, enquanto as línguas autóctones se restringem sobretudo a papéis simbólicos, como marcas de identidades étnicas. Nas zonas suburbana e periférica, o Xironga e o Xichangana são os meios primários de comunicação, entre várias outras línguas autóctones⁷, especialmente na zona suburbana, onde a população é etnicamente diversa.

Porém, o que se observa no cotidiano maputense é que essa divisão caracterizada por Firmino não é fixa. Existem os falantes que se consideram nativos em língua portuguesa e que tem pouco ou nenhum contato com as línguas autóctones. Mas existem também aqueles que são nativos em língua bantu, e aprenderam a LP na escola, por isso, estabelecem suas relações num contexto bilíngue, ativando uma língua ou outra – ou as duas simultaneamente – de acordo com a situação conversacional em que se encontram.

Além disso, as três zonas propostas por Firmino possuem uma relação de interdependência, já que na zona central está a infraestrutura das escolas, do comércio, da urbanização, mas ela depende da mão de obra proveniente da zona intermédia e da produção agrícola da zona rural.

Este trabalho abrange falantes residentes nas três zonas classificadas por Firmino, por isso, a nomenclatura utilizada será *Cidade de Maputo*, quando a referência for a zona Central; e *Província de Maputo*, quando a menção for para as zonas suburbanas e rurais.

Firmino (2006, p.76) conta que até a independência a zona central era separada “social e racialmente” das demais e que era de domínio exclusivamente dos colonos brancos e assimilados. Os dados apresentados por Mondlane (1995, p. 72),

⁷ Línguas autóctones é o termo usado por Firmino para denominar as línguas locais. Houaiss (online) define duas acepções para o termo “autóctone”: 1. que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram; 2. rubrica linguística: diz-se da primeira língua que se falou em um país, ou de quaisquer de suas características. Tendo em vista que as duas acepções são aplicáveis ao caso das línguas de origem Bantu, a não definição por parte do autor fez com que, neste trabalho, fosse adotada o termo “línguas locais” para designar as línguas originárias em África.

datados de 1962, endossam a cisão racial e social e apontam para uma minoria branca composta por “funcionários, administradores, e militares vindos de Portugal para servir o governo”, além de colonos permanentes, em sua maioria portugueses, “mas com alguns poucos gregos, italianos, afrikaners e outras nacionalidades”.

Por longos anos, até a independência, foram estes os ocupantes dos cargos mais importantes e melhor remunerados do país. Configuravam também a parcela da população que tinha acesso à escola e ao aprendizado da LP.

A cisão ainda existe atualmente, ainda que veladamente, pois a crescente miscigenação e a ascensão de alguns moçambicanos no período pós guerra modificaram a caracterização da elite, que parece alcançar uma parcela maior do povo local. Todavia, ao se comparar remunerações de um mesmo cargo, para estrangeiros e para locais, será possível verificar que estes ainda estão defasados em relação aos primeiros.

E na zona central estava, também, toda a infraestrutura urbana: ruas asfaltadas, eletricidade, prédios altos, e outros. Após 1964, ano do estopim da Guerra de Independência, novas formas de organização foram sendo introduzidas em Maputo, porém, conforme explica Mondlane (1995, p. 141), a “origem se baseia apenas superficialmente na vida tradicional africana e absolutamente nada no sistema colonial”.

Assim, a guerra provocou em Maputo uma situação de acultramento, configurada pela negação do modelo tradicional da vida moçambicana, paralelo à também negação do modelo imposto pelo colonialismo, surgindo então uma mescla de culturas negadas e, ao mesmo tempo, presentes na sociedade moçambicana.

Mondlane (1995, p. 142) afirma que a cidade apresentava “uma espécie de cultura subterrânea subjugada, criticada e abertamente desprezada pelas autoridades”, mas que tentava retomar o modo de vida tradicional:

Nas escolas e nos campos militares praticam-se canções e danças tradicionais. (...) os jovens não praticam apenas as canções e danças da sua própria tribo, mas aprendem também as das outras tribos, enquanto que no sector produtivo estão sendo introduzidas novas ideias e técnicas (...) Além disso, a própria luta tem dado origem a novos temas nas canções e nas artes. Por exemplo, o guerrilheiro africano aparece entre as muitas figuras representadas pelos escultores Macondes.

Anteriormente à guerra, a zona intermediária apresentava algumas casas de caniço e ambiente mais precário, enquanto que, na zona rural, o modo de vida era bastante voltado para a subsistência e as moradias eram totalmente precárias.

Após a independência, houve grande retorno dos colonos para Portugal, por pressões da FRELIMO. Novas ordens foram proferidas, como a 24 por 20, pelo então Ministro do interior – hoje presidente – Armando Guebuza, que obrigava os colonos a retornarem para Portugal em 24 horas após a independência, carregando apenas 20 quilos de bagagem. Conforme explica Firmino (2006, p. 77), “(...) todas as casas e apartamentos de aluguer foram nacionalizados, e o estado estabeleceu políticas com vista a permitir que os africanos vivessem no centro da cidade.”

E então ocorreu um grande movimento migratório das zonas intermediárias e rurais para o centro de Maputo, e os moçambicanos ganharam espaço na cidade de cimento, tendo acesso ao ensino da LP e aos cargos anteriormente ocupados por colonos. Consolidaram-se, em sua grande maioria, como funcionários públicos.

Atualmente, conforme mostrado no item anterior, há no país um grande número de estrangeiros que trabalham em ONGs e outras organizações internacionais, e estes profissionais estão alocados, em sua maioria, na Cidade de Maputo, onde há infraestrutura mínima para um convívio confortável.

Observa-se, portanto, a convivência de multiplicidade linguística em toda a província de Maputo, onde se encontram tanto falantes nativos de língua portuguesa quanto de línguas bantu, em situações de interação com línguas estrangeiras como inglês, francês, alemão, e outras.

É preciso lembrar que Moçambique pós-independência viveu dezessete anos de guerra civil, o que contribuiu para o movimento migratório de outras províncias do país para a cidade de cimento. Com isso, o crescimento populacional da cidade supera seu limite de abrigo e muitos moçambicanos acabam vivendo em situação precária, sem acesso à infraestrutura básica mesmo dentro da cidade.

A institucionalização da LP como língua de unidade nacional explica a grande procura moçambicana pelo seu aprendizado, já que o país precisa de ferramentas nacionalistas para fortalecer forças internas e manter sua condição de nação independente.

E foi anteriormente Lourenço Marques – hoje Maputo – que sempre concentrou a maior parte das instituições escolares, responsáveis pelo ensino da LP. Daí subentende-se que os residentes de Maputo tenham um grau de domínio considerável do sistema normativo dessa língua.

Segundo Firmino (2006:80), “As pessoas que vivem na zona central tendem a ser pessoas escolarizadas, muitas delas com, pelo menos, o ensino primário completo”, mas a realidade de Maputo é que nem todos têm acesso à escola, ainda frequentada prioritariamente pelas elites, o que aumenta o caráter de prestígio ligado ao domínio completo do sistema da LP.

A procura pelo aprendizado da LP está também vinculada ao desejo dos maputenses de ocupação de cargos públicos ou posições em ONGs e em órgãos internacionais instalados em Maputo, que detêm os melhores salários, e cujo alcance só se dá a partir do conhecimento pleno da LP e de outros idiomas. Este fato aumenta a cisão social entre os falantes que dominam e os que não dominam a LP, mantendo assim o prestígio social desta.

Neste cenário de aquisição da LP como modo de ascensão social, o aprendizado das línguas autóctones ficou marginalizado, e muitos moçambicanos optaram por excluí-las de seu convívio familiar, a fim de garantir que futuras gerações se tornassem nativas na LP para assim dominar este idioma com mais propriedade e conseguir um melhor posicionamento social. É o que endossa Firmino (2006:80):

“Apesar do facto de as línguas autóctones serem conhecidas como línguas maternas por muitas pessoas que vivem nesta zona, sobretudo entre a geração mais velha, elas são raramente faladas em muitas famílias; nem sequer há esforço ou mesmo preocupação das gerações mais velhas em transmiti-las aos seus descendentes.”

Logo após a independência o uso das línguas bantu foi proibido em escolas, órgãos oficiais e situações formais de comunicação. Mas essa proibição gerou um grave problema de aprendizagem da própria LP, pois uma grande parcela da população local não entendia o sistema normativo do novo idioma e, tampouco, tinham conhecimentos fáticos para a comunicação básica.

Passada também a fase do nacionalismo exacerbado pós-independência e, com o final da guerra civil, a adoção da LP como única língua aceita na comunicação oficial passa a ser menos fiscalizada e, portanto, adquire maior flexibilidade.

Assim, as línguas locais majoritariamente faladas em Maputo – o Xirhonga e o Xichangana – passaram, segundo Firmino (2006, p. 83), a “ser usadas em ambientes de trabalho, sobretudo entre funcionários superiores e operários”.

Mas essa flexibilidade vem acontecendo em caráter gradativo, pois no livro de Gonçalves (1996) consta que “o português é a única língua utilizada na escola”, e que, entre os veículos de comunicação, “a Rádio [é] o único espaço da informação onde é permitido o uso das línguas nacionais.”. Mas, atualmente, a situação mudou e, por regulamentação legislativa de órgãos educacionais é possível aprender a LP por meio de uma metodologia bilíngue, sobretudo nas escolas das províncias, onde é quase nulo o número de nativos em LP.

Ainda que as percentagens relativas ao censo de 2007 não estejam totalmente consolidadas⁸, é possível depreender que pouco mais de trinta e oito por cento da população da província de Maputo é falante de língua portuguesa, sendo que vinte por cento dos falantes estão na Cidade de Maputo e, os outros dezoito estão no restante da província.

O progresso da cidade de Maputo também possibilitou um maior acesso aos meios de comunicação e, com isso, emissoras internacionais se fazem constantemente presentes nos lares moçambicanos, fornecendo uma vasta gama de entretenimento. As novelas brasileiras estão presentes neste meio e por apresentarem uma variedade do português plausível linguisticamente aos maputenses – errada aos preciosistas, mas familiar aos falantes – fazem-se presentes em seus falares, que apresentam lexias particularmente brasileiras.

As particularidades históricas de Moçambique e a importância de sua capital, Maputo, para o processo de incursão da LP no país, apresentadas neste capítulo, serão a base para o entendimento do recorte léxico foco deste estudo. Pretende-se estabelecer um retrato das lexias utilizadas em determinados campos semânticos, mostrando que o mosaico linguístico de Maputo pode ser explicado pelo histórico de adoção da LP no país a partir das situações de contato.

⁸ Números inteiros obtidos no site do INE, anteriormente citado.

CAPÍTULO II

O segredo da língua está encerrado no falar

Eugênio Coseriu⁹

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Moçambique é um país em franco desenvolvimento econômico, social e cultural, e apresenta forte nacionalismo. Neste cenário, a Língua Portuguesa é também uma variedade em formação no país e engloba em si particularidades que convergem para a caracterização da identidade moçambicana, como visto no capítulo anterior.

Como capital econômica e social, Maputo apresenta a maioria das oportunidades profissionais e das relações comerciais e educacionais do país. É nesta cidade, portanto, que se concentra a parte da população com rendimentos acima da média nacional, e de estrangeiros que movimentam a economia do país, relações estas que acontecem prioritariamente em LP, por ser o idioma oficial. Consequentemente, Maputo concentra a parte majoritária dos falantes de LP.

Adotando a concepção de língua como uso, pode-se entender o contato plurilíngue entre a população como um vasto campo de pesquisas, sobretudo no viés léxico, no que tange às mesclas oriundas das situações de contato.

Este capítulo tem por objetivo mostrar as bases metodológicas utilizadas para o desenvolvimento do questionário utilizado na coleta de dados, bem como para a análise constante do terceiro capítulo. Também serão colocadas as justificativas para a escolha do viés léxico como objeto de análise.

A coleta de dados foi realizada a partir da elaboração de um Questionário Semântico-Lexical. Este foi desenvolvido com base nos pressupostos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, tendo como modelo o instrumento

⁹ COSERIU (1982, p. 105)

desenvolvido para o Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB), todavia adaptado para a realidade cultural e histórica de Maputo.

O resultado de sua aplicação foi uma amostra de 5.101 lexias, que formam um retrato do léxico dos universitários residentes na cidade em Maputo.

A Geolinguística foi concebida para a elaboração de Atlas Linguísticos e, com o passar do tempo, foi entendida como um método de sistematização de coleta de dados.

Por isso, o método é constantemente associado à Sociolinguística, fornecendo uma amostra passível de análise a partir das frequências de ocorrências, levando em consideração variáveis como gênero e faixa etária.

As frequências associadas a essas variáveis podem ser estudadas, também, considerando cada campo semântico delimitado no questionário, suscitando importantes resultados para a caracterização do léxico da LP falada pelo público alvo. Não obstante, imbricam nestas variáveis o nível de escolarização dos sujeitos, tendo em vista ser este um fator *sine qua non* para o aprendizado da LP.

2.1 Multiplicidade linguística em contato

Há trinta e cinco anos, Moçambique se tornava independente de Portugal. E dentre as diversas medidas nacionalistas que foram tomadas após 1975, uma chama a atenção por ser a herança portuguesa perpetuada: a adoção da Língua Portuguesa como idioma oficial no país.

A língua do colonizador, que durante anos cindiu, escravizou e segregou, passou a ser considerada em Moçambique como um símbolo de unidade nacional, por ser a única língua capaz de unificar a multiplicidade linguística presente em todo o país.

De acordo com os trabalhos de linguistas moçambicanos e com estudos realizados pelo Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas – NELIMO¹⁰ existem aproximadamente vinte línguas de origem Bantu¹¹ em Moçambique, que são definidas de acordo com os grupos étnicos delimitados geograficamente.

¹⁰ NELIMO. *Relatório do II Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas*. Editado por Bento Siteo e Armindo Ngunga. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

¹¹ As línguas de origem Bantu serão denominadas, doravante, como línguas locais.

Tarallo e Alckmin (1997, p. 23) afirmam que “quanto mais distantes geograficamente, mais se diferenciarão os dialetos. Dialetos em adjacência geográfica apresentam, por outro lado, um parentesco linguístico maior”.

Todavia, levando em consideração as proposições explicitadas no item 1.1.2 e 1.2 do capítulo anterior, pode-se inferir que os movimentos migratórios decorrentes das guerras pré e pós independência, bem como de outras particularidades históricas que caracterizam Moçambique e Maputo atualmente, proporcionaram o contato entre essas línguas, que antes eram separadas geograficamente, e delas com a LP.

Há um contrassenso em relação ao uso dos termos “língua” ou “dialeto” quando se faz referência às variedades Bantu, devido a ser esta uma discussão que ultrapassa a fronteira puramente linguística e atinge amplitude política e histórica. Desta forma, serão consideradas nesta dissertação as delimitações propostas pelo NELIMO.

Desse contato entre línguas locais, e delas com a LP, origina-se o que Tarallo e Alckmin (1997, p. 09) chamam de “mesclas intercomunidades”, caracterizadas como “línguas distintas coexistindo e se misturando em uma mesma comunidade”. E isso ocorre em Maputo, cujo gentílico consegue se comunicar em, no mínimo, duas línguas.

Segundo esses autores (p. 09), “As causas do estopim do bilinguismo e do plurilinguismo são notadamente sociais e históricas (...)”, considerações que corroboram com a caracterização de Maputo como uma cidade plurilíngue, por seu processo de participação na incursão da LP como idioma oficial, descrito no item 1.2.

As mesclas ocorrem em diversos campos linguísticos¹², porém para este estudo serão consideradas prioritariamente aquelas que se apresentam na forma de diglossia, entendendo-se o termo conforme o exposto por Dubois et al (1978, p. 88) em que “uma das duas línguas tem um *status* sócio-político inferior” e, portanto, é priorizada em detrimento da outra.

No caso desta pesquisa, operando no nível léxico, trata-se da escolha de uma lexia em detrimento de outra no momento da resposta de cada questão do QSL.

¹² A título de exemplo podem ser citados, no nível sintático, os fenômenos que operam a mescla de dois sistemas no nível da sentença, chamados *code switching*. A escolha dos códigos é ditada por domínios do discurso.

No entanto, considerando que as mesclas possam também ser extensíveis à sintaxe e mesmo ao nível do discurso, serão considerados e comentados os resultados que apontem para outros fenômenos linguísticos. A título de exemplo podem ser citados, no nível sintático, os fenômenos que operam a mescla de dois sistemas no nível da sentença, denominados pela literatura das línguas em contato como *code switching* (Tarallo e Alckmin, 1997, p. 70).

De acordo com a terminologia usada por Tarallo e Alckmin (1997, p. 17), pode-se considerar que são os “cenários macrossociais” que permeiam a análise da amostra colhida, pois neles “correlaciona-se a variação encontrada em um determinado sistema linguístico a categorias como classe social, sexo, estilo, origem geográfica, grupo étnico, faixa etária, etc.”.

Segundo os autores, esses cenários podem ser entendidos como “parâmetros externos à língua”, que caracterizam uma mescla entre sujeitos falantes de línguas diferentes, mas que convivem em uma mesma comunidade, realizando ou não um certo nivelamento discursivo:

(...) Dentro dos limites dessa predizibilidade dos parâmetros externos, os falantes ainda têm à sua disposição a possibilidade de simetrizarem (ou não) a interação. Tal simetrização (ou assimetrização) acontecerá no momento em que os interlocutores se decidirem (ou não) a respeitar as convenções sociais e sociolinguísticas, alternando (ou não) seu repertório em função do repertório, do “dialeto” (“idioleto”) do outro. (TARALLO E ALCKMIN, 1997, p. 71)

A metodologia escolhida para a coleta de dados evidencia esses cenários macrossociais, porque abrangem a caracterização da sociedade a partir da delimitação de campos semânticos para a composição do Questionário Semântico-Lexical (QSL), desenvolvidos de acordo com a realidade dos sujeitos em foco.

Além disso, a escolha e caracterização do público-alvo delimitado para a pesquisa está diretamente ligada, respectivamente, a fatores históricos de incursão da LP em Maputo, e à aplicação de uma ficha de caracterização dos sujeitos entrevistados.

Essa caracterização dos sujeitos, associada aos critérios de composição do método de coleta de dados, resultam em uma amostra passível de análises de

fenômenos linguísticos variados que nesta dissertação, foram direcionadas para o viés léxico.

Dessa maneira, a metodologia contempla as três perspectivas citadas por Tarallo e Alckmin (1997, p.17) como necessárias para os estudos sobre mesclas linguísticas: “a da sociedade como um todo (o cenário macrosocial); a do indivíduo da mesma sociedade (as estratégias conversacionais do falante em uma escala mais reduzida); e, por último, a perspectiva estritamente linguística”.

No que tange às relações de dominação linguística, faz-se necessário considerar as proposições de línguas de superestrato e substrato, para caracterização de Maputo.

Conforme define Dubois (1978, p. 576), o superestrato designa toda língua que é introduzida largamente na área de outra língua, mas sem substituí-la, podendo desaparecer finalmente e deixando alguns traços”. Então a LP não pode ser entendida como superestrato, já que seu contexto de introdução em Moçambique, inicialmente evidenciando a condição de dominação portuguesa, reverteu-se para a adoção do idioma como símbolo de unidade nacional.

Então, ela foi amplamente divulgada e não desapareceu, assim como as línguas locais também não desapareceram e, atualmente, ambas as línguas compõem a mescla característica de Maputo.

Dubois (1978, p. 573) entende por substrato “toda língua falada que, numa região determinada, por várias razões foi substituída por outra língua, cumprindo tomar em consideração a influência que a língua anterior pôde ter sobre a língua que a sucedeu”. Dessa forma, também não se pode considerar plenamente que as línguas locais tenham características de substrato, pois a situação atual mostra que não houve substituição total dessas línguas pela LP.

Tarallo e Alckmin (1997, p. 12) afirmam que as consequências do bilinguismo são: “a manutenção das duas línguas; portanto, o a coexistência, o não mesclamento (...); ou o retorno ao monolinguismo, caracterizado somente pelas variedades intralinguísticas do sistema sobrevivente”.

Caracterizada como uma cidade que abriga a parte majoritária dos falantes de LP, mas que atualmente busca retomar e ampliar suas relações interacionais com as

línguas locais, Maputo não parece caminhar para a morte ou permanência de apenas uma dessas línguas.

2.2 Geolinguística e Sociolinguística

As considerações de Silva Neto em sua obra *Guia para estudos dialectológicos*, datada de 1955, foram o ponto de partida para os estudos dialetológicos no Brasil. Ele foi o primeiro filólogo brasileiro a dedicar-se à descrição e reflexão sobre os falares brasileiros – os dialetos em seu estágio puro – propondo um método de coleta de dados que sistematizasse resultados e chamando a atenção de pesquisadores sobre a necessidade de se “criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo”.

Tais contribuições de Silva Neto foram indispensáveis para o conhecimento e aplicação da Geolinguística no Brasil.

Este método nasceu em meados do século XIX, na França e tem como objetivo principal sistematizar a coleta de dados para elaboração dos chamados Atlas linguísticos, que, segundo Brandão (1991:25), são “um conjunto de mapas em que se registram traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”.

A Geolinguística fornece um aparato técnico que alcança também outras funcionalidades, além da elaboração dos Atlas. Por operar com um questionário onomasiológico¹³, fornece evidências de importantes fenômenos linguísticos em diferentes regiões, que podem ser estudados comparativamente, ou como um retrato dos falares de determinado local.

Atualmente, a aplicação desse método está atrelada aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Brandão (1991, p. 25) fala sobre a necessidade de se “proceder a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e dos segmentos sociais que a constituem”.

¹³ Segundo BERTOLDI (1935), “Por onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada idéia, examina as várias maneiras com as quais essa idéia encontrou expressão na palavra.” *Op cit.* BABINI (2006).

Encarnação (2005) define a concepção atual da Geolinguística, a qual evidencia o viés sociolinguístico e abrange outras possibilidades de estudos:

“Visa à descrição de uma realidade dialetal que posteriormente poderá se tornar instrumento de análise para conclusões sobre a realidade lingüística em foco. ou ainda constituir-se em um subsídio para a compreensão da história de determinada região, abordada não só por lingüistas, mas também por estudiosos que se interessem em documentar fatores que explicam e documentam o passado com rigor científico. Serve para coletar, com bases geográficas, importante material de pesquisa para a interpretação histórica de fatos da língua.”

Considerando Maputo como local de coleta de dados, essas especificidades são imprescindíveis para a caracterização dos cenários macrossociais, extralinguísticos, que influenciam nos falares do público-alvo.

E para compor esses cenários, foram levadas em consideração diferentes óticas narrativas. Uma delas diz respeito à interpretação que os linguistas naturais de Maputo realizam da situação de composição lingüística no país.

Foram feitas leituras de obras de Gonçalves (1996) e Firmino (2006), que apresentaram estudos lingüísticos de campo por eles realizados em Maputo, cujos resultados caracterizam a condição atual de realização da LP na cidade, bem como a situação das línguas locais, permeados por narrativas históricas sobre o processo de adoção da LP como idioma oficial.

Outra perspectiva importante a se levar em consideração diz respeito à ótica do entrevistador em relação ao local e aos sujeitos que pretende investigar. Para conferir essa visão optou-se por realizar um levantamento de dados *in loco*, a partir da observação e vivência da cultura moçambicana, por mim, autora dessa dissertação. Residi em Maputo durante seis meses no ano de 2009.

Além destas, Brandão (1991, p. 26) menciona a importância da consideração de variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, alegando que elas são responsáveis por revelar “ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado, e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem a distribuição geográfica dos fenômenos lingüísticos”.

Considera-se, portanto, a língua como uso, conforme fixa Bakhtin (1981, p. 69), a partir de sua prática, que nada tem a ver com “um sistema abstrato de formas normativas”, mas sim do “conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”.

Segundo este autor, “para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores”. Portanto, as atenções da análise estarão voltadas às relações das variáveis sociolinguísticas apresentadas, com as diferentes lexias encontradas nos falares do público-alvo.

Tendo por base a importância do fator histórico e político incutido na adoção da LP como idioma oficial, e as implicações linguísticas que a obrigatoriedade de seu aprendizado gerou, optou-se por considerar as variáveis escolaridade, idade e gênero, para proceder aos estudos de frequência que pudessem construir um retrato do léxico do público alvo e, conseqüentemente, do nível de domínio que eles apresentam da LP.

Atualmente, existe uma geração de falantes nativos de português em Maputo, que nem mesmo conhece o sistema das línguas locais. Firmino (2006, p. 64) afirma que para esta geração, a LP é “de facto, a língua materna (...) e é a primeira e/ou única língua de comunicação em toda a sua vida”.

Todavia, mesmo sem o aparato sistêmico, esses sujeitos mais jovens incorporaram em sua fala características das línguas locais, que poderão ser observadas nas lexias escolhidas por eles no momento da resposta ao inquérito.

Nesse ponto, entende-se que as representações feitas pelo público-alvo podem ser associadas à concepção de Bakhtin (1981, p.21) sobre o signo não existir “apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra”. O autor insere o signo em uma esfera ideológica, de representações, e explica que “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social”.

Assim, essas representações sociais da realidade, que podem ser associadas às lexias fornecidas na amostra, compõem um aparato objetivo, funcional, passível de estudos.

A variável gênero pode suscitar também importantes reflexões acerca do uso de determinadas lexias em lugar de outras, no momento da escolha, pois, culturalmente, em Moçambique, a mulher assume um papel histórico marginalizado, que se reflete na língua.

Ainda que não se tenha encontrado *in loco* estudos que pudessem evidenciar essa condição da variação linguística atrelada ao gênero, os resultados desta pesquisa poderão fornecer um material de investigação a ser explorado. Neste trabalho será feita uma discussão ainda prematura sobre esta temática no capítulo III, referente à análise dos dados, sob a ótica de pesquisadoras que trabalham com a questão do gênero em outros contextos¹⁴.

2.3 A escolha do estudo descritivo do léxico

Partindo dos estudos mencionados no item 2.2 e da vivência por seis meses na cidade de Maputo, foi possível verificar que algumas lexias presentes na fala dos residentes dessa região não pareciam ter raiz na LP. Muitas dessas lexias eram provenientes das línguas locais, introduzidas nos discursos de maneira aparentemente aleatória e estavam presentes até mesmo na fala da população mais jovem, que não as tinham como línguas maternas.

A partir dessa identificação, deu-se a escolha do objeto de estudo, que se trata de um levantamento das lexias realizadas por universitários, a partir da aplicação de um QSL elaborado sob os preceitos do método Geolinguístico, a fim de estabelecer um retrato léxico desse público alvo.

Brandão (1991, p. 32) atenta para o fato de que a elaboração de um questionário “requer que o pesquisador conheça, em seus múltiplos aspectos, a região em que se desenvolverá o trabalho, e também, que tenha selecionado,

¹⁴ Fala-se aqui do caderno “Estudos Moçambicanos”, produzido pela Universidade Eduardo Mondlane, que traz contribuições de diversas autoras acerca da temática do gênero.

previamente, com base em estudos linguísticos já realizados, alguns fenômenos cuja extensão não tenha sido realizada”.

Assim estabeleceram-se os parâmetros da pesquisa realizada, que abrangeu os campos da Geolinguística e da Sociolinguística, além de estudos históricos e sobre os cenários macrossociais envolvidos na composição dos falares em foco.

Após o levantamento preliminar de dados, a escolha dos sujeitos e a elaboração do questionário, foram realizadas as entrevistas para compor a amostra a ser analisada.

A amostra colhida é, então, estudada a partir do estabelecimento das frequências de uso dessas lexias em relação à variáveis sociolinguísticas consideradas: gênero, idade e campo semântico, a fim de evidenciar alguns fenômenos de mescla e outras descrições que caracterizem os falares dos universitários.

Então, a abordagem do léxico feita neste estudo corrobora com os preceitos de Vilela (1994, p. 06) que assim o define:

(...) é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico.

As análises propostas aproximam-se de um estudo pragmático da língua, pautado no uso. Vilela (1994, p. 09) define o viés pragmático como sendo “o estudo do modo de uso dos signos linguísticos e do que se pode fazer com os signos”.

Esse “modo de uso” citado por Vilela está presente nos falares dos universitários a partir das representações que fazem das acepções dadas em cada questão do QSL. De acordo com sua realidade extralinguística – ou os cenários macrossociais – os sujeitos realizam determinadas lexias em detrimento de outras.

A adoção do termo *lexia*, frequentemente empregado nesta dissertação, tem sua justificativa nas explicações de Pottier *et alii* (1975, pp. 10-26), como sendo uma unidade funcional memorizada na competência linguística. O autor diferencia os termos *lexia* e *vocábulo* e a define:

Vocábulo é a unidade construída: mínimo combinatório imposto pela tipologia da língua. A lexia é a unidade lexical memorizada (...). O locutor, quando diz: 'quebrar o galho', 'bater as botas' (...) não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua 'memória lexical'. Assim, 'pé de cabra' pode ser uma lexia, no sentido de ferramenta, ou o resultado de uma construção sintática de discurso, se se tratar do pé do animal.

Portanto, entende-se o estudo do léxico dos universitários de Maputo, conforme define Vilela (1994, p. 06), como um retrato das representações de seu saber linguístico, "a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade".

E para o caso de Maputo, a partir do estudo das lexias realizadas por essas representações, à luz da sociolinguística e dos fatores históricos envolvidos no processo de incursão da LP, emergem discussões acerca das formações de mesclas linguísticas que se fazem presentes nos falares do público universitário.

2.4 A ficha do sujeito

A ficha do sujeito¹⁵ tem a finalidade de caracterizar o cenário macrossocial no que tange a alguns fatores linguísticos e outros extralinguísticos que pudessem influenciar nos resultados constantes da amostra, apontando para as origens das mesclas linguísticas constantes em Maputo. É, portanto, uma ferramenta sociolinguística.

O primeiro item da ficha aponta os dados pessoais do sujeito: nome, data de nascimento, endereço, estado civil, local de nascimento e identificação de gênero.

No segundo item, o sujeito irá fornecer pistas sobre sua descendência linguística e sobre as línguas locais que ele conhece ou tem contato, bem como sobre outras línguas ocidentais que poderiam deixar marcas em sua fala.

Neste item estão identificados os locais de nascimento dos pais do entrevistado, bem como as línguas locais e ocidentais faladas por eles. Houve o cuidado de perguntar ao entrevistado se ele havia sido criado pelos próprios pais, pois, caso contrário, poderia haver outras influências linguísticas no processo de aquisição da linguagem.

¹⁵ O modelo da Ficha do Sujeito pode ser encontrado no Apêndice 1.

Em relação às línguas ocidentais, os sujeitos eram interrogados sobre o grau de domínio que possuíam de determinados idiomas, de acordo com a escala “fluente”, “intermediária”, “básica” para os parâmetros de escrita, leitura e fala.

O terceiro item da ficha do sujeito diz respeito ao nível de escolaridade do entrevistado. Para este trabalho foram considerados apenas os falantes que estivessem cursando o nível universitário ou que já o tivessem concluído, pois se tratam de indivíduos que alcançaram, obrigatoriamente, um mínimo de onze anos de contato com o sistema normativo da LP, na variedade europeia.

O quarto item tratava sobre a profissão exercida pelo sujeito, a fim de identificar o ramo de atividade realizada e, por consequência, o nível social ocupado. Neste estudo a questão da profissão escolhida não foi o enfoque de estudo, mas o registro fica disponível para posteriores análises.

O quinto item do questionário aborda os modos de comunicação interpessoal realizados entre os sujeitos e pessoas de seu convívio como amigos, familiares e colegas de trabalho. Neste item pretende-se verificar a dinâmica comunicacional do sujeito em seu cotidiano, no que se refere ao uso da LP e das línguas locais, para assim buscar pistas sobre as possíveis causas da mescla nos falares.

O sexto item aponta os rendimentos individuais e coletivos dos sujeitos, mas ele não será utilizado como parâmetro de análise, pois alguns entrevistados recusaram-se a fornecer os valores.

O sétimo item investiga o grau de contato que os sujeitos têm com os principais meios de comunicação: televisão, rádio e mídias impressas, observando o tipo de programação vista – se estrangeira ou nacional – além da frequência de contato com esses meios. O objetivo deste item é verificar possíveis influências que as mídias podem ter na variação das lexias empregadas pelo público-alvo. Para ele, não serão elucidadas as frequências, mas sim apontadas as respostas dadas por alguns sujeitos, que ilustrem as discussões da análise.

O oitavo item aponta a frequência de contato que os sujeitos têm com manifestações culturais e diversões gerais. O objetivo é verificar se o sujeito participa de um rol variado de meios de inserção cultural, que possam ser identificados como possíveis influências em seu comportamento linguístico.

O último item refere-se à religião praticada pelo sujeito. A justificativa para inserção deste item é o aumento do movimento de igrejas protestantes brasileiras para Maputo nos últimos anos, levando consigo um modelo de culto totalmente arraigado na variedade brasileira da LP. Com a adesão de uma considerável parcela da população, a inclusão deste item poderia confirmar a interferência da religião na introdução de novas lexias decorrentes da variedade brasileira à variedade moçambicana do português.

2.5 Elaboração do Questionário Semântico-Lexical

2.5.1 O levantamento preliminar de dados

Essa é a primeira etapa da pesquisa e se trata de um planejamento sobre os objetivos principais que nortearão a coleta de dados, bem da realização de um levantamento bibliográfico para caracterizar culturalmente, economicamente e historicamente a região que se pretende estudar.

(...) procede-se ao levantamento e à leitura de obras que sirvam de meio e caracterização da área a ser pesquisada, de modo que se conheçam seus aspectos históricos, geográficos, ecológicos, socioeconômicos, enfim, de sorte que se obtenha visão global da dinâmica dos grupos humanos que ali viviam. (BRANDÃO, 1991:27)

O estudo de Gonçalves (1996) sobre a formação da variedade moçambicana do português foi o ponto de partida para o entendimento da realidade dos falantes de língua portuguesa de Maputo.

Nesse trabalho a autora descreve alguns aspectos gramaticais do português de Moçambique, como o comportamento de sintagmas nominais que com o traço [+humano], que parecem ter uma importância particular, resquício da estrutura das línguas locais. Gonçalves também traça a rota histórica da presença da LP em África, finalizando sua obra com um capítulo que instiga o leitor a refletir sobre a existência de um português efetivamente africano.

Outro estudo de extrema relevância sobre o processo de formação linguística em Moçambique é a tese de doutoramento de Firmino (2006). Nela, o autor traça um panorama detalhado sobre a LP em Moçambique e as influências das línguas locais na formação da variedade moçambicana, demonstrando, a partir de um trabalho de

campo, o ponto de vista do que ele chama de “actores sociais”, ou seja, os próprios falantes de língua portuguesa do país.

Além dos livros, também a vivência *in loco* deve ser profundamente considerada. Já as primeiras considerações dialetológicas feitas por Silva Neto (1955, p. 26) evidenciam a importância dessa experiência: “o questionário tem que ser organizado com antecedência, mas na verdade só a pesquisa no campo mostra o que se pode e o que se deve perguntar”.

Por fim, considerando a formação linguística de Maputo, que evidencia uma sociedade plurilíngue e particularidades históricas diretamente influenciadoras dos falares desse local, fez-se importante entender sobre os processos envolvidos nas teorias sobre línguas em contato, para identificar os cenários sociolinguísticos que envolvem os fenômenos de mesclas.

2.5.2 A escolha do local

A escolha de Maputo para proceder à coleta dos dados deveu-se exclusivamente por ser o local que abriga a parte majoritária dos falantes de língua portuguesa do país e, portanto, com maior possibilidade de evidenciar variações desse idioma.

Conforme explica Firmino (2006), ao Sul de Moçambique – região onde se encontra Maputo – as línguas locais majoritariamente faladas são o Xirhonga e o Xichangana. Muitos Maputenses as consideram como suas línguas maternas. Conforme visto no capítulo anterior, no período de ocupação maciça dos territórios moçambicanos, o uso das línguas locais foi proibido, e este povo foi obrigado a aprender a LP.

Como visto no primeiro capítulo, é a escola primária o local onde a maior parte das crianças tem o primeiro contato com a LP que assume, portanto, um caráter de segunda língua para muitos falantes. E Maputo concentra maior quantidade de instituições formais de ensino, além de letrados ocupantes dos cargos públicos e de outras atividades profissionais e comerciais, o que infere que dominem com maior plenitude as estruturas formais da LP.

Então esta língua é aprendida em Maputo sob um contexto de bilinguismo, ao lado das línguas locais majoritariamente faladas e, dessa convivência linguística podem emergir mesclas.

2.5.3 A escolha do público-alvo

Quando o ensino de LP tornou-se oficial e obrigatório nas escolas, muitas crianças que ingressavam nas instituições de ensino nunca haviam tido contato com o idioma e, por isso, enfrentavam dificuldades para alfabetizarem-se, já que não compreendiam o sistema de uma língua que era totalmente diferente de sua língua materna.

As professoras então corrigiam os alunos quando estes usavam as línguas locais, enquadrando-os no sistema da LP.

Sem entrar na questão das falhas didáticas, o que se pretende é explicitar que a LP foi adquirida como segunda língua por essas crianças e, com isso, carregou marcas das línguas locais maternas no uso e na abstração do novo sistema.

Atualmente, mesmo abrangendo uma geração de falantes que se considera materno em LP, um olhar linguista pode identificar a presença de mesclas nos falantes dos Maputenses, que apresentam influências das línguas locais. Ainda assim, a população escolarizada tornou-se a única capaz de decodificar com precisão o sistema de regras da LP.

Levando em consideração essa particularidade, optou-se por definir como público-alvo os sujeitos que tenham, no mínimo, onze anos de escolarização e, portanto, de contato com o sistema normativo da LP. Para fazer jus a essa característica, os falantes foram intitulados como público universitário, podendo ser entendidos como aqueles que estão frequentando ou já concluíram o nível superior.

Além da questão da escolarização, os falantes deveriam ter nascido ou ser residentes na província de Maputo pelo período mínimo de dois anos, pois o tempo de contato com a cidade também é um fator delimitante para o encontro de influências nas lexias utilizadas.

Por fim, os sujeitos deveriam ter idade mínima de dezessete anos, condição ligada ao nível de escolaridade, pois esta é a idade inicial de ingresso à universidade.

Considerações tradicionais sobre os estudos Geolinguísticos iniciais, elaboradas por Brandão (1991, p. 30), propunham que na elaboração dos Atlas, “as formas que caracterizam cada ponto do inquérito têm sido fornecidas, via de regra, por um único indivíduo, cujo desempenho linguístico é julgado pelo pesquisador como representativo das peculiaridades locais.”

Todavia, estudos Geolinguísticos atuais¹⁶ não definem uma quantidade exata de sujeitos a serem entrevistados por localidade, já que a amplitude dos estudos sociolinguísticos variacionistas, hoje contemplados pelo método, não podem ser, via de regra, estabelecidos a partir de um único sujeito, sendo necessária a consideração das frequências de ocorrência para se estabelecer a análise.

Então, a representatividade da amostra é que parece definir o número de sujeitos a ser inquirido, o que, segundo Brandão (1991), fica a cargo dos conhecimentos do pesquisador sobre as peculiaridades locais, as variáveis que se pretende considerar e o fenômeno que ele almeja investigar. A autora chama a atenção para a necessidade de estabelecer com cuidado o número de sujeitos, pois eles assumirão o papel de representantes da realidade local.

Maputo apresenta uma particular situação de plurilinguismo, por isso, a decisão sobre a quantidade de sujeitos que compõem a amostra procurou levar em consideração a necessidade de representar os diferentes falares do público-alvo e, para isso, considerou-se um mínimo de cinco falantes de cada gênero distribuídos em três faixas-etárias, totalizando trinta entrevistados.

Tabela 1 – Distribuição da idade dos entrevistados por gênero

Faixa etária definida	17 a 29 anos		30 a 44 anos		45 anos ou mais	
	masculino	feminino	masculino	feminino	masculino	feminino
Idade dos entrevistados	19	18	30	30	51	47
	20	24	32	31	56	48
	20	25	38	31	59	48
	25	25	39	40	65	48
	27	27	42	42	68	57

¹⁶ No caso do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB) por exemplo, foram considerados mil e cem informantes divididos em 250 localidades brasileiras, o que proporciona quatro informantes por região pesquisada. Dados disponíveis em: www.alib.ufba.br. Acesso em 25/06/2010.

2.5.4 Caracterização dos sujeitos

Para sistematizar os dados obtidos a partir da aplicação do QSL, foi elaborada uma tabela¹⁷ contendo as 5.079 lexias realizadas pelos trinta sujeitos entrevistados. Para facilitar a contagem das lexias, essa tabela foi separada em três, e cada uma delas contempla os treze campos semânticos divididos por faixa etária, assim representando dez sujeitos em cada uma – cinco homens e cinco mulheres.

Os sujeitos estão identificados por meio do código: **MAM20**, sendo **M** ou **F** o gênero ao qual pertencem, **AM** as iniciais do primeiro e último nome dos sujeitos e **20** a idade. Tal medida se deve apenas por um caráter de síntese e sistematização, pois houve o cuidado de coletar, de todos os sujeitos, autorizações de divulgação dos dados fornecidos na entrevista, conforme modelo que segue:

“Eu (sujeito), declaro que a entrevista cedida por mim em (data), à Claudia Bergamini, está sendo gravada com minha permissão. Autorizo, também, que o conteúdo desta entrevista seja utilizado em trabalhos científicos e publicações acadêmicas no Brasil e em outros países.”

As denominações das línguas autóctones de Moçambique, citadas ao longo desta pesquisa, estão de acordo com a classificação do NELIMO, de 2000.

Os sujeitos foram questionados acerca de qual idioma consideravam como língua materna. Seguem dispostas as respostas:

Tabela 02 – Identificação de língua materna por sujeito entrevistado

MASCULINO					FEMININO				
1ª faixa etária - 17 a 29 anos									
MFM19	MAM20	MJV20	MFZ25	MNM27	FBA18	FHM24	FNB25	FAC25	FKM27
LP	BT	LP	LP	LP	LP	LP	LP	BT	LP
2ª faixa etária - 30 a 44 anos									
MNM30	MHM32	MRW38	MAC39	MAN42	FEM30	FCP31	FOM31	FVN40	FIM42
BT	BT	BT	BT	BT	LP	LP	BT	BT	BT
3ª faixa etária - 45 anos ou mais									
MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57
BT	BT	BT	BT	BT	BT	LP	BT	LP	LP

¹⁷ A íntegra da tabela está disponível como Apêndice C desta dissertação.

A tabela evidencia que dos trinta sujeitos, 43% consideram a LP sua língua materna e, por conseguinte, 57% tem alguma língua Bantu como sendo língua materna.

2.5.5 Delimitação dos campos semânticos

O QSL desenvolvido para a composição do retrato léxico proposto considerou as particularidades históricas, sociais e culturais de Maputo. Brandão explica sobre o modo de composição do questionário (1991, p. 33):

“Em decorrência do fato de ele ter de ser elaborado com base nas peculiaridades culturais de diferentes grupos humanos que vivem nas mais diversificadas regiões, não há normas extremamente restritivas para a sua organização. No entanto, alguns critérios podem servir de diretrizes (...)”

Dentre essas diretrizes, a autora cita a necessidade de serem articulados por matérias. Então, no caso do recorte léxico proposto, as questões são apresentadas por campos semânticos.

A definição de campo semântico nesta dissertação tem base nas concepções de Pottier *et alii* (1975 :42):

“um morfema lexical pertence a um inventário aberto e muito extenso. Em língua, esse morfema acha-se ligado a um número elevado de zonas semânticas possíveis. No ato de comunicação somente algumas zonas são atualizadas, e então o morfema funciona num domínio específico”

De acordo com essas afirmações, pode-se considerar campos semânticos como sendo as zonas de significação que ativam as lexias investigadas, transferindo-se para o termo *lexia* os mesmos conceitos empregados por Pottier ao morfema lexical.

Ou, também, na concepção Bakhtiniana, campo semântico pode ser entendido como um local temático onde o indivíduo se insere para buscar as significações que culminam na escolha de uma palavra para compor a interlocução.

A divisão do QSL em campos semânticos tem como objetivo ativar no sujeito essas zonas de significação, de maneira que a resposta dada esteja de acordo com os traços intrínsecos aos seus semelhantes que pertencem ao mesmo domínio.

Lopes (1995, p. 242) explica que “os sentidos abarcam todo o campo da realidade, ao qual se ajustam como as peças de um quebra-cabeças (...) de tal modo que cada campo semântico se forma coerentizando internamente determinada parte do material léxico de cada língua (...)”.

Todavia, é importante esclarecer que os campos semânticos não são estruturas estanques. A polissemia, muitas vezes, é responsável pela movimentação de lexias entre diferentes campos semânticos ou mesmo pela formação de outro, novo. Assim descreve Lopes (1995, p. 245):

O próprio léxico pode ser considerado, em seu conjunto, como um imenso campo associativo (no dicionário, as palavras definem-se umas às outras, num processo metalinguístico interminável), cujas fronteiras coincidem, a cada instante, com as fronteiras da própria cultura que a língua expressa.

Após a realização do levantamento preliminar de dados, constatou-se a presença de lexias oriundas das línguas locais e de outros estrangeirismos nos seguintes campos semânticos¹⁸:

A) vida rural: composto por oito questões. Observam-se perguntas que podem ter respostas em línguas locais e em LP (bilíngues), pois não fazem parte de algo específico da cultura local.

B) fenômenos atmosféricos/ temporais: composto por apenas três questões. Este campo, presente no QSL do ALiB, foi mantido no QSL de Maputo apenas para investigação quanto à proximidade em relação às realizações brasileiras.

C) denominações hortifrutí: composto por doze questões, este campo foi escolhido por abranger acepções típicas da produção agrícola nacional, portanto ligado à vida rural, o que poderia suscitar a utilização de lexias predominantemente provenientes das línguas locais.

D) ciclos da vida/ corpo: composto por cinco questões, este campo permaneceu no QSL em relação ao modelo do ALiB, como investigativo das representações que o público-alvo faria de seu corpo e de seu modo de vida. A expectativa seria de realizações bilíngues.

¹⁸ O QSL final pode ser observado no Apêndice 2.

E) convívio/ comportamento social: este é o campo semântico mais extenso do QSL, composto por vinte e cinco questões, e foi delimitado por representar com maior veracidade as relações cotidianas e relacionadas ao modo de vida do público-alvo. Dentre as acepções constantes estão aquelas que fomentam a realização de gírias.

F) costumes/ religião/ crenças: composto por dezessete questões que, em sua maioria, são representativas do contexto cultural de Moçambique e, por isso, muitos sujeitos poderiam empregar lexias originárias das línguas locais para denominar as acepções dadas. Um fator de investigação neste campo semântico provém da observação de respostas em LP para esses costumes exclusivamente representantes dos falares dos povos Bantu.

G) jogos/ diversões: composto por onze questões das quais em apenas uma espera-se uma lexia originária das línguas locais, por ser uma acepção que remete a um jogo proveniente da cultura moçambicana.

H) habitação/ objetos da casa: baseado nas características urbanas de composição de uma casa, dessas sete questões esperavam-se respostas exclusivamente em LP.

I) alimentação/cozinha: composto por vinte questões que englobam pratos típicos da cultura moçambicana, mas que também já estão incorporados no cotidiano urbano onde predomina a LP. É importante para verificar a questão da derivação e dos aportuguesamentos que as lexias apresentam.

J) vestuário/ acessórios: composto por seis questões que abordam costumes típicos de Moçambique, mas também já estão incorporados ao cotidiano da vida nas cidades.

K) vida urbana: composto por dezessete questões. É importante investigar se lexias provenientes das línguas locais foram associadas às acepções representativas da vida na cidade.

L) objetos: composto por cinco questões que se referem a objetos que não constam em outros campos semânticos, mas que foram considerados relevantes para verificação quanto à sua realização em LP ou em língua local no léxico.

M) relações comerciais/ economia: este é um campo semântico que abriga questões que remetem predominantemente às relações oriundas da vida urbana e, por isso esperam-se lexias prioritariamente realizadas em LP. É composto por quatorze questões.

Esses campos semânticos foram, portanto, escolhidos como representativos de particularidades intrínsecas ao do público alvo residente de Maputo.

Lopes (1995, pp. 241-242) afirma que “a introdução de uma nova palavra no léxico da língua não altera a estrutura semântica global da língua, pois cada unidade léxica é absorvida dentro de um campo semântico afim.”, baseado na concepção de que os significados são estruturas dentro das línguas naturais.

Esta afirmação sustenta a delimitação dos campos semânticos como necessária para situar o sujeito no contexto que se espera que ele abstraia para buscar a lexia que deseja realizar para representar a aceção dada. Essa abstração, vale ressaltar, está ligada ao significado semântico como representativo de um objeto e, por isso, pode ser realizada de diferentes formas pelos sujeitos, dependendo das influências na LP ou nas línguas locais que ele apresentar.

2.5.6 Elaboração das questões

Conforme mencionado anteriormente, as questões foram elaboradas a partir do modelo de QSL proposto pelo projeto do ALiB. Esse questionário foi adaptado para a realidade moçambicana, tanto no que se refere aos campos semânticos delimitados, quanto às questões constantes deste.

O ponto de partida para a elaboração das questões foi a observação do cotidiano moçambicano, em Maputo. Durante dois meses foi feito um levantamento de lexias em determinados contextos e, a partir da amostra levantada, foram delimitados alguns temas a que se referiam, que poderiam servir como pistas para a delimitação dos campos semânticos.

Após este período, foram lidos os dicionários locais de Dias (2002) e Lopes *et alii* (2002) que trazem significações de lexias chamadas por ambos autores de “moçambicanismos”.

Com o auxílio desses dicionários foi possível estabelecer as aceções das lexias escolhidas e, assim, considerá-las prototípicas, ou seja, como uma resposta que constitui um referente no qual o entrevistador possa se pautar para identificar do que se trata tal aceção.

Não se trata, portanto, de delimitar uma única lexia como possibilidade de resposta dos sujeitos.

Conforme diz Pottier et al (1975:109), “No ato de comunicação, os campos conceptuais são constantemente considerados, de modo que a polissemia própria ao discurso encontre uma solução.”

A estrutura da maior parte das questões possui a indagação inicial “Como se chama”, esperando que o sujeito forneça a lexia a partir da aceção dada. Essa indagação é substituída por um molde de “complete a frase” quando se pretende contextualizar a aceção dada, para que haja maior entendimento.

No campo semântico “denominação de hortifruti”, as aceções dadas a “alface” e “couve”, por serem muito próximas, foram substituídas por fotos desses vegetais.

Já no campo semântico “alimentação/ cozinha” optou-se por ter em mãos o objeto “bala”, para ser mostrada ao sujeito, de modo que ele pudesse entender com exatidão o tipo de doce a que se estava fazendo referência, tendo em vista que a aceção desenvolvida para essa lexia apresentava outras possibilidades de representação.

Por fim, como alternativa para fazer entender todas as aceções, cada qual em seu tempo de pergunta, lançou-se mão da mímica, pois, como diz Pottier *et alii* (1975, p. 15), “os gestos acham-se ligados à expressão linguística”.

Considerando tratar a semântica, grosso modo, do estudo dos sentidos e, constatado o fato de que o QSL em questão trabalha com o modelo onomástico e, portanto, de abstração de sentidos que leva à escolha de uma determinada lexia, faz-se necessário lembrar o que diz Lopes (1995, p. 233):

“(…) o sentido não é nunca uma evidência, sendo, como sabemos, o plano dos significantes a única manifestação linguística. O sentido, em si, é sempre resultado de uma *interpretação*.”

Assim, sempre há o risco de o sujeito interpretar a aceção dada de outra maneira em relação à esperada, mesmo com o cuidado inicial da delimitação dos campos semânticos.

O primeiro questionário elaborado conteve duzentas e sessenta questões distribuídas em catorze campos semânticos. Após aplicação-teste em campo,

percebeu-se que a extensão do questionário era um empecilho ao sujeito, pois tornava a entrevista maçante. Optou-se pelo corte de questões que pareciam ter como resultado lexias muito parecidas com o português europeu, resultando em um questionário de 240 questões.

A segunda aplicação-teste acusou a inconsistência de algumas acepções, o que causou a redução para duzentas e vinte questões. Mas antes de passar à terceira aplicação-teste, o questionário foi examinado por Perpétua Gonçalves – linguista moçambicana cujos trabalhos são concomitantemente citados nesta dissertação – que orientou algumas acepções e sugeriu a retirada de algumas questões, resultando em um inquérito de duzentas questões.

Este seria o QSL-final, porém, na primeira aplicação com um sujeito já enquadrado no público-alvo, verificou-se que algumas lexias ainda apresentavam acepções inconsistentes, ou que se aproximavam exclusivamente da variedade europeia. Compor uma amostra que apresentasse tais problemas não seria fidedigna do retrato que se pretendia fazer.

Outra constatação feita é que o questionário ainda era demasiado longo e cansativo para o entrevistado.

Depois de cuidadosos cortes, o QSL final contou com cento e cinquenta questões constantes de treze campos semânticos. Esta diminuição teve o objetivo de deixar as questões o mais próximo possível da realidade e da cultura de Maputo, de maneira a permitir um maior aprofundamento, no momento da entrevista, das particularidades de cada lexia escolhida pelo sujeito.

CAPÍTULO III

Moçambique é maningue nice
(Ditado popular Moçambicano)

RETRATO FALADO

Esse capítulo tem por objetivo realizar um retrato de realização das 5.091 lexias¹⁹, apontando as frequências percentuais para as ocorrências em línguas locais Bantu, em LP e em inglês.

As variáveis sociolinguísticas escolhidas para definir as frequências são gênero e idade. Os sujeitos foram divididos igualmente em homens e mulheres e apresentaram faixa etária que abrangeu 18 a 68 anos.

As lexias fornecidas por esses sujeitos são tomadas como referenciais para a caracterização do retrato do viés léxico estabelecido como objetivo de análise nessa pesquisa, segundo uma perspectiva que evidencie peculiaridades sobre os falares do público universitário residente de Maputo.

Algumas dessas peculiaridades podem ser observadas nas lexias em destaque no item 2.2, que apresenta um viés sociolinguístico de análise a partir das mesmas variáveis mencionadas acima. Para ilustrar o item serão apontadas algumas interpelações fornecidas pelos sujeitos, que não foram previstas pelo QSL, mas que são de enorme contribuição para o entendimento das particularidades da LP falada pelo público alvo.

Esses depoimentos são, também, caracterizadores dos sujeitos por sua opinião sobre a língua e sobre o léxico que eles próprios realizam. Isso confere identidade ao retrato que se pretende fazer, por partir de um sujeito que vivencia e utiliza a língua em suas relações diárias, e não da visão do pesquisador.

¹⁹A contagem das lexias ocorreu manualmente, para que fossem classificadas enquanto pertencentes às línguas locais, à LP ou ao inglês.

O que se pretende neste capítulo é, portanto, estabelecer a descrição dos dados coletados por meio de um questionário desenvolvido a partir da base teórica da Geolinguística, utilizando-se do aparato metodológico da Sociolinguística para expor peculiaridades desses dados, que corroborem com a realidade cultural, histórica e linguística dos universitários residentes em Maputo.

A partir dessa descrição será possível refletir mais profundamente sobre o processo de formação do português no país, com vistas a outros vieses de investigação.

3.1 O olhar sobre o campo semântico: gênero e tempo aparente

Para proceder ao estudo descritivo do léxico dos trinta universitários de Maputo entrevistados, esses sujeitos foram divididos por gênero e idade; e as quantidades das lexias encontradas foram sistematizadas conforme sua frequência nos treze campos semânticos.

A totalidade das lexias – 5.101 – inclui todas as realizações realizadas pelos sujeitos, que não necessariamente deram apenas uma resposta para cada questão do QSL.

A tabulação dos dados foi realizada manualmente, assim como o cálculo de suas frequências, que tiveram suas casas decimais arredondadas para mais ou para menos, conforme os preceitos matemáticos de aproximação. Foram mantidas alguns decimais que se apresentaram irrelevantes em relação ao total de lexias do campo analisado.

3.1.1 Vida rural

O total de lexias tabuladas neste campo foi 242, sendo que os totais de cada faixa etária estão destacados em número na própria tabela.

Tabela 3 – Vida rural – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	16%	20%	36%
Lexias LP	33%	31%	64%
Inglês	0	0	0
TOTAL			74 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 64%, é proveniente da LP, contra 36% de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, dos 36% que são de origem Bantu, 16% são realizadas por mulheres e 20% por homens, apontando para uma predominância destes em relação às mulheres com relação à realização de lexias provenientes das línguas locais. Já para os 64% provenientes da LP, 33% são faladas por mulheres e 31% por homens, apontando para a predominância feminina em relação à realização de lexias em LP.

Tabela 4 – Vida rural – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	21%	19%	40%
Lexias LP	30%	30%	60%
Inglês	0	0	0
TOTAL			80 lexias

Esta faixa apresenta 60% das ocorrências em LP e 40% Bantu.

As ocorrências em LP foram equilibradas entre homens e mulheres, havendo 30% de frequência em cada gênero. Já para as ocorrências em língua Bantu, a predominância é do gênero feminino, que realizou 20% de lexias dessa origem.

Tabela 5 – Vida rural – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	17%	16%	33%
Lexias LP	34%	33%	67%
Inglês	0	0	0
TOTAL			88 lexias

A frequência total desta faixa etária indica a predominância de ocorrências em LP, 67%, enquanto 33% são de origem Bantu.

Da predominância em LP mencionada, 34% são faladas por mulheres e 33% por homens, enquanto para as lexias Bantu, 17% são de realização feminina enquanto os homens realizam 16%. Portanto, a predominância Bantu e LP desta faixa é do gênero feminino.

Tabela 6 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vida rural.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	18%	18%	36%
Lexias LP	32%	32%	64%
Inglês	0	0	0
TOTAL			242 lexias

Das 242 lexias fornecidas pelos trinta entrevistados no campo semântico vida rural, observa-se uma predominância de ocorrências em LP, 64%. Neste campo é possível verificar que houve um empate em relação à distribuição pelo gênero, em que 18% de homens e 18% de mulheres realizaram lexias Bantu, e igualmente 32% de homens e mulheres realizaram lexias em LP.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP ocorreu na terceira faixa etária, também entre as mulheres.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos; já a maior frequência de lexias da LP entre esse gênero pode ser observada na terceira faixa etária. Para os homens, as maiores frequências de lexias Bantu estão na primeira faixa, enquanto que neste gênero, a maior frequência em LP ocorreu na terceira faixa etária.

3.1.2 Fenômenos Atmosféricos

Neste campo semântico foram tabuladas 103 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 7 – Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 17 a 29 anos.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	14%	14%	28%
Lexias LP	36%	36%	72%
Inglês	0	0	0
TOTAL			36 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 72%, é proveniente da LP, contra 28% de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, observa-se uma distribuição igualitária entre homens e mulheres tanto para lexias Bantu, 14%, quanto para as lexias LP – 36%, não havendo, portanto, predominância de realizações por gênero nesta faixa-etária.

Tabela 8 – Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	19%	9%	28%
Lexias LP	36%	36%	72%
Inglês	0	0	0
TOTAL			31 lexias

Esta faixa apresenta 72% das ocorrências em LP e 28% de origem Bantu.

Em relação à variável gênero, dos 28% que são de origem Bantu, 9% são realizadas por homens e 19% por mulheres, apontando para uma predominância feminina em relação às línguas locais. Já os 72% provenientes da LP distribuem as lexias igualmente entre homens e mulheres, ocorrendo 36% em cada, e não apontando, portanto, predominância de gênero para lexias em LP nesta faixa etária.

Tabela 9 – Fenômenos Atmosféricos – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	17%	14%	31%
Lexias LP	36%	33%	69%
Inglês	0	0	0
TOTAL			36 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, 69%, adicionado de 31% para as lexias Bantu.

Da predominância de lexias em Bantu, 17% são realizadas por mulheres e 14% por homens; e para as lexias em LP, tem-se 36% de realização feminina e 33% masculinha. Portanto, a predominância Bantu e LP desta faixa é do gênero feminino.

Tabela 10 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Fenômenos Atmosféricos.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	16%	13%	29%
Lexias LP	36%	35%	71%
Inglês	0	0	
TOTAL			103 lexias

Neste campo semântico foram fornecidas pelos trinta entrevistados 103 lexias. A predominância de ocorrências observada é em LP, 71%, contra 29% Bantu. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu e LP é das mulheres, que apresentam, respectivamente, 16% e 36% de ocorrências.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP ficou empatada entre homens e mulheres das três faixas, com exceção dos homens da terceira faixa, que tiveram uma frequência inferior.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Já para a LP, as frequências foram iguais, não havendo predominância a frequência de lexias da LP entre esse gênero pode ser observada nas primeira e segunda faixa etária. Para os homens, as maiores frequências de lexias Bantu estão na primeira faixa, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu na terceira faixa etária.

3.1.3 Denominações de Hortifruti

Neste campo semântico constam 342 lexias, tabuladas conforme suas frequências por gênero e idade.

Tabela 11 – Denominações de Hortifruti – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	15%	14%	29%
Lexias LP	31%	32%	63%
Inglês	4%	4%	8%
TOTAL			105 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a parte majoritária das ocorrências é LP, 63%, enquanto 29% são de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, do total de 29% Bantu, 15% são realizadas por mulheres e 14% por homens, apontando para uma pequena predominância feminina na realização de lexias provenientes das línguas locais. Já os 63% de ocorrências em LP revelam que 31% são realizações femininas, e 32% masculinas. A predominância em realizações de LP é, portanto, dos homens.

Tabela 12 – Denominações de Hortifruti – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	17%	14%	31%
Lexias LP	29%	33%	62%
Inglês	4%	3%	7%
TOTAL			123 lexias

Do total de lexias desta faixa, a predominância é de 62% da LP. As ocorrências Bantu totalizam 31%.

Dos 62% de lexias em LP, os homens realizam 33%, enquanto as mulheres realizam 29%. Já para as ocorrências Bantu, as mulheres realizam 17%, enquanto os homens apresentam 14%. Portanto, a prevalência de realizações Bantu é das mulheres, enquanto de LP é dos homens.

Tabela 13 – Denominações de Hortifruti – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	15%	16%	31%
Lexias LP	28%	33%	61%
Inglês	4,5%	3,5%	8%
TOTAL			114 lexias

A frequência total desta faixa etária indica a predominância de ocorrências em LP, 61%, enquanto 31% são de origem Bantu. Há também 8% de lexias provenientes da língua inglesa.

Da predominância em LP mencionada, 28% são faladas por mulheres e 33% por homens, enquanto para as lexias Bantu, 15% são de realização feminina, enquanto os homens realizam 16%. Dos 8% de lexias provenientes do inglês, 4,5% são realizações femininas, e 3,5% são masculinas. Portanto, a predominância Bantu e LP desta faixa é dos homens, todavia, as realizações em inglês são majoritariamente feitas pelas mulheres.

Tabela 14 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Denominações de Hortifruti.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	16%	15%	31%
Lexias LP	29%	33%	62%
Inglês	4%	3%	7%
TOTAL			342 lexias

Este campo semântico apresentou 342 lexias fornecidas pelos trinta entrevistados. Tomado na íntegra, o campo aponta para uma predominância de ocorrências em LP, 62%.

Destes, 29% foram de realização feminina, deixando a predominância para os homens, cuja frequência foi de 33%. Para as línguas Bantu, no entanto, a

predominância foi das mulheres, que apresentaram 16% de lexias dessa origem, enquanto os homens realizaram 15%.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP ficou empatada entre os homens da segunda e da terceira faixa. Por fim, a maior frequência em Inglês ocorreu entre as mulheres da terceira faixa etária.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Já para a LP, a maior frequência foi apresentada na primeira faixa etária. Por fim, para o inglês, a maior frequência entre as mulheres ocorreu na terceira faixa etária.

Para os homens, as maiores frequências de lexias Bantu estão na terceira faixa etária, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu na segunda e na terceira. Já no que tange às frequências do Inglês no gênero, a maior frequência foi apresentada pela primeira faixa etária.

3.1.4 Ciclos da vida e do corpo

Neste campo foram coletadas 228 lexias, distribuídas na tabela por gênero e idade.

Tabela 15 – Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	2%	8%	10%
Lexias LP	45%	43%	88%
Inglês	0	2%	2%
TOTAL			64 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 88%, é proveniente da LP, e somente 10% são de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, dos 10% que são de origem Bantu, apenas 2% são realizadas pelo gênero feminino, enquanto 8% são apresentadas

pelos homens, apontando para uma predominância destes em relação às mulheres no que se refere à realização de lexias provenientes das línguas locais. Já para os 88% de ocorrências em LP, 45% são faladas por mulheres e 43% por homens, apontando para a predominância feminina, ainda que esteja proporcionalmente mais equilibrado do que as frequências Bantu.

Tabela 16 – Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	7%	7%	14%
Lexias LP	47%	39%	86%
Inglês	0	0	0
TOTAL			76 lexias

Esta faixa apresenta 86% das ocorrências em LP e apenas 14% em Bantu. As ocorrências em língua Bantu foram equilibradas entre homens e mulheres, havendo 7% de frequência em cada gênero. Já para as ocorrências em LP, a predominância é do gênero feminino, que realizou 47% de lexias dessa origem, enquanto os homens realizaram 39%.

Tabela 17 – Ciclos da vida e do corpo – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	11%	4%	15%
Lexias LP	45%	40%	85%
Inglês	0	0	0
TOTAL			88 lexias

A frequência total desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, 85%, enquanto 15% são de origem Bantu.

Da predominância em LP mencionada, 45% são faladas por mulheres e 40% por homens, mostrando um equilíbrio proporcional, apesar da predominância feminina. As lexias Bantu, apresentam 11% de realização feminina e 4% masculina, havendo portanto uma grande diferença proporcional entre o gênero, com predominância feminina aos falares Bantu.

Tabela 18 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Ciclos da vida e do corpo.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	7%	6%	13%
Lexias LP	45%	41%	86%
Inglês	0	1%	1%
TOTAL			228 lexias

Das 228 lexias fornecidas pelos trinta entrevistados, chama a atenção a diferença entre as frequências Bantu e em LP. Observa-se uma predominância de ocorrências em LP, que é 86%, enquanto as Bantu totalizam apenas 13% das ocorrências.

Em relação à distribuição pelo gênero, tem-se uma predominância feminina na realização de lexias Bantu, 7%, com uma mínima diferença em relação aos homens, que apresentaram 6% do total.

Já as realizações em LP, a proporção diminui esperadamente, seguindo a tendência da análise por faixa etária, sendo que as mulheres realizaram 45% do total, enquanto os homens realizaram 41%.

Ao observar as três faixas etárias comparativamente, tem-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da terceira faixa etária. Já a maior frequência em LP foi realizada pelas mulheres entre 30 a 44 anos. Já, as lexias em Inglês foram realizadas apenas pelos homens da primeira faixa etária.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na terceira faixa etária, de 45 anos ou mais. Já para a LP, a maior frequência foi apresentada na segunda faixa etária.

Para os homens, as maiores frequências de lexias Bantu estão na primeira e segunda faixa etária, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu igualmente na segunda e na terceira faixa etária.

3.1.5 Convívio e Comportamento social

Este é o maior campo semântico, onde foram tabuladas 1.057 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 19 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 17 a 29 anos.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	8%	7%	15%
Lexias LP	36%	43%	79%
Inglês	2%	4%	6%
TOTAL			351 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 79%, é proveniente da LP, somando-se 15% Bantu e 6% em Inglês. Dos 15% que representam o total Bantu, 8% são realizadas por mulheres e 7% por homens, configurando uma distribuição bastante próxima entre os gêneros em relação à frequência, embora haja uma pequena predominância feminina.

Para a porcentagem total de lexias em LP, tem-se que 43% são realizadas pelos homens, e 36% pelas mulheres. Portanto, a predominância de gênero em LP é masculina.

Tabela 20 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 30 a 44 anos.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	12%	6%	18%
Lexias LP	38%	40%	78%
Inglês	2%	2%	4%
TOTAL			358 lexias

Esta faixa apresenta 78% das ocorrências em LP e 18% de origem Bantu.

Em relação à variável gênero, as mulheres realizam o dobro de lexias Bantu – 12% – em relação aos homens – 6%. Em relação à LP, dos 78% totais, 40% são realizações masculinas, e 38% femininas, colocando os homens como os sujeitos que mais realizam lexias em LP nesta faixa etária.

Tabela 21 – Convívio e comportamento social – Faixa etária 45 anos ou mais.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	4%	8%	12%
Lexias LP	47%	39%	86%
Inglês	2%	0,2%	2,2%
TOTAL			348 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, com 86% das lexias totais, adicionadas de 12% de lexias Bantu e 2,2% de ocorrências em Inglês.

Da porcentagem de lexias em LP, a predominância de realizações é das mulheres, que apresentam 47% de realizações, enquanto 39% são realizadas por homens. Para as lexias Bantu, tem-se 8% realizadas pelos homens, e 4% pelas mulheres, configurando predominância masculina. Já frequências em inglês apresentam uma característica peculiar: a predominância é feminina nesta faixa etária, e a porcentagem relativa aos homens é decimal e quase em relação ao montante.

Tabela 22 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Convívio e comportamento social.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	8%	7%	15%
Lexias LP	40%	41%	81%
Inglês	2%	2%	4%
TOTAL			1.057lexias

A predominância de ocorrências observada é em LP, 81%, seguida pela porcentagem Bantu, 29% e, por último, as ocorrências em Inglês, que totalizam 4%. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu no campo é das mulheres, que apresentam 8% de ocorrências. Já para a LP, a predominância é masculina, sendo 41% de ocorrências. As ocorrências em Inglês, quando consideradas em sua totalidade de distribuição, apresentaram empate de frequências.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da segunda faixa etária. E a maior frequência em LP foi encontrada também no gênero feminino, porém da terceira faixa etária. Para o Inglês, a predominância foi entre os homens da primeira faixa etária.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Na LP, a maior frequência ocorreu na terceira faixa etária. Já para os homens, a maior frequência de lexias Bantu está na terceira faixa enquanto que, em LP, ocorreu na primeira faixa etária.

3.1.6 Costumes, religião e crenças

Neste campo semântico constam 564 lexias, tabuladas conforme suas frequências por gênero e idade.

Tabela 23 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	19%	17%	36%
Lexias LP	27%	31%	58%
Inglês	4%	6%	10%
TOTAL			172 lexias

Nesta faixa etária observa-se que 58% das ocorrências acontece em LP, configurando, portanto, a parte majoritária. As ocorrências de origem Bantu totalizam 36%, e as lexias em Inglês somam 10%.

Considerando a variável gênero, do total de 36% Bantu, a predominância é feminina, com 19% de ocorrências, contra 17% de ocorrências entre os homens. Já para as realizações em LP, tem-se predominância masculina, com 31%, contra 27% feminina. Em inglês repete-se a predominância entre os homens, que apresentam 6% de ocorrências. Já as mulheres apresentam 4% do total das lexias em Inglês.

Tabela 24 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	19%	12%	31%
Lexias LP	20%	44%	64%
Inglês	5%	5%	10%
TOTAL			214 lexias

Do total de lexias desta faixa, a predominância é de 64% da LP. As ocorrências Bantu totalizam 31%.

Dos 62% de lexias em LP, os homens realizam 44%, enquanto as mulheres realizam 20%. Observa-se mais que o dobro de diferença entre a predominância masculina e as ocorrências femininas nessa língua. Já para as ocorrências Bantu, as mulheres realizam a parte majoritária, apresentando 19%, de ocorrências, enquanto os homens realizaram 12%. Em relação às ocorrências em Inglês, a distribuição das ocorrências entre os gêneros foi igualitária: 5% em cada.

Tabela 25 – Costumes, religião e crenças – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	15%	16%	31%
Lexias LP	31%	29%	60%
Inglês	6%	3%	9%
TOTAL			178 lexias

A frequência total desta faixa etária indica a predominância de ocorrências em LP, 60%, enquanto 31% são de origem Bantu. Há também 9% de lexias provenientes da língua inglesa.

Da predominância em LP mencionada, 29% são faladas por mulheres e 31% por homens. A pequena diferença entre as frequências mostra uma predominância masculina de realizações em LP. Quanto ao total de lexias Bantu, 31%, tem-se uma diferença ainda menor na distribuição da frequência entre os gêneros, pois 16% são de realização masculina, e 15% feminina. Já as lexias em Inglês dividem-se em 6% de realizações para as mulheres e 3% para os homens.

Tabela 26 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Costumes, religião e crenças.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	16%	15%	31%
Lexias LP	29%	33%	62%
Inglês	4%	3%	7%
TOTAL			564 lexias

Tomado na íntegra, o campo aponta para uma predominância de ocorrências em LP, 62%, contra 31% de origem Bantu e 7% de ocorrências em Inglês.

Da predominância apresentada em LP, 29% foram de realização feminina, portanto, a frequência majoritária é dos homens. Para as línguas Bantu, no entanto, a predominância foi das mulheres, que apresentaram 16% de lexias dessa origem, enquanto os homens realizaram 15%.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada igualmente pelas mulheres da primeira e segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP ficou para os homens da segunda faixa. Por fim, a maior frequência em Inglês ocorreu entre as mulheres da terceira faixa etária.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na primeira e segunda faixa etária. Já para

a LP, a maior frequência foi apresentada na terceira faixa etária. Por fim, para o inglês, a maior frequência entre as mulheres ocorreu na terceira faixa etária.

Para os homens, a maior frequência de lexias Bantu ocorreu na terceira faixa etária, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu na segunda. Já no que tange às frequências do Inglês neste gênero, a maior frequência foi apresentada entre os homens da primeira faixa etária.

3.1.7 Jogos e diversões

Neste campo semântico foram tabuladas 293 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 27 – Jogos e diversões – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	12%	15%	27%
Lexias LP	35%	38%	73%
TOTAL			110 lexias

Na faixa etária de 17 a 29 anos observa-se que a maior parte das ocorrências, 73%, é proveniente da LP, enquanto 27% são de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, observa-se que das 27% de ocorrências Bantu, 15% são realizadas por homens e 12% por mulheres, portanto, a predominância é masculina. Dos predominantes 73% em LP, as mulheres realizam 35% e os homens realizam 38%, novamente parte majoritária.

Tabela 28 – Jogos e diversões – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	15%	10%	25%
Lexias LP	40%	35%	75%
TOTAL			100 lexias

Esta faixa apresenta 75% das ocorrências em LP e 25% de origem Bantu.

Em relação à variável gênero, dos 25% que são de origem Bantu, 10% são realizadas por homens e 15% por mulheres, apontando para uma predominância feminina na frequência de lexias locais. Já os 75% provenientes da LP distribuem as lexias da seguinte maneira: 35% para os homens e 40% para as mulheres, caracterizando o gênero feminino como predominante no que diz respeito às realizações em LP.

Tabela 29 – Jogos e diversões – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	12%	9%	21%
Lexias LP	43%	36%	79%
TOTAL			83 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, 79%, adicionado de 21% de lexias Bantu.

Da predominância de lexias em Bantu, 12% são realizadas por mulheres e 9% por homens; e para as lexias em LP, tem-se 43% de realização feminina e 36% masculina. Portanto, a predominância Bantu e LP desta faixa é do gênero feminino.

Tabela 30 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Jogos e diversões.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	13%	11%	24%
Lexias LP	40%	36%	76%
TOTAL			293 lexias

Neste campo semântico foram fornecidas pelos trinta entrevistados um total de 293 lexias. A predominância de ocorrências observada nele ocorre em LP, 76%, adicionados de 29% de lexias de origem Bantu. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu e LP é das mulheres, que apresentam, respectivamente, 13% e 40% de ocorrências.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu ocorreu entre as mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP é observada entre as mulheres da terceira faixa.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Já para a LP, a maior frequência do gênero ocorre na terceira faixa. Para os homens, a maior frequência de lexias Bantu e LP está na primeira faixa.

3.1.8 Habitação e objetos da casa

Este campo semântico apresentou 242 lexias, tabuladas conforme suas frequências por gênero e idade.

Tabela 31 – Habitação e objetos da casa – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	0	0	0
Lexias LP	46%	54%	100%
TOTAL			82 lexias

Nesta faixa etária observa-se que todas as ocorrências acontecem em LP, sendo 46% entre as mulheres e 54% entre os homens.

Tabela 32 – Habitação e objetos da casa – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	0	3%	3%
Lexias LP	46%	51%	97%
TOTAL			80 lexias

Do total de lexias desta faixa, a predominância de ocorrências é de 97% em LP. As ocorrências Bantu expressam apenas 3%, e ocorrem somente no gênero masculino, portanto, não havendo lexias Bantu realizadas entre as mulheres.

Dos 97% de lexias em LP, os homens realizam 51%, enquanto as mulheres realizam 46%, números próximos, apesar da predominância masculina.

Tabela 33 – Habitação e objetos da casa – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	0	1%	1%
Lexias LP	51%	48%	99%
TOTAL			80 lexias

A frequência total desta faixa etária indica que 99% de ocorrências foram em LP, e os 1% restantes, em língua Bantu, realizadas apenas pelos homens.

Da predominância maciça em LP, 48% são faladas por homens, enquanto 51% são realizadas por mulheres. A pequena diferença entre as frequências mostra uma predominância feminina.

Tabela 34 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Habitação e objetos da casa.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	0	1%	1%
Lexias LP	49%	50%	98%
TOTAL			242 lexias

Tomado na íntegra, o campo aponta para uma predominância maciça de ocorrências em LP, 98%, contra apenas 1% de lexias de origem Bantu, sendo estas realizadas apenas pelos homens.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu ocorreu entre os homens da segunda faixa etária, ao passo que a maior frequência em LP também nesse gênero, porém na primeira faixa etária.

No que se refere à observação pelo gênero, não houve lexias Bantu entre as mulheres e, para a LP, foi a terceira faixa etária que apresentou a maior frequência

de ocorrências. Para os homens, a maior frequência de lexias Bantu ocorreu na segunda faixa etária, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu na primeira.

3.1.9 Alimentação e cozinha

Neste campo foram realizadas 572 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 35 – Alimentação e cozinha – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	21%	20%	41%
Lexias LP	25%	31%	56%
Inglês	2%	1%	3%
TOTAL			204 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 56%, é proveniente da LP, somando-se 41% Bantu e 3% em Inglês. Dos 41% que representam o total Bantu, 21% das lexias são realizadas por mulheres e 20% por homens, configurando uma distribuição bastante próxima entre os gêneros em relação à frequência, embora haja uma pequena predominância feminina.

Já da porcentagem total de lexias em LP, tem-se que 31% são realizadas pelos homens, e 25% pelas mulheres. Portanto, a predominância de gênero em LP é masculina.

Tabela 36 – Alimentação e cozinha – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	22%	20%	42%
Lexias LP	24%	30%	54%
Inglês	5%	1%	6%
TOTAL			171 lexias

Esta faixa apresenta 54% das ocorrências em LP, 42% de origem Bantu e 6% em Inglês.

Do total de lexias em LP, 24% são de realização feminina e 30% masculina, configurando este como o representativo da maior parte de ocorrências nessa língua. Já em relação às ocorrências bantu, tem-se que 22% são realizadas por mulheres, enquanto 20% provém dos homens, caracterizando, portanto o público feminino como falante majoritário desta faixa para este campo. Por fim, tem-se uma predominância masculina de realização de lexias em Inglês, totalizando 5% do total, enquanto o público feminino apresenta apenas 1% de lexias provenientes desse idioma.

Tabela 37 – Alimentação e cozinha – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	19%	22%	41%
Lexias LP	30%	26%	56%
Inglês	2%	1%	3%
TOTAL			197 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, com 56% das lexias totais, adicionadas de 41% de lexias Bantu e 3% de ocorrências em Inglês.

Da porcentagem de lexias em LP, a predominância de realizações é do público feminino, que apresenta 30% de realizações, enquanto o masculino realiza 26%. Para as lexias Bantu, tem-se 19% realizadas por mulheres, e 22% por homens, configurando-os como falantes majoritários destas línguas nesta faixa etária deste campo. Já a frequência em inglês ocorre predominantemente entre as mulheres, 2%, somando-se ao 1% realizado pelos homens.

Tabela 38 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Alimentação e cozinha.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	20%	21%	41%
Lexias LP	26%	29%	55%
Inglês	3%	1%	4%
TOTAL			572 lexias

A predominância de ocorrências observada é em LP, 55%, seguida pela porcentagem Bantu, 41% e, por último, as ocorrências em Inglês, que totalizam 4%. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu no campo semântico está entre os homens, que apresentam, 21% de ocorrências. O mesmo ocorre para a LP, cuja predominância masculina figura-se com 29%. As ocorrências em Inglês, quando consideradas em sua totalidade, distribuem-se em 3% aos homens e 1% entre as mulheres, colocando os homens na posição de falantes majoritários deste idioma neste campo semântico.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu ocorreu igualmente entre as mulheres da segunda faixa etária e os homens da terceira. A maior frequência em LP foi encontrada também no gênero masculino, porém na primeira faixa etária. Para o Inglês, a predominância foi entre as mulheres da segunda faixa etária.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Na LP, a maior frequência ocorreu na terceira faixa etária. Já para os homens, a maior frequência de lexias Bantu está na terceira faixa enquanto que, em LP, ocorreu na primeira faixa etária. Por fim, para a língua inglesa, a maior ocorrência foi encontrada entre as mulheres da segunda faixa etária.

3.1.10 Vestuário e Acessórios

Neste campo semântico constam 233 lexias, tabuladas conforme suas frequências por gênero e idade.

Tabela 39 – Vestuário e Acessórios – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	6%	7%	13%
Lexias LP	36%	37%	73%
Inglês	7%	7%	14%
TOTAL			74 lexias

Nesta faixa etária observa-se que 73% das ocorrências acontece em LP, configurando portanto a parte majoritária. As ocorrências de origem Bantu totalizam 13%, e as lexias em Inglês somam 14%.

Considerando a variável gênero, dos 13% Bantu, a predominância é masculina, com 7% de ocorrências, apesar da ínfima diferença em relação aos 6% de ocorrências femininas. Nas realizações em LP, tem-se predominância masculina, com 37%, também com pouca diferença entre as ocorrências femininas, que são 36%. Em inglês as frequências estão igualmente distribuídas, sendo 7% para cada gênero.

Tabela 40 – Vestuário e Acessórios – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	8%	6%	14%
Lexias LP	36%	48%	84%
Inglês	1%	1%	2%
TOTAL			83 lexias

Do total de lexias desta faixa, a predominância é de 84% em LP. As ocorrências Bantu totalizam 14%, e as frequências em Inglês apontam apenas 2%.

Da parte majoritária de lexias em LP, os homens realizam 48%, enquanto as mulheres realizam 36%. Observa-se a predominância masculina. Já em relação às frequências Bantu, tem-se 8% de ocorrências femininas e 6% masculinas, configurando o gênero feminino como maior realizador de lexias provenientes dessas

línguas nesta faixa etária. As ocorrências em Inglês aparecem com frequências iguais para homens e mulheres, 1% para cada gênero.

Tabela 41 – Vestuário e Acessórios – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	7%	7%	14%
Lexias LP	39%	38%	77%
Inglês	7%	2%	9%
TOTAL			76 lexias

A frequência total desta faixa etária indica a predominância de ocorrências em LP, 77%, enquanto apenas 14% são de origem Bantu. Há também 9% de lexias provenientes da língua inglesa.

Das frequências em LP mencionada, a predominância está nos 39% falados por mulheres, contra 38% realizado pelos homens. Já as lexias Bantu estão igualmente divididas entre homens e mulheres. No que tange ao Inglês, a predominância é do gênero feminino, com 7% das realizações, enquanto os homens realizam apenas 2%.

Tabela 42 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vestuário e Acessórios.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	6%	5%	11%
Lexias LP	38%	43%	81%
Inglês	5%	3%	8%
TOTAL			233 lexias

Tomado na íntegra, o campo aponta para uma predominância de ocorrências em LP, 81%, seguida das línguas Bantu que estão presentes em 11% das lexias e, por fim, está a língua inglesa, que apresentou 8% das ocorrências.

Da predominância apresentada em LP, os falantes majoritários são os homens, que realizam 43%, enquanto as mulheres realizam 38% das lexias. Já em relação às lexias Bantu, a predominância é feminina, com 6% de ocorrências, contra 5% masculina. Em relação ao Inglês, tem-se 3% de realizações para os homens, e 5% para as mulheres, caracterizando-as como realizadoras majoritárias de lexias neste idioma.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelas mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP ficou para os homens, também da segunda faixa. Por fim, as frequências majoritárias em Inglês ocorreram igualmente entre mulheres e homens da primeira faixa, e mulheres da terceira faixa.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária. Já para a LP, a maior frequência foi apresentada na terceira faixa etária. Por fim, para o inglês, as maiores frequências foram apresentadas igualmente na primeira e na terceira faixa etária.

Para os homens, as maiores frequências de lexias Bantu foram distribuídas igualmente na primeira e terceira faixa etária, enquanto que a maior frequência em LP ocorreu na segunda. Já no que tange às frequências do Inglês neste gênero, a maior frequência foi apresentada na primeira faixa etária.

3.1.11 Vida urbana

O total de lexias tabuladas neste campo foi 641, sendo que os totais de cada faixa etária estão destacados em número na própria tabela.

Tabela 43 – Vida urbana – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	2%	1%	3%
Lexias LP	43%	48%	91%
Inglês	2%	4%	6%
TOTAL			217 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 91%, é proveniente da LP, contra 3% de origem Bantu.

Considerando a variável gênero, dos 3% que são de origem Bantu, 1% são realizadas por homens e 2% por mulheres, apontando para uma predominância destas em relação aos homens. Já no que tange às frequências em LP, tem-se predominância masculina de 48% das realizações em comparação aos 43% de lexias realizadas pelas mulheres. No caso da língua inglesa, a predominância é masculina, com 4%. As mulheres realizam 2% das ocorrências neste idioma.

Tabela 44 – Vida urbana – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	2%	2%	4%
Lexias LP	42%	47%	89%
Inglês	3%	4%	7%
TOTAL			221 lexias

Esta faixa apresenta 89% das ocorrências em LP e 4% em Bantu e 7% em língua inglesa.

As mulheres apresentam 42% de ocorrências em LP, e a predominância de lexias neste idioma está caracterizada aos 47% fornecidos pelos homens. A distribuição das ocorrências Bantu entre os gêneros é igualitária em 2%. Já para o Inglês tem-se uma predominância feminina de 4%, somando-se aos 3% de ocorrências masculinas.

Tabela 45 – Vida urbana – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	2%	3%	5%
Lexias LP	47%	42%	89%
Inglês	2,5%	3,5%	6%
TOTAL			203 lexias

A frequência total desta faixa etária indica a predominância de ocorrências em LP, com 89%, enquanto 6% provêm da língua inglesa e 5% das línguas Bantu.

Das ocorrências em LP, 42% são realizadas pelos homens, e 47% são faladas por mulheres, caracterizando-as como gênero majoritário de realizações em LP. Já para as línguas Bantu tem-se uma maioria de ocorrências masculina – 3% - em relação aos 2% realizados pelas mulheres. No que concerne ao Inglês, tem-se 3,5% de ocorrências entre o público masculino, e 2,5% entre o público feminino. Portanto, para este idioma, os homens tem predominância de ocorrências.

Tabela 46 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Vida urbana.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	2%	2%	4%
Lexias LP	43%	46%	89%
Inglês	3%	3%	7%
TOTAL			641 lexias

Das 641 lexias fornecidas pelos trinta entrevistados no campo semântico vida urbana, observa-se uma predominância de ocorrências em LP, 89%. É possível depreender, analisando as tabelas – que este é o único campo semântico que apresenta predominância do Inglês em relação às línguas Bantu, com 7% de frequência e 4%, respectivamente.

No que concerne à LP, observa-se que houve uma predominância do público masculino na frequência de realização das lexias: 46%. O feminino apresentou 43% das ocorrências. As lexias Bantu foram realizadas igualmente por 2% dos homens e 2% das mulheres, assim como a distribuição das ocorrências em inglês também aconteceu a 3% para os homens e 3% para as mulheres.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu foi apresentada pelos homens da terceira faixa etária. Já a maior frequência em LP ocorreu entre os homens da primeira faixa etária. Para a língua inglesa, a maior frequência foi encontrada igualmente nos homens da primeira e da segunda faixa etária.

No que se refere ao gênero, entre as mulheres – as frequências de lexias Bantu foram iguais: 2% não havendo, portanto, predominância de faixa etária. Já em LP, as mulheres apresentaram a maior frequência na terceira faixa etária. E com relação ao Inglês, a frequência predominante ocorreu na segunda faixa etária.

Já para os homens, a maior frequência Bantu ocorreu na terceira faixa etária, enquanto a predominância em LP é apresentada pela primeira faixa. Já a maior parte das lexias realizadas em inglês pelos homens estão igualmente na primeira e na segunda faixa etária.

3.1.12 Objetos

Neste campo semântico foram tabuladas 204 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 47 – Objetos – Faixa etária 17 a 29 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	6%	7%	13%
Lexias LP	40%	40%	80%
Inglês	0	7%	7%
TOTAL			69 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 80%, é proveniente da LP, enquanto 13% são de origem Bantu e 7% provêm da língua inglesa.

Considerando a variável gênero, observa-se que dos 13% de ocorrências Bantu, 7% são realizadas por homens e 6% por mulheres, portanto, a predominância é masculina. Em LP, os 80% predominantes estão distribuídos igualmente entre mulheres e homens. Já em língua inglesa, observa-se que não há realizações para as mulheres, sendo que a frequência total de 7% é realizada pelos homens.

Tabela 48 – Objetos – Faixa etária 30 a 44 anos. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	9%	9%	18%
Lexias LP	37%	33%	70%
Inglês	7%	5%	12%
TOTAL			66 lexias

Esta faixa apresenta 70% das ocorrências em LP; 18% de origem Bantu e 12% em Inglês.

Em relação à variável gênero, os 18% de origem Bantu estão divididos igualmente entre homens e mulheres, sendo 9% para cada um. No que tange à LP, tem-se uma predominância de lexias realizadas pelas mulheres – 37% - em relação aos 33% de lexias realizadas pelos homens. Já para o Inglês a predominância é feminina, com 7% de ocorrências, enquanto os homens apresentam 5% das lexias.

Tabela 49 – Objetos – Faixa etária 45 anos ou mais. Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	7,5%	7,5%	15%
Lexias LP	49%	30%	79%
Inglês	4%	2%	6%
TOTAL			69 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, 79%, adicionado de 15% de lexias Bantu e 6% provenientes da língua inglesa.

Os 15% Bantu estão divididos igualmente entre homens e mulheres, que tem 7,5% de realizações cada. Já para a LP observa-se uma predominância feminina de 49% em relação aos 30% masculinos. Na língua inglesa a frequência majoritária também é encontrada nas mulheres, 4%, em relação aos 2% provenientes dos homens.

Tabela 50 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Objetos.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	7,5%	8,5%	16%
Lexias LP	42%	35%	77%
Inglês	4%	3%	7%
TOTAL			204 lexias

Neste campo semântico foram fornecidas pelos trinta entrevistados um total de 204 lexias. A predominância de ocorrências observada nele ocorre em LP, 77%, adicionados de 16% de lexias de origem Bantu e 7% de ocorrências em língua inglesa. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu e LP é masculina, com 8,5%. Já para o inglês a predominância de ocorrências é entre as mulheres, que apresentam 4% do total de lexias desse idioma.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu ocorreu igualmente entre homens e mulheres da segunda faixa etária. Já a maior frequência em LP é observada entre as mulheres da terceira faixa. A frequência majoritária em língua inglesa é observada nos homens da primeira faixa e nas mulheres da segunda.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos.

Já para a LP, a maior frequência do gênero ocorre na primeira faixa. Na língua inglesa, a presença majoritária entre as mulheres ocorre na segunda faixa etária.

Para os homens, a maior frequência de lexias Bantu está na segunda faixa etária, enquanto a predominância de frequência da LP e do Inglês no gênero está na primeira faixa.

3.1.13 Relações comerciais e Economia

Neste campo foram realizadas 380 lexias, conforme as seguintes tabelas divididas por faixa etária e gênero.

Tabela 51 – Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 17 a 29 anos.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	14%	12%	26%
Lexias LP	35%	36%	71%
Inglês	1%	2%	3%
TOTAL			117 lexias

Nesta faixa etária observa-se que a maior parte das ocorrências, 71%, é proveniente da LP, somando-se 26% Bantu e 3% em Inglês. Dos 26% que representam o total Bantu, 14% das lexias são realizadas por mulheres e 12% por homens, configurando predominância feminina.

Já da porcentagem total de lexias em LP, tem-se que 36% são realizadas pelos homens, e 35% pelas mulheres. Portanto, a predominância de gênero em LP é masculina. Já para o inglês, a predominância realizada por 2% é masculina, em relação ao 1% de lexias realizadas pelas mulheres.

Tabela 52 – Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 30 a 44 anos.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	18%	20%	38%
Lexias LP	30%	30%	60%
Inglês	0,7%	1,3%	2%
TOTAL			134 lexias

Esta faixa apresenta 60% das ocorrências em LP, 38% de origem Bantu e 2% em Inglês.

As ocorrências em LP estão distribuídas igualmente entre os gêneros, sendo 30% para cada uma. Já em relação às ocorrências Bantu, tem-se que 20% são realizadas por homens, enquanto 18% provém das mulheres, caracterizando, portanto o público masculino como falante majoritário desta faixa para este campo. Por fim, tem-se uma predominância masculina de realização de lexias em Inglês, totalizando 1,3% do total, enquanto o público feminino apresenta apenas 0,7% de lexias provenientes desse idioma.

Tabela 53 – Relações Comerciais e Economia – Faixa etária 45 anos ou mais.
Frequências das quantidades de lexias realizadas por gênero.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	13%	21%	34%
Lexias LP	34%	31%	65%
Inglês	1%	0	1%
TOTAL			129 lexias

A frequência total de lexias desta faixa etária indica uma predominância de ocorrências em LP, com 65% das lexias totais, adicionadas de 34% de lexias Bantu e 1% de ocorrências em Inglês.

Da porcentagem de lexias em LP, a predominância de realizações é do público feminino, que apresenta 34% de realizações, enquanto o masculino realiza 31%. Para as lexias Bantu, tem-se 13% realizado por mulheres, e 21% por homens,

configurando-os como falantes majoritários destas línguas nesta faixa etária deste campo. Já a frequência em inglês ocorre exclusivamente entre as mulheres, que abrangem 1% das ocorrências.

Tabela 54 – Balanço geral das frequências referentes às três faixas etárias do campo semântico Relações Comerciais e Economia.

	Feminino	Masculino	TOTAL
Lexias Bantu	15%	18%	33%
Lexias LP	33%	32%	65%
Inglês	1%	1%	2%
TOTAL			380 lexias

A predominância de ocorrências observada é em LP, 65%, seguida pela porcentagem Bantu, 33% e, por último, as ocorrências em Inglês, que totalizam 2%. Com relação ao gênero, a predominância de realizações Bantu no campo semântico está entre os homens, que apresentam, 18% de ocorrências. Já para a LP, a predominância fica com as mulheres, que apresentam 33% de lexias nesta língua. As ocorrências em Inglês estão distribuídas igualmente entre homens e mulheres, com 1% cada.

Ao analisar comparativamente as três faixas, observa-se que a maior frequência de lexias Bantu ocorreu entre os homens da terceira faixa etária. A frequência maior em LP e língua inglesa foi encontrada também no gênero masculino, porém na primeira faixa etária para ambos os idiomas.

No que se refere ao gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres – e somente entre elas – ocorreu na segunda faixa etária, de 30 a 44 anos. Na LP, a maior frequência ocorreu na primeira faixa etária. E para o inglês, as maiores frequências entre do gênero ocorreram igualmente na primeira e na segunda faixa etária.

Já para os homens, a maior frequência de lexias Bantu está na terceira faixa enquanto que, em LP e em Inglês, ocorreu na primeira faixa etária.

3.2 Balanço geral dos campos semânticos

Após descrever as ocorrências de lexias provenientes das línguas locais – sobretudo Xirhonga e Xichangana –, da LP e de outros idiomas, nos treze campos semânticos constantes do QSL, tendo por base as variáveis gênero e idade, faz-se necessário proceder a um balanço geral das frequências definidas, para que sejam identificadas as tendências de cada campo com relação à origem das lexias.

Analisando comparativamente os quadros de balanço propostos para os treze campos semânticos é possível verificar que em todos há uma predominância por lexias de LP, alguns deles com enorme diferença de frequências, como é o caso do campo Habitação e objetos da casa, em que 98% das lexias são de origem da LP, e apenas 1% é proveniente de línguas Bantu.

No campo vida urbana também se tem uma presença maciça de lexias de origem LP, 89%, e apenas 4% são de origem Bantu.

O campo Convívio e comportamento social também apresenta disparidade entre as frequências, onde 81% das ocorrências são provenientes da LP e 15% são de origem Bantu.

O campo semântico que apresenta a maior frequência de ocorrências Bantu é Alimentação e cozinha, com 41% de lexias. Já para a LP, tem-se a maior frequência ocorrida no campo Habitação e objetos da casa, com 98%.

No que se refere à variável gênero, a maior frequência de lexias Bantu entre as mulheres realiza-se no campo semântico Alimentação e cozinha, com 20% de ocorrências. Em LP, a maior frequência feminina está em Habitação e objetos da casa.

O mesmo ocorre para o gênero masculino, que apresenta 21% de lexias de origem Bantu – a maior frequência – também no campo semântico Alimentação e cozinha, enquanto que a maior frequência do gênero em LP é apontada com 50% em Habitação e objetos da casa.

Tomando por base diferenças de frequências entre as ocorrências de origem Bantu e em LP ocorridas em cada campo semântico, pode-se estabelecer uma ordenação de campos que se mostram mais favoráveis às realizações Bantu, ainda que todos os campos tenham predominância de lexias em LP. Pode-se depreender

que a menor diferença entre frequências LP e Bantu aponta para um maior favorecimento de ocorrências Bantu.

Assim, é no campo semântico alimentação e cozinha que podem ser encontradas mais ocorrências Bantu em relação às ocorrências em LP. Em sequência de predominância Bantu em relação a LP estão: Vida Rural; Costumes, religião e crenças; Denominações de Hortifruti; Relações comerciais/ Economia; Fenômenos atmosféricos; Jogos e diversões; Objetos; Convívio e comportamento social; Vestuário e Acessórios; Ciclos da vida e do corpo; Vida urbana; e Habitação e objetos da casa.

3.3 Lexias em destaque: o Bantu e a LP em contato

Dos campos semânticos acima descritos podem ser depreendidas algumas ocorrências que se destacam por peculiaridades intrínsecas ao processo de formação do léxico do público-alvo. Sobre esse processo de formação, Vilela (1994, p. 53) diz:

A formação de palavras é, ao lado dos empréstimos externos (importação de palavras) e internos (intercâmbios entre as várias línguas funcionais numa língua histórica, como por exemplo a passagem dos tecnicismos para a língua comum), da mudança de conteúdo (do sentido literal para o sentido figurado) e das construções fraseológicas (ou expressões fraseológicas equivalentes de palavras), o processo normal de enriquecimento (diria mesmo a alimentação normal) do léxico do português.

O primeiro campo semântico que favorece a ocorrência de lexias Bantu, *Alimentação e cozinha*, apresentou algumas mesclas léxicas passíveis de atenção. Uma delas é para a ocorrência *Chamussa*, reposta dada por 100% dos sujeitos entrevistados que responderam à questão nº 104 *Como é que se chama o aperitivo de massa folhada, triangular, que tem como recheio habitualmente frango ou carne picada, peixe ou vegetais, e que se come frita?*

Essa lexia, segundo Houaiss²⁰ é um regionalismo proveniente da Índia, onde apresenta a grafia *samosa* ou *samusa*. A presença da lexia em Moçambique, então, aponta para um tempo aparentemente anterior à idade dos sujeitos que pertencem à faixa etária de 45 anos ou mais. Isso porque, conforme visto no primeiro

²⁰ As citações de Houaiss provêm do Dicionário Houaiss eletrônico. Consultar Referências Bibliográficas.

capítulo, os indianos foram os primeiros povos a explorar o território que hoje é conhecido como Moçambique.

Também proveniente do Hindu está a lexia *lanha* e *lanho*, realizados como resposta à questão nº 17 *Como é que se chama o fruto do coqueiro, que ainda não atingiu o seu crescimento, está meio feito?*

Segundo Moraes e Silva²¹, a lexia *lanha* é originária da Ásia. Já Bluteau, afirma que o termo é proveniente da Etiópia Oriental. Houaiss, contemporaneamente, aponta a lexia como sendo um regionalismo da Índia.

Mesmo que não haja um consenso entre a origem da lexia, é certo que ela está presente em Maputo, endossando a multiplicidade linguística presente no país. A lexia realiza-se também como *lanho*, provavelmente por derivação, uma vez que se diz para a acepção, *coco-lanho* e, assim, marca-se a concordância com o gênero.

Outra lexia que se destaca por sua frequência de ocorrência, é *chuinga*. Ela foi dada como resposta à questão nº 107 *Como se chama o doce de mastigar que as crianças gostam muito e passam horas com ele na boca?*

Trata-se de uma lexia que, segundo Houaiss, é derivada do Inglês, *Chewing gum*, goma de mascar ou, na variedade brasileira, *chiclete*, e ainda, na variedade europeia, *pastilha elástica*.

Essa lexia foi fornecida por 70% dos sujeitos entrevistados, sendo que a maior frequência foi apresentada pela terceira faixa etária, seguida da primeira faixa etária e, por fim, a segunda faixa, que não teve ocorrências entre as mulheres.

A frequência majoritária dessa lexia na terceira faixa etária pode estar associada ao histórico da presença da África do Sul. Por ser um país fronteiriço, economicamente mais desenvolvido, estabeleceu relações de exploração com Moçambique, sobretudo usurpando a mão de obra deste país. Mais tarde uniu-se à Portugal e à Rodésia, formando as potências brancas contra a independência de Moçambique.

Esses fatos estreitaram o contato linguístico entre os dois países, e os sujeitos que apresentam a lexia mesclada, *chuinga*, pertencem à geração que

²¹ Os dicionários de Moraes e Silva e Bluteau estão disponíveis no site do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB). Consultar as Referências Bibliográficas.

vivenciou o processo de independência, diferentemente dos mais jovens, que realizam prioritariamente a lexia *pastilha elástica*, em LP.

Neste campo ainda se destaca a lexia *macofu*, respondida para a questão de nº 101 *Como se chama a couve, depois de cozida, com amendoim?* Na primeira faixa etária, a frequência dessa lexia foi de 40%, já na segunda, 20% e, na terceira, 30%. Novamente tem-se a faixa etária que apresenta a parte majoritária dos sujeitos como nativos em LP com predominância de frequência Bantu, o que endossa o caráter de bilinguismo presente no país.

Um dos sujeitos, MRW38 realizou *macouve* que se configura como uma mescla entre o prefixo nominal Bantu desinente, segundo Ngunga (2004, p. 190), de “marca de plural de substâncias coisas incontáveis” *ma-*, e a lexia LP *couve*. Apesar de ter sido a única ocorrência, foi realizada por um sujeito que considera uma língua Bantu como sua língua materna, sendo proficiente nesta e, portanto, a presença da mescla faz crer que a LP, por vezes, se faz mais latente no cotidiano, ainda que carregue marcas das línguas Bantu aliadas a ela.

Do campo semântico Vida Rural destacam-se as lexias *machamba* e *machambeiro*, que respondem, respectivamente, às questões nº 1 *Como se chama o lugar onde as pessoas plantam as frutas e as verduras?*²² e nº 2 *Como se chama a pessoa que planta as frutas e as verduras e que trabalha na _____ (conforme resposta da questão anterior).*

Na resposta de 90% dos sujeitos ocorreu a lexia *machamba*, de origem Xichangana. Na primeira faixa etária, em que 80% dos falantes consideram a LP sua língua materna, todos os sujeitos realizaram a lexia *machamba*. Na segunda, apenas MRW38²³ não realizou a lexia e, na terceira faixa, MAM65 e FOT47 não realizaram.

A segunda questão, conforme visto, era complementar à primeira, e a frequência de realização da lexia Xichangana *machambeiro* foi de 63%, o que infere que nem todos os sujeitos que realizaram *machamba* na primeira questão optaram por *machambeiro* para a segunda.

²² A íntegra do QSL pode ser lida no Apêndice B.

²³ Conforme explicado no item 2.5.4 do Capítulo II, a significação dos códigos de identificação dos sujeitos é análoga ao exemplo: MRW38, sendo **M** ou **F** o gênero ao qual pertencem, RW as iniciais do primeiro e último nome dos sujeitos e 38 a idade.

Este foi o caso de MFZ25 e FKM27. Ambos consideram a LP sua língua materna, mas não realizam quaisquer lexias neste idioma para a representação da questão 1.

FOT47, da terceira faixa etária, apresentou comportamento linguístico diferenciado, pois realizou *pomar* na primeira questão e, na questão complementar, optou pela realização de *machambeiro*. Quando questionada sobre sua língua materna, ela diz:

Eu considero o português, mas já me corrigiram e disseram que não é o português. Ninguém conseguiu me explicar o por quê, mas dizem que é por causa das origens, 'Onde é que teu pai nasceu?', 'Os meus pais são de Inhambane', tá bom, então minha língua materna é o bitongue'. Mas eu não sei falar bitongue, então eu acho que a minha língua materna é... quando eu cresci a falar e... é o português, eu cresci a falar português. E eu considero a minha língua materna o português.

Neste caso há uma mescla latente e que opera no nível morfológico. Cria-se um morfema lexical mínimo derivado do substantivo de origem Bantu *machamba*, podendo ser representado por *machamb-* e a este agrega-se o sufixo de origem portuguesa *eiro*, utilizado para outros denominativos de profissões executoras de tarefas²⁴, em LP.

O mesmo ocorre para as lexias *candongu-eiro* e *dumbanengu-eiro*, frequentes no campo semântico Relações comerciais/ Economia. Este é o quarto campo semântico em favorecimento de realizações de lexias de origem Bantu, conforme as frequências fornecidas no item 2.2.

A ocorrência da palavra *candongueiro*, analogamente ao que ocorre com *machambeiro*, é decorrente de uma pergunta complementar. Nesse caso, os sujeitos devem responder à questão nº 143 *Como é que se chama a venda de produtos a um preço muito acima do que a maioria vende e do que é fixado como justo?*

Nas realizações de 36% dos sujeitos ocorreu a lexia *candongu*, de origem Xichangana. A questão seguinte, complementar, perguntava: *Como é que se chama a pessoa que faz a _____ (conforme questão anterior)* e teve como resposta a lexia

²⁴ Como é o caso, por exemplo, de *pedr-eiro*, *carpint-eiro*, *confeit-eiro*, entre outros.

candongueiro para 30% dos entrevistados, com predominância para a segunda e terceira faixas etárias.

Essa mescla de desinência do substantivo denotativo de profissão com o morfema lexical Bantu pode ser entendida a partir das considerações de Bakhtin (1981, p. 75):

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída - graças à língua materna - se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não "adquirem" sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Ainda referindo-se a derivações, no mesmo campo semântico, tem-se as lexias *mukhero* e *mukheristas*. Ambas são de origem Xichangana e respondem, respectivamente, às questões de nº 147 *Como é que se chama o comércio que acontece na região da Namaacha e de Ressano Garcia [regiões fronteiriças do país] em que os objetos são transportados de um lado para o outro da fronteira, sem pagar os impostos, e que é feito mais por mulheres?* e nº 148 *Como é que se chama a pessoa que faz o _____ (conforme questão anterior)?*

A questão nº 147 teve 70% de ocorrências da lexia *mukhero*, sobretudo na segunda e na terceira faixa etária, que apresentam, respectivamente, 90% e 70% de sujeitos que tem uma língua Bantu como materna.

Observa-se, no entanto, que 33% dos sujeitos que tem como língua materna a LP realizaram a lexia *mukhero* e 38% realizaram *mukherista*.

A derivação, neste caso, tem o morfema lexical *mukher-* adicionando-se a ele o sufixo *-ista*, que também é desinente de atividades profissionais.

Neste campo semântico também é observada a realização de *chitique* para designar a questão nº 145 *Como é que se chama aquele modo de emprestar dinheiro que se faz entre um grupo, em que todos contribuem com uma quantia e, em cada semana, ou mês, aquela quantia vai para uma das pessoas que contribuiu, escolhida. É feito, habitualmente, entre vendedores de mercado ou mesmo grupo de amigos?*

Como visto na acepção constante da própria questão, é um modelo local de empréstimo financeiro, o que pode ser a provável explicação para a totalidade das ocorrências terem sido a lexia Bantu *Chitique*, mesmo havendo a correspondente em LP, *permuta*. Para explicar esses processos de derivação realizados no Campo semântico Relações Comerciais / Economia, lanço mão das concepções de Bakhtin (1981, p. 102) sobre a evolução semântica na língua:

é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social (...) inteiramente determinada pela expansão da infra estrutura econômica. À medida que a base econômica se expande, ela promove uma real expansão no escopo de existência que é acessível, compreensível e vital para o homem

O franco desenvolvimento de Maputo, como capital econômica, cultural e social de Moçambique, estreita as relações comerciais internas e com a comunidade internacional. Novas formas de comércio surgem e novas ordens sociais impõem novas atitudes aos indivíduos que participam dessa sociedade. É o que acontece, por exemplo, com o *chitique*.

No campo semântico *Fenômenos Atmosféricos*, que é o segundo em favorecimento de ocorrências Bantu, tem-se como resposta à questão de nº 9, *Como se chama uma fumaça que acontece à noite, principalmente nas estações frias, e que cobre tudo?*, a lexia *cacimba*.

Essa lexia, segundo o Dicionário Aulete²⁵, tem uma tendência de derivação do quimbondo:

5. Afr. Denso nevoeiro que ocorre ao cair da tarde em certos pontos da costa africana; CACIMBO [F.: Do quimb. *kixima*. Duvidoso para a acp. 5.]

A dúvida de origem também está presente em Houaiss:

1. nevoeiro úmido, sereno ou chuva miúda que se forma em certas regiões costeiras e insulares africanas (p.ex., Serra Leoa e Cabo Verde), ger. de efeitos desagradáveis;
2. Derivação: por extensão de sentido, o período em que se dá esse fenômeno
3. Regionalismo: Índia. Neblina úmida, causadora de mangra.
Etimologia: orig.duv., talvez do quimb. *kixibu* 'inverno, estação fria; sereno, nevoeiro'; *2cacimba* seria alt. desta forma, atuando, portanto, como var.; mas em *nyungwe* (Tete MOÇ) ocorre a f. *kasimba*

²⁵ As citações de Aulete provêm do Dicionário Aulete eletrônico. Consultar Referências Bibliográficas.

Mesmo sendo de origem duvidosa para os lexicógrafos, devido a sua ocorrência maciça entre os universitários moçambicanos optou-se por considerar a lexia como sendo de origem Bantu.

Essa lexia ocorreu em 83% dos sujeitos, sendo que 48% destes consideram a LP sua língua materna. Alguns sujeitos realizaram tanto *cacimba* quanto *nevoeiro*, esta sendo a correspondente em LP. Todavia, essa concomitância de realizações foi de apenas 53% para *nevoeiro*, predominando, portanto, *cacimba*.

No campo semântico *Vestuário e Acessórios* a parte majoritária dos sujeitos realizou a lexia *calamidade* como resposta para a questão nº 113 *Como se chamam as roupas usadas que se compram?*

Todavia, FIM42 realizou *xicalamidade*. O prefixo xi-, neste caso, é uma desinência de singular e, segundo Lopes et al (2002, p. 39), é assim que entra na língua Xichangana, língua nativa do sujeito em questão, o que pode ser a causa de sua realização.

Por fim, destaca-se no campo semântico *Vida Urbana* a lexia *machimbombo*. Realizada por 83% dos sujeitos, é uma lexia proveniente do Xichangana, por derivação da palavra *xibomba*, que designa, segundo Lopes et al (2002, p. 86) “meio de transporte colectivo rodoviário de passageiros; autocarro”.

A frequência de ocorrência dessa lexia evidencia que, novamente, mesmo os falantes que tem a LP como língua materna realizam *machimbombo* para designar autocarro.

O sujeito MAS51, professor, propõe uma acepção diferenciada para o termo:

“aquela empresa, inicialmente... as pessoas defecavam num dado sítio lá embaixo. Então, à noite, andavam lá pessoas a recolher aquilo ali. Então a empresa que recolhia aquele lixo, aquelas fezes, as fezes aqui se chama ‘machinga’, é porcaria. Então quando fizeram aquilo ali ‘Ah, é só pra carregar machimba’. Machimba era o passageiro, era o negro que andava ali. Então ficou a palavra machimbombo.”

Outras lexias destacaram-se no que concerne ao seu processo de formação, todavia, por seu extenso número, poderão ser consideradas em estudos léxicos posteriores.

Ademais, expõem-se aqui algumas considerações sobre a epígrafe deste capítulo, que traz uma frase frequentemente realizada no país: *Moçambique é maningue nice*, onde se opera o fenômeno de mescla ao nível da sentença – o *code switching*: *Moçambique* é o nome do país; *é* corresponde à conjugação do presente do indicativo do *verbo ser*, em português; *maningue* é um advérbio Xichangana de intensidade e pode ser entendido como *muito*; e, por fim, o complemento dado, *nice*, é um adjetivo inglês, cuja tradução aproximada para a LP pode ser *legal*. São, portanto, três línguas operando no nível sentencial, sob a sintaxe canônica da LP sujeito + verbo + objeto (S.O.V).

Trata-se de um exemplo claro do plurilinguismo presente no país, em que a reunião de lexias interfere no nível sentencial. E esse fenômeno advém principalmente do contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial desta pesquisa foi realizar um estudo descritivo e sincrônico do léxico dos universitários residentes em Maputo.

Para tanto, considerei os estudos de Gonçalves (1996) e Firmino (2006), linguistas nativos de Moçambique, que apresentam dados históricos, culturais, políticos e linguísticos do país. Também foram considerados os estudos do sociólogo Mondlane (1995) acerca da história de Moçambique, que explicaram mais detalhadamente o processo pré-independente e as consequências políticas e sociais para a Moçambique, que influenciaram nos falares do país.

Pesquisar a Língua Portuguesa em Moçambique previa, portanto, o desenvolvimento de uma metodologia que considerasse todas as particularidades expostas acima. Para isso, optei por desenvolver um método que aliasse os pressupostos teóricos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, permitindo a sistematização da metodologia de coleta de dados e, ao mesmo tempo, caracterizando os sujeitos envolvidos no uso da língua.

O método foi constituído um Questionário Semântico-Lexical (QSL) contendo 150 perguntas de modelo onomasiológico, divididas em treze campos semânticos, aplicado posteriormente a uma Ficha de Identificação do Sujeito. As bases teóricas utilizadas para o desenvolvimento do QSL foram fornecidas por Brandão (1991) e por considerações concernentes ao Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB). Já os pressupostos sociolinguísticos foram fornecidos por Tarallo (2004).

Dessa forma, os resultados obtidos viabilizaram o estudo descritivo definido como objetivo desta pesquisa, além de oferecerem um padrão comparativo que pode ser direcionado para análise de outros fenômenos linguísticos.

No que concerne à segunda possibilidade, a amostra de 5.101 lexias foi tabulada por campo semântico, estabelecendo o cruzamento entre gênero e idade X lexias de origem Bantu e lexias de origem em LP.

Conforme os dados foram tabulados, houve a necessidade de considerar também as lexias em Inglês, pois eram bastante frequentes entre o público-alvo.

Os resultados desses cruzamentos apontaram, de um modo geral, para a predominância de lexias provenientes da LP em relação às ocorrências de lexias de Bantu nas realizações do público universitário.

Todavia, quando as frequências são analisadas por faixa etária e gênero, aparecem peculiaridades que refletem as características históricas e sociais expostas no Capítulo I, no que concerne ao tempo de incursão da LP em Maputo.

Para evidenciar particularidades de algumas das lexias constantes da amostra, selecionei aquelas que apresentavam mesclas entre as três possibilidades envolvidas: línguas Bantu – tomadas em sentido amplo do termo Bantu – Língua Portuguesa e Inglês. A caracterização das lexias como mesclas foram definidas a partir dos pressupostos teóricos fornecidos por Tarallo e Alkmin (1987).

As frequências apontadas para essas lexias evidenciam que as mesclas operam tanto para os sujeitos que tem o Português como língua materna, quanto para aqueles que são declaradamente nativos em alguma língua Bantu. Tais mesclas foram encontradas nos níveis: fonológico e morfológico, com a presença de derivações sufixais; léxico, com a utilização de lexias Bantu e LP nos diferentes contextos de interação dos falantes comigo enquanto pesquisadora-interlocutora; e sintático, ainda que precariamente, a partir do fenômeno de *code switching* verificado em um ditado popular bastante conhecido em Moçambique.

A tradição filológica clássica reconhece três variantes do português: a europeia, a brasileira e a galega, não havendo menção sobre os países africanos pertencentes aos PALOP's – Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Mas é sabido que estes países, ainda que tenham grandes entraves econômicos devido à sua independência recente, estão em franco desenvolvimento e a língua, neste cenário, participa desse processo, pois reflete os contornos culturais de cada um destes países e as influências externas que recebem.

Utilizando o conceito de língua como uso, considero os trinta universitários inquiridos, pertencentes a três faixas etárias diferentes, como parte representativa de um todo que compartilha das mesmas características linguísticas enquanto participantes da sociedade Maputense e, portanto, estarem inseridos nas particularidades históricas e culturais dela. Dessa forma, as conclusões apontadas no

Capítulo III podem ser estendidas a toda a sociedade que se enquadre nas variáveis consideradas.

Optei por Moçambique como local de coleta dos dados considerando-o um ponto de partida para a investigação linguística dos países africanos pertencentes aos PALOP. Isso porque esses países apresentam características muito particulares de formação linguística que, no caso específico de Moçambique, são corroboradas por uma *corpus* representativo de diversas mesclas de lexias que apontam para a formação de uma nova variedade da língua portuguesa, diferente da europeia.

Nesta variedade estão contidas as particularidades do processo de formação linguística do País, bem como um certo grau de influência das línguas Bantu e de outros idiomas, como o Inglês e o Hindu, tanto em seu léxico quanto em outros níveis linguísticos.

Observei essa influência quando entrevistei sujeitos que se consideravam nativos em LP e que realizavam, como primeira opção de resposta, palavras como *machimbombo*, de origem Bantu, ao invés da correspondente em LP da variedade europeia *autocarro*, ou mesmo diante das mesclas *candongueiro* e *mukherista*, presentes nas três faixas etárias estudadas, bem como *ufelêlão*, *xicalamidade* e *macouve*, pouco frequentes, mas presentes entre as lexias realizadas pelos sujeitos.

De outras línguas, destacam-se as lexias *chuinga*, derivação do Inglês, e *Chamuça*, empréstimo Hindu.

As lexias expostas no capítulo III evidenciam o convívio existente entre as múltiplas línguas presentes em Maputo, que fornecem as mais variadas possibilidades de incursão de lexias estrangeiras à LP, além das línguas locais.

É essa multiplicidade que conduz à mescla linguística, confluindo para novos processos de formação léxica. Sobre esse convívio, diz Bakhtin (1981, p. 74):

A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar (...) como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério. Só pode apresentar algum, na boca de um estrangeiro (...) mas, nesse, a palavra muda de natureza, transforma-se exteriormente ou desprende-se de seu uso cotidiano (torna-se tabu na vida ordinária ou então arcaíza-se) - isto se a palavra em questão já não for, desde a origem, uma palavra estrangeira na boca de algum chefe-conquistador

Segundo tais concepções, seriam os sujeitos entrevistados estrangeiros de sua própria língua? Ou podemos inferir que as mesclas realizadas fazem parte de uma variedade de língua em formação, diferente da europeia e da brasileira? Uma variedade Moçambicana da LP?

As respostas a essas questões envolvem outras etapas de investigação, além da consideração de diferentes variáveis de análise, o que pretendo realizar em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos.** In: Revista Ciência e Cultura [online]. 2006, v. 58, n. 2, pp. 38-41. ISSN 0009-6725. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a15v58n2.pdf>. Acesso em 25/05/2010.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1981.
- BERTOLDI, Vittorio. **Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti.** Roma: Treccani, 1935. Citado por BABINI, Maurizio. *Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos.* Artigo publicado na Revista Ciência e Cultura. vol.58 no.2. São Paulo Apr./June 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a15v58n2.pdf>. Acesso em 25/05/2010.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino.** Coimbra, 1912-1928.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil,** São Paulo/SP: Ática, 1991.
- CABAÇO, José Luis de Oliveira. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação.** Tese de Doutorado – Programa de Antropologia Social. FFLCH-USP, 2007.
- CALDAS AULETE. **iDicionário.** Lexikon Editora Digital – versão para internet. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em 25/05/2010.
- COSERIU, Eugênio. **A geografia linguística.** In: *O homem e sua linguagem.* Trad. De Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/ São Paulo, USP, 1982, p. 105.
- COUTO, Mia. **Moçambique – 30 anos de Independência: no passado, o futuro era melhor?** Revista Via Atlântica nº 8 – dez/2005, pp. 191-217.
- DIAS, Hildizina N. **Minidicionário de Moçambicanismos.** Maputo: Furtado & Godinha Lda, 2002.
- ENCARNAÇÃO, Márcia R. T. **A importância do método de pesquisa Geolinguístico no resgate de valores sócio culturais.** 17º Caderno do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia – CNLF, 2005. Disponível no site <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/index.htm>. Acesso em 23/12/2010.

- FIRMINO, Gregório. **A questão linguística na África pós colonial: O caso do português e das línguas autóctones em Moçambique.** 1ª ed. Maputo/MZ: Texto editores, 2006.
- GONÇALVES, Perpétua. **Português de Moçambique – uma variedade em formação.** Maputo: Livraria Universitária Universidade Eduardo Mondlane, 1996.
- LOPES, Armando J., SITO, Salvador J.; NHAMUENDE, Paulino J. **Moçambicanismos – para um léxico de usos do português moçambicano.** Maputo: Livraria Universitária Universidade Eduardo Mondlane, 2002.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea.** 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004.
- MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique.** 1ª Edição Moçambicana. Maputo: Coleção Nosso Chão, 1995.
- MORAIS SILVA, A. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>
Acesso em 22/12/2010.
- NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu.** Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar T. **Estruturas linguísticas do português.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos.** Florianópolis, 1955.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-linguística.** São Paulo: Ática, 2004.
- TARALLO, Fernando e ALCKMIN, Tânia. **Falares Crioulos: línguas em contato.** São Paulo: Ática, 1987.
- VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português.** Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

Referências Eletrônicas

www.alib.ufba.br. Acesso em 25-11-10

Apêndice A – Ficha de Identificação do Sujeito

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MESTRADO EM FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA
ALUNA: **CLAUDIA BERGAMINI**
DOCENTE: **PROF. DR. MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO-ALMEIDA**

PESQUISA DE CAMPO

FICHA DO SUJEITO

1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Alcunha: _____ Nome de casa: _____

Data nasc: ____/____/____ Idade: _____ Sexo: F() M()

Endereço: _____

Bairro/ Zona: _____

Província: _____

Estado civil: () casado () solteiro () viúvo () outro

Local de nascimento: _____

Com que idade chegou a esta cidade? (caso não seja natural da localidade): _____

Quanto tempo morou fora da cidade? _____

2 - LÍNGUAS FALADAS

Em que cidade/província/país seu pai nasceu? _____

Quais línguas bantu seu pai fala? _____

Quais outras línguas seu pai fala? _____

Em que cidade/província/país sua mãe nasceu? _____

Quais línguas bantu sua mãe fala? _____

Quais outras línguas sua mãe fala? _____

Quais línguas bantu você fala? _____

Você foi criado pelos próprios pais? () sim () não

Em caso negativo,

Em que cidade/província/país seu parente nasceu? _____

Quais línguas bantu seu parente fala? _____

Quais outras línguas seu parente fala? _____

Em que cidade/província/país seu (sua) namorado(a)/marido (esposa) nasceu? ____

Quais línguas bantu seu (sua) namorado(a)/marido (esposa) fala? _____

Apreendeu outras línguas?

() Inglês.

Leitura - () fluente () intermediária () básica () não lê.

Fala - () fluente () intermediária () básica () não fala.

Escrita - () fluente () intermediária () básica () não escreve.

() Francês.

Leitura - () fluente () intermediária () básica () não lê.

Fala - () fluente () intermediária () básica () não fala.

Escrita - () fluente () intermediária () básica () não escreve.

() Afrikaans.

Leitura - () fluente () intermediária () básica () não lê.

Fala - () fluente () intermediária () básica () não fala.

Escrita - () fluente () intermediária () básica () não escreve.

() Outra. Qual? _____

Leitura - () fluente () intermediária () básica () não lê.

Fala - () fluente () intermediária () básica () não fala.

Escrita - () fluente () intermediária () básica () não escreve.

3 - ESCOLARIDADE

() Nunca foi à escola e não aprendeu português.

() Nunca foi à escola, mas aprendeu o português. Neste caso, onde?

Se foi à escola, cursou:

() Primeiro grau, até a _____ classe. (1 a 5 classes)

() Segundo grau, até a _____ classe. (6 e 7 classes)

() Primeiro ciclo do ensino básico, até a _____ classe (8 a 10 classe)

() Segundo ciclo do ensino básico, até a _____ classe (8 a 10 classe)

Preferência pelas matérias de _____

() Ensino profissionalizante. Curso: _____

() Ensino superior () completo () incompleto () cursando _____
semestre

Fez outros cursos profissionalizantes? Quais? _____

4 – PROFISSÃO

Profissão: _____

Atividade que exerce: _____

Local onde trabalha: _____

Bairro/ Zona: _____

Província: _____

Ramo de atividade: _____

5 - COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL – Parte gravada

Em casa, você costuma se comunicar com seus pais em quais línguas? _____

E com os seus demais parentes? _____

E com seu (sua) namorado(a)/marido (esposa) em quais línguas? _____

E com seus amigos? _____

E com seus colegas de trabalho? _____

Como você faz a escolha da língua que irá falar com essas pessoas? _____

6 - RENDIMENTOS

Sua renda mensal individual é de _____ meticais, portanto, _____ dólares.

Sua renda mensal familiar é de _____ meticais, portanto, _____ dólares.

(os valores serão convertidos com a correspondência de um dólar para cada 27 meticais, taxa média de câmbio sugerida pelo Banco de Moçambique **em novembro de 2009**, já que Moçambique adotou o regime de taxas livres de câmbio.)

7 - CONTATOS COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Assiste TV?

() Todos os dias () Às vezes () Nunca

() Rede gratuita () Rede paga

Quais os canais/ programas que assiste?

() novelas brasileiras () outras novelas

() noticiários moçambicanos () noticiários brasileiros

() noticiários estrangeiros

() esporte () esportes estrangeiros. Quais? _____

() Entretenimento. Quais? _____

Ouve rádio?

() Todos os dias () parte do dia () enquanto trabalha

() Às vezes

() Raramente

() Enquanto viaja

() Nunca

Quais os programas que ouve?

() só música moçambicana

() música variada (brasileira, moçambicana, estrangeira)

() noticiários nacionais

() noticiários de rádios estrangeiras. Quais? _____

Lê jornal?

() Todos os dias () Semanalmente () Às vezes

() Raramente () Nunca

Nome do jornal: _____

Cobertura () local () provincial () nacional

Sessões do jornal que gosta de ler:

() Política () Sociedade () Opinião

() Flash-Cultura () Economia () Desporto

() Classificados () Internacional

Lê revistas?

() Às vezes () Semanalmente () Mensalmente

() Raramente () Nunca

Nome/ tipo de revista: _____

8 – DIVERSÃO

Legenda: 1- sempre

2- às vezes

3- é raro

4- nunca

Cinema () Teatro () Shows () Festas familiares ()

Festas típicas () Futebol () Outros esportes () Bares ()

Outras (). Quais? _____

9 - RELIGIÃO

Que religião ou culto pratica? _____

Apêndice B – Questionário Semântico-Lexical (QSL)

ESTUDO SOCIOGEOLINGÜÍSTICO DA PROVÍNCIA DA CIDADE DE MAPUTO

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

LEGENDA:

- 1) Reticências (...), no início da pergunta, significam: Como é que se chama? (tomando por base a maneira individual de se falar, além disso, o “você” é mais formal do que “senhor/senhora”.)
- 2) Entre parênteses () estão explicações semânticas para compreensão do item por um pesquisador não nativo em MZ.
- 3) Em LETRA MAIÚSCULA estão os nomes prototípicos para identificar as descrições dadas.
- 4) **Em negrito** estão remissões a itens anteriores. Geralmente vêm precedidas de um traço_____ que indica o local onde o item anterior deve ser encaixado.
- 5) As reticências no final de uma descrição, indicam que o entrevistado deve completar a sentença.
- 6) Sublinhadas estão as observações ao pesquisador, que podem ser: uma outra possibilidade de formulação da pergunta; perguntar se existem outras formas de dizer aquela palavra.

VIDA RURAL

1. MACHAMBA
...o lugar onde as pessoas plantam as frutas e as verduras?
2. AGRICULTOR/ FARMEIRO/ MACHAMBEIRO
... a pessoa que planta as frutas e verduras, que trabalha na _____ **cf. questão 3?**
3. CHISSEPO
...o objeto feito de borracha ou de plástico, que se usa para bater nos animais para fazer eles se moverem, ou mesmo para castigar eles?
4. CUÁCUA
... o fruto redondo, cor de laranja, que ralamos para obter uma espécie de farinha chamada de fuma?
5. MAHEU
...a bebida não alcoólica, de fabrico caseiro, confeccionada de farinha de milho, açúcar e algum fermento, muito consumido em zonas rurais na ocasião de festas como casamentos e missas, por exemplo?
6. CANIÇO
... um coiso que parece o bambu, só que é mais fino, usado para rodear a casa, impedir que entre luz e vento?
7. ESTACA
...o material que faz a estrutura das casas, antes de colocar o ____ **cf. questão 07?**
8. PALHOTA
...o tipo de habitação mais humilde, em forma de um círculo ou de um quadrado, feita a partir estacas, caniço, ou então de matope e capim?

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS/ TEMPORAIS

9. CACIMBA/ HUNGUVA
... uma fumaça que acontece à noite, principalmente nas estações frias, que cobre tudo?
10. ARCO-ÍRIS/ MANTA
Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas fazer mímica. Que nomes dão a essa faixa?

11. ESTRELA CADENTE / ESTRELA DA SORTE
De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

DENOMINAÇÕES HORTIFRUTI

12. MASSALA
...a fruta de casca verde e muito dura, que parece uma madeira, e que se come o miolo de cor castanho-claro onde ficam também as sementes, que são grandes?
13. PAPAIA Mostrar foto
...uma fruta verde, que quando amadurece fica alaranjada, que quando se abre tem muitos caroços pequeninos e redondos, pretos e que é de um sabor muito doce. Mostrar foto
14. ANANÁS Mostrar foto
...a fruta amarela por dentro que tem uma casca dura e escamosa, mas que habitualmente é bem doce e tem um miolo mais durinho.
15. ESPIGA/ MAÇAROCA
Quando se vai colher o milho, como se chama aquilo que se tira do pé?
16. SABUGO/ ENCUCHI
Quando se come todos os grãos do milho, como se chama aquilo que sobra?
17. LANHO (COCO LANHO)
...o fruto do coqueiro, que ainda não atingiu o seu crescimento? Dizemos que está meio-feito?
18. CANHO
... fruto que se come, usado para fazer uma bebida que é fermentada pelo seu sumo? Essa bebida não pode ser vendida, tem que ser ofertada e é bebido junto por homens e mulheres.
19. MAL-COADO/ INGÓVIA/ MMC (Muito Mal Coado)
...um tipo de bebida alcoólica de fabrico caseiro, feita com farelo do milho, tomada no lugar da cerveja em zonas mais afastadas?
20. FEIJÃO NHEMBA
...o feijão que se faz a badjia
21. FEIJÃO VERDE
...aquele vegetal comprido e verde, que tem uns carocinhos dentro, verde claros, que parecem feijão?

22. COUVE Mostrar foto
...um vegetal bem verde, que tem uma folha grande mesmo, com um talo no meio, que se corta fininho, para fazer cozido?
23. SALADA/ ALFACE Mostrar foto e perguntar a diferença entre alface e salada
...um outro vegetal verde, comido habitualmente cru.

CICLOS DA VIDA/CORPO

24. CATINGA/ SOVAQUEIRA
...quando a pessoa tem um forte cheiro debaixo do braço?
25. RABO/MATACO/ BUMBUM/ NÁDEGAS
...a parte de trás do corpo, que usamos para sentar?
26. MENSTRUAÇÃO/CICLO/ PERÍODO
As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
27. FILHO ADOTIVO/ ADOTADA/ CRIANÇA ADOTADA
...a criança que não é filha verdadeira de um casal, nem do homem e nem da mulher, mas que é criada por ele como se fosse.
28. ÚLTIMO DA CASA / CAÇULA/ ÚLTIMA SORTE
... o filho que nasceu por último?

CONVÍVIO/COMPORTEAMENTO SOCIAL

29. KHANIMAMBO / OBRIGADO
Quando alguém lhe faz um favor, você agradece dizendo ...
30. SÍTIO/LUGAR
Quando uma coisa não está aqui, dizemos que ela está em outro...
31. MULUNGU/COOPERANTE
Como se chama, por aqui, uma pessoa estrangeira branca?
32. FANFARRONA/ FALA BARATO
... a pessoa que fala muito?
33. FOFOQUEIRO/ FALA BARATO/ TINDZAVEIRA (que vem de tindzava = fofoca)
...e a pessoa que fala dos outros, é conversador?
34. ALFA/AMANTE/ A OUTRA/ MBUIA
... a mulher que o homem procura fora do casamento?

35. BONGOLA/ BURRA/ LERDA
... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas, que é pouco inteligente?
36. MATRECA
...a pessoa que não é esperta, não é viva?
37. ECONOMISTA/UAFELELA/AGARRADO/ CACATA / AVARENTO
... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?
38. MAU PAGADOR/ ADRABÃO/ MAFIOSO
... a pessoa que não paga suas próprias contas?
39. MABANDIDO/ NINJA/ ROUBADOR/ MARGINAL/ LARÁPIO
...o homem que rouba pessoas, carteiras, entra em casas para roubar?
40. MARIDO ENGANADO/ CHIFRUDO
... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?
41. PROSTITUTA/ PUTA
... a mulher que se vende/ vende seu corpo para qualquer homem?
42. MALTA/ GANG/ BRADAS/ KLAIN
Que nome se dá para um agrupamento de jovens que fazem passeios juntos, vão à escola juntos, andam sempre juntos? O nome desse grupo, qual é?
43. BOICE/ BOSS/ PATRÃO
... aquele que dá as ordens no estabelecimento onde se trabalha?
44. GUARDAS/POLICIAIS/CINZENTINHOS
...os homens que são treinados para defender as pessoas e que levam os bandidos para a esquadra? Perguntar sobre o nome que é dado por causa da cor das roupas deles.
45. CENA/ MACA/ BURLA/ XIMOCO
Os jovens usam essa fala quando você está na rua e acontece alguma confusão, você pergunta para alguém: Qual foi a ...?
46. MADJEMBENE/ DESORIENTADO / VAGABUNDO/ MOLUENE
...a pessoa que anda a vagar nas ruas porque não quer trabalhar? No caso de a resposta ser MOLUENE, perguntar a diferença para “menino de rua”
47. BÊBADO/XIDAJWA
Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?
48. BUMADO/ DROGADO
Que nome dão à pessoa que usou drogas?

49. BABALAZA/ LAZERNA/ RESSACADO
Depois que a pessoa bebe muito e pega sono, no dia seguinte ela acorda com dor de cabeça e mal. Se diz que ela está com ...
50. JEITO/DUREX/PRESERVATIVO
...aquilo que é feito de uma borracha muito fina, que protege as pessoas contra DTSs como a Sida?
51. MULALA
... a raiz de uma planta silvestre que se usa para a limpeza dos dentes, para manter os lábios úmidos e que deixa uma cor amarelada?
52. TOCO DE CIGARRO/ BITUCA/ XIBITE/ BEATA
... o resto do cigarro que se joga fora?
53. SOGRARIA
Quando se vai à casa dos sogros, diz-se que vai à ...

COSTUMES, RELIGIÃO E CRENÇAS

54. XITUKULUMUKUMBA/ XINGUNGUNMANE/ MOMOMO
...o animal imaginário de um olho, uma perna e um braço, ou seja, um monstro, que o adulto usa para assustar a criança quando acha que ela não se comporta bem?
55. FANTASMA/ DEMÔNIO/ ESPÍRITOS
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?
56. FEITIÇO/ KULOIA
...o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém, causar malefícios, doenças, habitualmente feito pelo muloyi?
57. MÉDICO TRADICIONAL/ CURANDEIRO/ FEITICEIRO/ NYANGA/ GANGA
... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?
Perguntar se existem nomes populares para médico tradicional
58. MAL/ DOENTE/ ENFERMA/ INCOMODADA
Quando uma pessoa não está a se sentir bem de saúde, dizemos que ela está...
59. DIA DO HOMEM
...as sextas-feiras, quando os homens saem para se divertir sem suas mulheres?

60. ANELAMENTO/ APRESENTAÇÃO
... o pedido de noivado, quando o rapaz vai à casa da moça para se mostrar aos pais dela?
61. LOBOLO
...a quantia em dinheiro ou outros bens que o noivo entrega à família da noiva, para se oficializar tradicionalmente o casamento?
62. XIGUIANA
...a festa, a cerimônia na qual um grupo de familiares da noiva leva o enxoval e os presentes para a casa do noivo, depois a cerimônia do casamento. Acontece no domingo ou na segunda-feira.
63. PITAKUPFA/ LIMPAR A CASA/ KUBAXINZATINZACA/ LEVIRATO
... a cerimônia de purificação da viúva, quando ela tem que estabelecer um tipo de relação com o cunhado?
Em português se diz que está a ...
64. PAHLAR
...a bênção que se faz na casa pelos espíritos?
65. MHAMBA/ MISSA/ KUPALHA
...as preces e cerimônias feitas em honra de familiares defuntos.
66. NICE
Os jovens costumam usar uma palavra para dizer quando algo está bem, está numa boa, está despreocupado. Dizem que ela está numa _____. Também pode significar uma coisa bonita, agradável. Diz-se que está _____.
Pode dizer que é uma expressão muito usada em “Moçambique é maningue _____” – e esperar que a pessoa complete com “nice”.
67. MAHALA/DE BORLA/ OFERTA
Quando se ganha uma coisa e não paga nada por ela, dizemos que foi de...?
68. BACELA
Como se fala quando uma pessoa compra uma coisa e ganha outra? Essa outra foi o que?
69. XIBUGO/ NGALANGA
...a dança tradicional que traduz a preparação que os homens recebiam para o combate com o inimigo?
70. MARRABENTA/ XISEISAN
...um ritmo e dança que começou aqui em Maputo, em que danças homens aos pares com mulheres, ou mesmo sozinhos, e mexem bastante da cintura pra baixo?

JOGOS E DIVERSÕES

71. CAMBALHOTA/ DAR PINO/ PINO/ FLICKS
... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Fazer Mímica.
72. BERLINDO/ BILA
... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
73. ESTILINGUE / FISGA
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos gostam de brincar?
74. PAPAGAIO
... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
75. BRINCAR ÀS ESCONDIDAS/ JOGO DA BANANA/ ESTAR A NHOLAR
... a brincadeira em que uma criança fica num sítio previamente fixado, de olhos tapados, aguardando sinal para partir em busca de crianças que se foram esconder. Perguntar como se diz quando as crianças vão iniciar um jogo que se brinca junto. Diz-se que a criança está a nholar/ a brincar
76. COITO
...o sítio previamente fixado onde a criança fica parada para esperar que as outras se escondam?
77. NECA (= AMARELINHA)
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? Pedir uma descrição detalhada da brincadeira
78. BAR/ BARRACA
...um lugar pequeno, com um balcão, que os homens costumam ir beber?
79. BILHAR/SINUCA/SNOOKER
... um jogo que acontece sobre uma mesa e em que os jogadores usam um taco de madeira para empurrar bolas coloridas, para que elas caiam em buracos?
80. NTHUVA
...o jogo popular entre jovens e adultos, que consiste na movimentação de pedrinhas ou caroços através de pequenos buracos ou covas feitas no chão ou em tabuleiros de madeira, com regras específicas.
81. UMA VOLTA
...quando a pessoa vai dar um pequeno passeio? Dizemos que ela vai dar um...

HABITAÇÃO / OBJETOS DE CASA

82. CASA DE BANHO
...o local onde se toma banho e se faz as necessidades?
83. PIA
Quando se vai à _____ **cf. questão 88**, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?
84. LAVA-CARA/ LAVATÓRIO
É o local onde se lava as mãos, ou o rosto?
85. GELEIRA
...aquilo que fica na cozinha, que se usa para colocar os alimentos para que fiquem conservados e gelados?
86. ESTENDEDOR/ ESTENDAL/ ARAME
... o lugar onde se coloca as roupas para secar?
87. BOTIJA OU GARRAFA DE GÁS
...frasco redondo e pesado que tem dentro o gás que se usa para cozinhar?
88. MOLAS
...o objeto usado para prender roupas pra secar?

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

89. MATABICHO/ PEQUENO ALMOÇO
... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
90. MATABICHAR
Quando se toma o _____ **cf. questão 89**, se diz que vai...
91. MANGUNGO/ MERENDA/ MARMITA
... a refeição que o trabalhador leva de casa para o serviço?
92. DOCE/ JAM
... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
93. SUMO
...a bebida feita de frutas, que se vende na caixinha ou mesmo pode ser tirada da própria fruta?

94. SURA
...o sumo extraído de várias palmeiras, em especial do coqueiro, bebida fresca ou sob a forma de aguardente?
95. PÃO/ CASSETE
... o alimento que se compra todos os dias de manhã, que se come com manteiga no _____ **cf questão 89?**
96. ROTI/APA
...um tipo de pão asiático, circular e espalmado, muito fino mesmo, feito com farinha de trigo e que se pode comer frito e crocante?
97. PIRIPIRI
...fruto picante, vermelho ou verde, que é usado como condimento em vários petiscos e pratos?
98. ACHAR
...um tipo de conserva feita com bastante manga verde, e também cebola, piri-piri, que fica no óleo e é servida como aperitivo?
99. FEIJOADA
... a comida feita de feijão, repolho e frango, mas que algumas pessoas também fazem com pedaços de carne de vaca?
100. CARIL
...o molho que acompanha o arroz ou a chima, feito com coco e outros ingredientes, que também pode acompanhar carne de vaca, peixe ou cabrito?
101. MACOFU
...a couve, depois de cozida, que se coloca amendoim?
102. CHIMA/ USHUA/ MASSA
... uma coisa feita de farinha de milho ou mandioca, que se mistura com água, e mexe sem parar. Muito consumida aqui em Maputo.
103. MATHAPA
...a comida feita, em geral, com folha de mandioca, que se deixam cozer e depois junta-se o amendoim pilado, que fica em pó, ou mesmo a castanha, e o leite de coco.
104. CHAMUÇA
...o aperitivo em forma de triângulo, de massa folhada, que tem como recheio frango ou carne picada, mas também pode ser de peixe ou vegetais, que se come frita?
105. MATORITORI/ DOCE DE COCO
...um doce feito de coco e muito açúcar?

106. BEBIDA DE CANA/ XIMOVANA
... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
107. CHUINGA/ PASTILHA/ PASTILHA ELÁSTICA
...doce de mastigar que as crianças gostam muito e passam horas com ele na boca.
108. DOCE/ REBUSSADO Mostrar foto
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

109. CUECA/ BIQUINI
... a roupa que o homem usa debaixo da calça?
110. FATO
...a roupa de homem, composta por paletó e calças, que se usa habitualmente junto com a gravata?
111. CAMISETA/T-SHIRT
... aquela roupa feita de pano que é toda fechada e tem duas mangas assim curtas, que vemos muito com escritas da Mcel?
112. CAPULANA
... aquilo que as mulheres usam enrolado no corpo como saia, ou amarrado para carregar bebês?
113. CALAMIDADE
...as roupas usadas que se compra?
Dizer que podem também ser ganhadas através de doativo
114. TRANÇA/ MECHA
...um certo tipo de cabelo usado pelas mulheres, que é feito com um trabalho manual no cabelo da pessoa, e coloca-se cabelo falso?

VIDA URBANA

115. SEMÁFORO / STOP
Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos, com luz vermelha, verde e amarela?

116. PASSEIO/ PASSADEIRA
Os automóveis andam no meio da rua. Como se chamam os locais dos lados, onde as pessoas andam? Fazer mímica
117. DRENOS/ VALAS/ ESGOTOS
... abertura construída na calçada, por onde entra a água das chuvas?
118. ROTUNDA/ PRAÇA
... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular fazer mímica, que os carros têm que contornar?
119. EDIFÍCIO/PRÉDIO
... a construção de três ou mais andares de moradias ou comércio?
120. FLAT
... os sítios onde as pessoas moram, que ficam nesses ____ **cf. questão 119?**
121. CHAPA-CEM/ CHAPA
... o transporte de Moçambique, que vai muito cheio e toca música alta?
122. PARADA/ PARAGEM
... o sítio onde as pessoas ficam a esperar o _____ **cf. questão 131?**
123. CHAPEIRO/ MOTORISTA
... pessoa que dirige o chapa.
124. AUTOCARRO/ MACHIMBOMBO/ CARRO
...o transporte que as pessoas compram para ir de um sítio a outro, assim como os táxis também os usam?
125. CARRINHA/ CARRO DE BAGAGEIRA
...o _____ **cf. questão 124** aberto atrás, que as pessoas viajam de boleia.
126. MACHIMBOMBO/TPM
... o transporte público de Moçambique, muito grande mesmo, que também transporta as pessoas pela cidade, que chegaram há pouco em Maputo?
127. LICENÇA/ CARTA DE CONDUÇÃO
... o documento de porte obrigatório que todo mundo deve tirar se quiser conduzir um carro?
128. ENGARRAFAMENTO / CONGESTIONAMENTO
...quando há muitos carros na rua e, por isso, eles ficam lentos ou parados, deixando os motoristas muito nervosos?
129. HORA DA PONTA
... o momento do dia em que habitualmente ocorre o ____ **cf. questão 128?**

130. BOLEIA
Quando uma pessoa não tem carro e pede para outra pessoa que tem levá-la a algum sítio, porque é seu caminho, está a pedir...
131. BICHA/ FILA
... quando as pessoas ficam umas atrás das outras esperando a sua vez de ser atendida? Como acontece nos Bancos, por exemplo.

OBJETOS

132. TXOVA
... o carrinho puxado à mão, geralmente de duas rodas?
133. PICA/INJEÇÃO
Quando é preciso tomar um remédio que tem que fazer efeito rápido, no hospital mesmo aplicam na veia ou no braço uma seringa com o remédio. Chama-se isso de... Perguntar se existem outros nomes para esse objeto
134. BOLACHAS/ PENSO HIGIÊNICO/ PENSO
...o que a mulher usa quando está no período?
135. BICICLETA/BURRA/ BACICOLA E GINGA
...aquele meio de transporte que tem dois pneus finos, um banquinho pra sentar, que a pessoa tem que pedalar pra se mover com ela?
136. MOCHILA/ SACUDU/ PASTA DE COSTA
...o objeto que os estudantes usam para carregar livros e outros materiais de levar à escola?

RELAÇÕES COMERCIAIS/ ECONOMIA

137. METICAL
...a moeda de pagamento de Moçambique?
138. DUMBA-NENGUE (ku-dumba=confiar / nengue=pernas)
...o comércio informal, onde se vendem mercadorias sem licença da polícia e que os comerciantes tem que correr dos policiais?
139. DUMBA NENGUEIRO
...aquela que pratica o _____ **cf. questão 138** é o ...?
140. FACTURAS/ RECIBO
Quando uma pessoa compra uma coisa, depois que paga ela recebe um comprovante de que pagou. Isso se chama...

141. BAZAR/MERCADO/ CHITOLO
...o local onde se podem comprar frutas e verduras e também algum mantimento?
142. BANCA
... o local do mercado onde ficam em cima os legumes e as frutas.
143. CANDONGA
...a venda de produtos a um preço muito acima do que a maioria vende e do que é fixado como justo?
144. CANDONGUEIRO
Aquele que faz a _____ **cf. questão 155** é o ...?
145. CHITIQUE
... aquele modo de emprestar dinheiro que se faz entre um grupo, em que todos contribuem com uma quantia e a cada semana, ou mês, aquela quantia vai pra uma das pessoas que contribuiu, escolhida.
146. MAVIKI/ ESTAFETO
...o trabalhador que é recrutado e pago ao dia, como por exemplo o estivador ou o carregador do porto?
147. MUKHERO/ CONTRABANDO
...os objetos que as pessoas da região da Namaacha e de Ressano Garcia transportam aos poucos para um lado e outro da fronteira, e que é feito mais por mulheres?
148. MUKHERISTA
A pessoa que faz o _____ **cf. questão 160** é o...?
149. QUEBRAS/ PREJUÍZO
Quando os negócios não vão bem, diz-se que ele teve...
150. TCHONADO/ POBRE
...o homem que não tem dinheiro, que está falido?

FOTOS

17.



18.



26.



127.



	Masculino					Feminino				
	MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57
CICLOS DA VIDA E DO CORPO										
24	catinga	sovaqueira	cheira mal	cheiro nauseabundo	*****	catinga	sovaqueira	sovaqueira	catinga	catinga
25	rabo	rabo	nádegas	nádegas	nádegas	rabo	bumbum	nádegas	nádegas	nádegas
		nádegas		rabo		nádegas	rabo		traseiro	bumbum
										rabo
26	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação	menstruação
	"estou a ver a lua"	ciclo menstrual		"está a luar"	"ela viu a lua"	período menstrual	período	período	lua	
		período				"estou com história"	Chica	ciclo menstrual	período	
27	adotada	NNE	adotado	adotivo	enteada	filha adotiva	adotiva	adotiva	adotiva	adotiva
				bastardo						
28	xigumazine	Benjamin	último	Benjamin	último filho	o último	mais novo	caçula	caçula	Benjamin
		caçula				caçula	caçula			caçula
		xigumazine								

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL										
29	obrigado	obrigado	obrigado	obrigado	obrigado	obrigada	obrigada	obrigada	obrigada	obrigada
	khanimambo								khanimambo	agradecida
										gracie
										khanibambo
30	sítio	lugar	lugar	lugar	lugar	lugar	lugar	lugar	lugar	lugar
		sítio		sítio		sítio		sítio	sítio	
				parte						
31	mulungo	mulungo	estrangeiro	estrangeiro	njungo	estrangeiro	mulungo	estrangeiro	estrangeira branca	branca
		branco		cooperante				branco		
32	NNE	fala barato	falador	fala barato	waculambuca	fala muito	tagarela	fofoqueira	tagarela	tagarela
		tagarela		papagaio		tagarela	papagaio		fala barato	
33	fofoqueiro	fofoqueira	fofoqueiro	intriguista	ncuwenya	mixiriqueira	fofoqueiro	fofoqueira	fofoqueiro	boateira
				fofoqueiro		fofoqueira	bisbilhoteiro	intriguista		fofoqueira
34	amante	amiga	amante	concubina	npende	amante	amante	amante	amante	amante
	mbuia	amante		alfa 2				alfa	alfa	concubina
		concubina						perua		alfa 2
		mbuia						leviana		amiguinha
		alfa								
35	burro	atrasado	demente	fraca	wa cupoma	burro	disléxica	demente	cabeça dura	burra
		nabo							lerda	
36	peessoa parada	dorminhoco	tapado	apagada	kulidiuca	calma	acanhada	molengão	acanhada	estúpida
		banana		remolgo					tímida	atrasada
37	agarrado	fureta	avarento	avarento	wa kuliima	avarento	agarrado	cacata	cacata	avarento
	ter gondoro	cacata		felelão			cacata	mão de vaca	mão de vaca	agarrado
		gondoro					mão de gancho	carrasco	forreta	cacata
38	burlador	caloteiro	gaiteiro	aldrabão	devedor	aldrabão	mal caráter	burlador	*****	caloteira
							burlador	mafioso		
39	ladrão	ladrão	assaltador	ladrão	ladrão	ladrão	carteirista	ladrão	ladrão	ladrão
	gatuno			burlador			ladrão	carteirista	muive	assaltante
	muive									
40	comeado	cornudo	traído	*****	*****	como	chifrudo	comeado	cornudo	chifrudo
		como					traído		cornudo	cornudo
41	prostituta	puta	puta	prostituta	prostituta	prostituta	prostituta	prostituta	prostituta	prostituta
	puta	vaca		leviana	trabalhador da noite			leviana	puta	
		prostituta								
42	*****	gang	*****	amigos	*****	malta	malta	colegas	bradas	turma
				bando		gang	gang	amigos	gang	
43	chefe	chefe	patrão	chefe	patrão	chefe	empresário	chefe	chefe	chefe
	manda chuva		dono	superior	chefe	boss	patrão		dono	responsável
									boss	boss
44	polícia	polícia	*****	polícia	polícia	polícia	polícia	polícia	polícia	polícia
	cinzentinhos	cinzentinhos		guarda	estrutura	cinzentinhos	cinzentinhos	cinzentinhos	cinzentinho	
45	bagunça	NP	*****	confusão	aconteceu	aconteceu	maca	aconteceu	maca	maca
				bagunça					cena	
				problema						
46	preguiçoso	molwene	vadio	vagabundo	vagabundo	marginal	vagabundo	preguiçoso	vagabundo	vagabundo
	chula			bandido		molwene				

47	bêbado	bêbado	bêbado	bêbado	bêbado	bêbado	bêbado	alcoólico	bêbado	bêbado
	grosso			embriagado					embriagado	
48	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado	drogado
49	babalaza	babalaza	lazeira	lazerna	babalaza	babalaza	babalaza	"está com copos"	lazeira	ressaca
	lazeira	lazeira		babalaza			ressaca		babalaza	babalaza
50	camisinha	camisinha	preservativo	preservativo	camisa	camisa	preservativo	preservativo	preservativo	camisinha
	preservativo	preservativo	jeito		jeito	jeito	jeito	jeito	condom	chapéu de chuva
		borracha					camisinha			
51	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala	mulala
52	biata	biata	beata	biata	biata	biata	biata	biata	biata	beata
53	sograria	sograria	casa dos sogros	sograria	sograria	sograria	sograria	sograria	sograria	sograria

	Masculino				Feminino					
	MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57
COSTUMES, RELIGIÃO E CRENÇAS										
54	xigono	xipoco	fantasma	espantalho	espantalho	espantalho	momomo	bruxa	unicorno	momomo
	fantasma				libimo	libimo			diabo	
55	fantasma	xipoco	fantasma	fantasma	fantasma	fantasma	fantasma	fantasma	fantasma	fantasma
56	feitiçaria	feitiço	feitiço	feitiçaria	NP	NP	feitiço	magia	feitiço	feitiço
		muloy								
57	curandeiro	curandeiro	curandeiro	ervanário	curandeiro	curandeiro	curandeiro	curandeiro	ervanário	curandeiro
	ervanário	nhanga			ganga	médico tradicional	ervanário	maziones	curandeiro	macangueiro
58	doente	doente	doente	doente	mal	doente	doente	doente	doente	doente
		incomodada								incomodada
59	dia do homem	sexta-feira, dia dos homens	sexta-feira, dia dos homens	dia dos homens	dia dos homens	dia dos homens	dia dos homens	dia dos homens	sexta-feira, dia do homem	dia do homem
60	apresentação	anelamento	****	apresentação	apresentação	apresentação	oficialização do namoro	apresentação	pedido	apresentação
61	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo	lobolo
62	xiguiane	xiguiane	****	xiguiane	****	xiguiane	xiguiane	xiguiane	xiguiane	xiguiane
63	kutchinga	kutchinga	pitakupfa	purificação	kutchinga	****	kutchinga	kutchinga	kutchinga	kutchinga
	levirato	levirato								
64	kupalha	kupalha	kupalha	missa	lavar a casa	kupalha	****	kupalha	missa	kupalha
65	mambha	kupalha	kupalha	missa	****	missa	missas	missa	missa	missa
				orações						
66	nice	nice	boa	well	nice	fixe	well	nice	well	well
			nice	nice		well	nice		boa	nice
						nice			nice	good
67	de borla	presente	oferta	****	de borla	de graça	de graça	****	de graça	de borla
	de graça	NNE			de graça	oferta	de borla			de graça
										pechincha
68	bacela	de borla	****	gratuito	oferta	de graça	oferta	****	bônus	bacela
		de graça								
		mahala								
69	****	xigubo	****	zore	xigubo	xigubo	mapico	xigubo	xigubo	****
							galanga			
							xigubo			
70	****	marrabenta	macoaiela	marrabenta	****	****	marrabenta	marrabenta	marrabenta	marrabenta

JOGOS E DIVERSÕES										
71	****	****	****	pino	cambalhota	pinos	pino	cambalhota	pino	pino
72	berlinde	berlindes	berlinde	berlindes	berlinde	berlinde	berlindes	berlinde	berlindes	berlinde
								bolinhas		
73	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga	fisga
74	papagaio	papagaio	papagaio	papagaio	pavão	papagaio	papagaio	****	papagaio	papagaio
75	escondida	às escondidas	****	gato e rato	namuno	escondidas	cabra cega	ntumelologo	escondida	banana
		cabra-cega					escondidas		agarrada	
76	****	****	****	NNE	****	NNE	coito	****	****	****
77	cheia	neca	****	****	****	neca	neca	neca	neca	neca
78	bar	barraca	grafeira	bar	barraca	bar	bar	bar	barraca	bar
							tasca			

79	*****	bilhar	bilhares	bilhares	bilhar	bilhares	bilhares	*****	*****	bilhares
80	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva	ntxuva
81	questão desconsiderada - mal formulada									

Masculino					Feminino				
MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57

HABITAÇÃO E OBJETOS DA CASA

82	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho	casa de banho
	xicute									
83	pia	sanita	pia	cagatório	pia	pia	pia	pia	sanita	sanita
							sanita		retrete	retrete
84	bacia	lavatório	lavatório	lavabo	lavabo	bacia	lavatório	lavatório	lavabo	lavatório
85	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira	geleira
86	fio	estendal	estendal	estendal	aramé	varal	estendal	estendal	estendal	estendal
	estendal				fio			fio		
87	botija	botija	botija de gás	botija	botija	botija	botija de gás	botija	garrafa de gás	botija de gás
88	molas	mola	molas	molas	mola	mola	mola	molas	molas	mola

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

89	matabicho	matabicho	matabicho	matabicho	matabicho	pequeno almoço	matabicho	pequeno almoço	pequeno almoço	pequeno almoço
						matabicho	pequeno almoço	matabicho	matabicho	matabicho
90	matabichar	"vai ao pequeno almoço"	matabichar	matabichar	tomar o matabicho	matabichar	matabichar	matabichar	matabichar	matabichar
										engordar o bicho
91	merenda	marmita	lanche	rancho	mangungwe	marmita	marmita	lanche	marmita	marmita
		mangungu	marmita	mangungu		famel	mangungu		mangungu	
92	marmelada	doce	compacto	marmelada	jam	jam	jam	*****	jam	jam
	jam	jam							marmelada	
									compota	
									doce	
93	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo	sumo
94	sura	sura	sura	sura	sura	sura	sura	sura	sura	sura
95	pão	pão	pão	pão	pão	pão	pão	pão	pão	pão
96	*****	*****	*****	*****	*****	apas	apa	*****	apas	apas
97	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri	piripiri
98	achar	achar	*****	achar	achar	achar	achar	achar	achar	achar
99	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada	feijoada
100	guizado	caril	caril	caril	caril	caril	caril	caril	caril	guizado
101	caril de couve	caril de couve	couve	*****	couve	*****	macofu	caril de couve	couve	macofu
									macofu	
102	chima	ushua	ushua	ushua	chima	ushua	ushua	chima	chima	chima
	ushua	chima	chima	papa	uguali	chima	chima	papa de milho	ushua	ushua
103	matapa	matapa	*****	*****	matapa	matapa	matapa	matapa	matapa	matapa
104	chamussa	chamussa	chamussa	*****	chamussa	chamussa	chamussa	chamussa	chamussas	chamussa
105	*****	matoritori	*****	tortor	*****	matortor	cocada	matortor	doce de coco	matoritori
									cocada	
									toritori	
106	NP	ximowana	aguardente	aguardente	*****	ximowana	aguardente	ximowana	*****	tontonto
			nipa				tontonto			
107	chuinga	chuinga	chuinga	pastilha	chuinga	chiclete	chuinga	pastilha	chuinga	chuinga
	pastilhas	pastilha		chuinga		chuinga	pastilha	chuinga	pastilha	pastilha elástica
									pastilha elástica	
108	doce	doce	caramelo	rebussado	doce	doce	rebussado	doce	rebussado	rebussado
	kofeto	xidosana					doce	rebussado		doce
		rebussado								

	Masculino					Feminino				
	MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57
VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS										
109	biquini	cueca	cueca	biquini	biquini	cueca	cueca	biquini	cueca	cueca
	cueca	biquini		cueca	cueca		boxer	cueca	boxer	biquini
110	fato	fato	****	fato	fato	fato	fato	fato	fato	fato
111	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete	camisete
		t-shirt				t-shirt	t-shirt		t-shirt	t-shirt
112	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana	capulana
113	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade	calamidade
									da boutique sacode	
114	mechas	trança	tranças	trança	mechas	mechas	mechas	tissagem	tranças	mechas
		extensão			tissagem			mecha	mechas	

VIDA URBANA										
115	semáforo	semáforo	sinal luminoso	semáforo	semáforo	semáforo	semáforo	semáforo	semáforo	semáforo
					stop					
116	passeio	passeio	passeio	passeio	passadeira	passeio	passadeira	passeio	passeios	passeios
117	sarjetas	sarjeta	esgotos	vala	esgoto	caleiras	esgotos	valas	sarjeta	sarjeta
					fossa	drenos				
118	rotunda	rotunda	praça	rotunda	rotunda	rotunda	rotunda	rotunda	rotunda	rotunda
		praça								
		praceta								
119	prédio	prédio	prédio	condomínio	edifício	prédio	prédio	prédio	prédio	prédio
		edifício				edifício				edifício
120	flat	flats	flats	flat	flat	flat	flats	flats	flats	flat
						apartamento				
121	chapa	chapa	chapa	chapa cem	chapa	chapa	chapa	chapa cem	chapa	chapa cem
				chapa cem			semicoletivo			
122	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem	paragem
123	chapeiro	chapeiro	chapeiros	motorista	motorista	chapeiro	chapeiro	chapeiro	motorista de chapa	chapeiro
		motorista	motoristas			motorista	motorista	motorista	chapeiro	
						condutor				
124	carro	carro	****	carro	carro	carro	carro	carro	automóvel	carro
		automóvel		viatura		veículo		viatura	carro	
125	caixa aberta	carrinha	NP	NP	caixa aberta	carrinha	carrinha	carrinha	carrinha	carrinha
126	machibombo	machibombo	machibombo	autocarro	machibombo	machibombo	machibombo	TPU	autocarro	machibombo
	autocarro	autocarro		machibombo		autocarro	chibomba	TPM	machibombo	autocarro
	bus									
127	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução	carta de condução
128	tráfego	congestionamento	engarrafamento	engarrafamento	engarrafamento	engarrafamento	congestionamento	congestionamento	engarrafamento	engarrafamento
		engarrafamento					trânsito		congestionamento	
129	horas de ponta	hora de ponta	hora da ponta	horas da ponta	hora de pico	hora de ponta	hora de ponta	hora da ponta	hora de ponta	hora de ponta
						hora de pico				
130	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia	boleia
131	bicha	bicha	bicha	bicha	bicha	bicha	bicha	bicha	fila	fila
		fila		fila	fila	fila	fila	bicha	bicha	bicha

OBJETOS										
132	tchova	tchova	tchova	tchova-xitaduma	tchova	tchova	tchova	tchova	tchova	carrinho de mão
									carrinho de mão	tchova
133	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção	injeção
						pica	pica	pica	pica	pica
134	penso	penso	penso higiênico	penso	modess	penso	penso higiênico	pensos	penso higiênico	pensos higiênicos
		pensos higiênicos				modess	modess	modess	tampão	calço
									bolacha	
135	bicicleta	bicicleta	****	bicicleta	bicicleta	bicicleta	bicicleta	bicicleta	bicicleta	bicicleta
						baika				
136	pasta	mochila	pasta	sacola	pasta	mochila	pasta	pasta	mochila	mochila
		saco		mochila		pasta	mochila		sacola	sacola
									pasta	pasta escolar

	Masculino					Feminino				
	MAS51	MAM56	MEJ59	MAM65	MRM68	FOT47	FSM48	FAM48	FDC48	FLA57
	RELAÇÕES COMERCIAIS / ECONOMIA									
137	metical	metical	metical	metical	metical	metical	metical	metical	metical	metical
138	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	dumba-nengue	mercado informal	dumba-nengue
139	candongueiro	vendedores ambulantes	dumbanengueiro	dumbanengueiro	trabalhador informal	dumbanengueiro	dumbanengueiro	*****	dumba-nengueiro	informal
		informais								
140	recibo	recibo	recibo	fatura	recibo	recibo	recibo	recibo	recibo	recibo
				recibo						
141	mercado	supermercado	supermercado	mercearia	mercado	mercado	bazar	mercearia	mercearia	mercado
	bazar	mercearia	lojas			bazar	mercado	mercado	supermercado	bazar
		loja	mercado			loja		bazar	loja	supermercado
		cantina							cantina	
142	banca	montra	bancas	prateleiras	banca	banca	banca	banca	banca	banca
143	candonga	candonga	especulação	candonga	candonga	especulação	especulação	candonga	inflação	especulação
						candonga				
144	candongueiro	candongueiro	*****	candongueiro	candongueiro	candongueiro	*****	comerciante	*****	*****
145	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique	chitique
146	biscateiro	trabalhador sazonal	eventual	carregador	estivador	estivador	biscates	part time	*****	tarifeiro
						eventual				
147	mukhero	mukhero	comércio informal	mukhero	mukhero	mukhero	*****	mukhero	mukhero	mukhero
148	mukherista	mukherista	mukherista	mukhereiro	mukhereiro	mukherista	*****	mukheristas	mukheristas	mukherista
149	caiu	azar	queda	queda	azar	caiu	*****	quebras	quebra	queda
		prejuíz	prejuízo						prejuízo	
150	tchonile	xitchone	pobre	tchonado	tchonado	falido	tchonado	chulo	falido	xitchone
		falido		falida						tchonado